

DOSSIER DE IMPRENSA

<< CETTE TÉLÉVISION EST LA VÔTRE >>

MARIANA OTERO/1997

LUÍS FILIPE MENEZES

Nos últimos congressos do PSD saiu a chorar ou fechou-se num quarto a digerir a derrota. No próximo poderá entrar de cabeça levantada e ninguém lhe negará uma vice-presidência, ou o cargo de secretário-geral. Marcelo Rebelo de Sousa já percebeu que nada fará no partido sem ouvir o homem que ganhou a Câmara de Gaia e pintou de laranja a Junta Metropolitana do Porto. Luís Filipe Menezes provou que os seus planos a longo prazo estavam certos e que todos os riscos eram controlados. À beira de abandonar a liderança do PSD/Porto, pode dar-se ao luxo de não interferir directamente na sucessão. Mas está ciente de que uma palavra sua mudará todos os planos de jogo. Até porque já se move noutra tabuleiro. (R.J.P.)

**Controversos****EMÍDIO RANGEL**

A fórmula de como vender um presidente, que explicou no documentário de Mariana Otero «Esta É a Vossa Televisão», mereceu a Emídio Rangel, no «Le Monde», a acusação de ser um homem sem escrúpulos. Contestado por desprestigiar o jornalismo — com a «Cadeira do Poder», as polémicas em torno do escândalo da selecção de futebol em «Os Donos da Bola» e o recente «Filhos da Nação» —, o poderoso director da SIC continua, no entanto, a garantir à estação uma fatia de 50 por cento de «share». (T.M.)

**HERMAN JOSÉ**

Voltou no ecrã da RTP a dar o seu melhor, depois de vários anos a dar «Parabéns». Provou que no humor continua sem concorrência e, apesar do namoro da SIC, mantém-se fiel ao serviço público. Os que não gostam sustentam que Herman amoleceu e não ousa atacar o poder. Para os outros — os estudos de audiência revelam que «Herman Enciclopédia» é visto por um em cada dez portugueses —, o artista está melhor do que nunca. O sucesso ouve-se nas ruas. Frases como «Não havia necessidade» e «Fantástico, Melga!» já entraram no discurso nacional. (T.M.)

**JOÃO VALE E AZEVEDO**

Em apenas dois meses de mandato como presidente do Benfica, João Vale e Azevedo já ganhou o título de mais polémico dirigente desportivo português. Ao denunciar os contratos com a Olivadosports, o líder benfiquista não só se colocou contra o monopólio das transmissões televisivas dos jogos de futebol como afrontou um dos maiores poderes do desporto-rei nacional. Entretanto, o advogado que ganhou a cadeira da presidência da Luz em 31 de Outubro de 1997 está também nas primeiras páginas dos jornais pela sucessão de processos movidos contra si no exercício da sua profissão. (J.M.M.)

SÁ PINTO

Quando, dentro de alguns meses, regressar aos relvados, após cumprir um ano de castigo que lhe foi imposto, Ricardo Sá Pinto tem uma certeza: poderá realizar exhibições de génio, marcar muitos golos e mesmo voltar à selecção, mas nada disso branqueará a agressão ignóbil que cometeu sobre Artur Jorge, na manhã de 26 de Março, no Estádio do Jamor. O acontecimento insólito correu mundo e degradou ainda mais a imagem do futebol português. O Sporting, depois de o apoiar, rejeitou-o, mas os espanhóis da Real Sociedad contrataram-no porque acreditam na regeneração do avançado. (J.P.)

**JOSÉ LUÍS JUDAS**

Foi um dos protagonistas dos casos das autárquicas, quando um seu antigo contabilista revelou que o presidente da Câmara de Cascais não declarara o IRS referente aos anos de 94, 95 e 96. Mas José Luís Judas acabou por sair ileso da polémica. Refugiu-se nos argumentos de que se tratava de «uma tentativa de assassinato político» e passou no teste das eleições, pois foi reeleito. Perdeu, no entanto, a confiança de três mil eleitores, e com isso o PSD ganhou-lhe um vereador. (C.F.)

**BELMIRO DE AZEVEDO**

Foi preciso um empresário do Norte sair por entre a bruma das obras, por vezes feitas à pressa, para dotar a grande capital de um verdadeiro centro comercial. Um passo sempre à frente da concorrência. Belmiro sabe que quem vai à frente faz poeira — quem vai atrás come a poeira. Este ano tornou-se banqueiro, afugentou a concorrência na corrida à licença para o terceiro operador de telemóveis, encaixou alguns milhões de contos em operações na Bolsa e investiu em vários pontos do Globo. O controverso processo da Torralta poderá ser o seu «cavalo de Tróia» para o assalto ao sector turístico. Contrariando este ciclo de negócios bem sucedidos, Belmiro não consegue retirar o jornal «Público» (que acaba de sair de uma crise directiva e de ver as suas instalações do Porto serem invadidas por um supermercado da Sonae) da zona vermelha. (A.F.)

**A descer**



PUBLICA

Entrevista Mariana Otero e a SIC
Viagem Um guia do reino de São
Prendas Propostas para o Natal

Conto de José Eduardo Agualusa

O dia em que prenderam o pai Nata

7 DEZEMBRO
PÚBLICO

“FIQUEI SURPREENDIDA COM A OBSESSÃO”

Texto **Margarida Portugal
e Paulo Curado**
Fotografias **Bruno Rascão**





Transformou-se do dia para a noite na mais famosa “free lancer” de Portugal, esta francesa que conseguiu mostrar ao mundo o avesso de uma televisão comercial. Um olhar indiscreto, directo e duro que despertou críticas apaixonadas sobre o que move e como se move a SIC, na sua cruzada cega pelas audiências. Mariana Otero obteve os seus 15 minutos de fama com 60 minutos de um documentário sobre o canal de sucesso português. O bastante para virar o feitiço da SIC contra o vaidoso feiticeiro de nome Rangel. Opiniões, desabafos e revelações da autora de “Esta televisão é a vossa”.



O dr. Rangel, com o Manuel Fonseca, António Borga, Helena Forjaz. Foram estes os primeiros espectadores do documentário. Ninguém o viu antes deles.

1 — Revelações

PÚBLICO — Vamos começar pelo princípio. Como é que foi? Chegou lá e disse: "Quero fazer um documentário sobre a SIC..."

Mariana Otero — Falei primeiro com a Isabel Costa, que conhece muito bem o mundo da televisão, tivemos um encontro com o dr. Rangel, que disse imediatamente que sim.

P. — Sem condições?

R. — Eu disse que queria fazer um trabalho sobre uma televisão comercial, que não ia fazer publicidade à SIC, que tinha escolhido a SIC porque era uma televisão exemplar a nível europeu. Era evidente que não ia buscar as coisas particulares da SIC, mas trabalharia sempre na óptica de uma televisão comercial europeia. Ele falou-me de publicidade, na postura em termos de audiências. Mostrou-me o livro com as audiências minuto a minuto, foi ele que me falou imediatamente no paralelo audiência/publicidade, foi ele próprio o primeiro a falar-me disso. Ele sabia muito bem o que eu ia fazer, sabia que vinha do

ARTE [canal franco-alemão de serviço público] e por aí fora.

P. — O documentário foi feito para o ARTE?

R. — Não, eu sou independente, sou "free lancer", neste caso fui falar directamente com o ARTE porque achava que precisava do ARTE para ter autorização da SIC, parti do princípio que a SIC não ia dizer que sim a uma pessoa assim caída do céu. Disse o que queria e o ARTE disse que sim, "se a SIC quer, nós aceitamos produzir, pomos uma parte do dinheiro". Depois a produtora com quem trabalho pôs uma outra parte, o Centro Nacional de Cinematografia também, o IPACA contribuiu, bem como a RTBF [televisão belga francófona] — tratou-se de uma co-produção do ARTE que foi quem pôs a maior parte do dinheiro.

P. — Quanto é que custou o documentário, já agora?

R. — Um milhão e meio de francos, qualquer coisa como 45 mil contos.

P. — E quanto tempo demorou a fazer?

R. — Comecei a fazer a investigação em Fevereiro e Março de 96, depois filmei Maio, Junho, al-

guns dias de Setembro e alguns dias de Outubro. Ao todo, 60 horas. Parece muito, mas não é muito em vídeo. Em cinema, sim, mas em vídeo é pouco. E muito foi para o lixo, porque não interessava.

P. — Mas como é que conseguiu estar sempre nos momentos certos, no lugar certo? Alguém lhe dizia o que ia acontecer?

R. — Passava uma boa parte do tempo, quando não estava a filmar, a falar com as pessoas para saber o que estava a acontecer. Havia algumas coisas de rotina, por exemplo, a reunião da publicidade é todas as segundas-feiras. Mas depois há questões excepcionais como o foi, por exemplo, o episódio das telenovelas e dos telefonemas para o Brasil. Eu sabia que iria haver uma reunião com o dr. Rangel às duas da tarde, mas é evidente que nunca era às duas da tarde, e então esperamos sentados no corredor três, quatro, cinco horas. Era um pouco embaraçoso, porque quem passava havia de pensar que eu não fazia nada (risos). Esperávamos o que fosse necessário para não perder o início da reunião.

P. — E quando terminou o trabalho, ninguém pediu para ver o produto final?

R. — Eu acabei o filme a 16 ou 17 de Junho, no dia 19 estava a mostrá-lo ao dr. Rangel, com o Manuel

vende bem, muito eficaz, com um director igualmente eficaz, simpático, que nunca é ridículo, que faz bem o seu trabalho e que, no final, ganha sempre. Para ele, a imagem era muito positiva. Mas os críticos da imprensa, seja francesa ou portuguesa, usaram o filme para criticar a televisão comercial em geral e depois as coisas mudaram. Mas não foi essa a primeira leitura que ele fez.

2 — Lamentos

P. — Considera então que as Conversas Secretas e a espécie de prefácio de Rangel à exibição do documentário foram uma forma de amortecer o impacto que eles pensavam que iria ter?

R. — Eu entendi a história das Conversas Secretas como uma espécie de direito de resposta da SIC, achei que era normal a SIC tentar defender-se.

P. — Normal? Porquê?

R. — Bom, eu filmei a SIC durante dois meses e se eles não estão contentes com isso têm o direito de o dizer. Parece-me uma questão de boa educação. Eu aceitei a entrevista sabendo à partida que serviria mais para bater no filme do que para me deixar falar. Aliás, quase não me deixaram falar...

P. — E depois desta polémica toda, nunca mais voltou a falar com Rangel?

R. — Falei com ele um dia antes do documentário passar no ARTE, depois do artigo do "Le Monde" e de toda a imprensa portuguesa já ter feito os seus comentários. Estive no gabinete dele, porque ele queria fazer uma conferência de imprensa comigo presente, só que entretanto ele foi de viagem e nunca mais se falou disso. A última vez que o vi foi na televisão, com um ar como eu nunca tinha visto antes e fiquei muito surpreendida, porque na última vez que o vi estava furioso, sim, mas não contra mim, ou contra o filme. Aquilo que o incomodava na altura era a reacção ao filme e não o trabalho em si. E depois na televisão vejo-o a falar contra o filme, com uma postura tão agressiva, a dizer que a SIC devia fazer o mesmo no ARTE. Ele fez passar a ideia de que eu atraígoei a confiança dele, mas isso não é verdade, é só uma forma de se defender.

P. — Consegue perceber a reacção de Rangel?

R. — A reacção não é bem dele, vem de mais alto que ele, porque ele mudou de discurso.

P. — Alguma vez admitiu a hipótese de a SIC passar o documentário?

R. — Sim, sim. Eu disse desde o início que se a SIC quisesse passar o filme, ele estaria disponível, à borla, portanto. Depois, quando viram o filme, disseram "bom, vamos pensar...". Quando saiu o artigo no "Le Monde", o dr. Rangel foi claro e disse que nem pensar em passar o filme. Afinal, acabaram por adquirir o filme junto da produtora e passá-lo.

P. — E o que pensa desse ziguezague todo?

R. — O que me aborreceu foi, antes de mais, terem-me deixado filmar com toda a liberdade, e depois terem recuado em relação ao que deixaram fazer, dando a entender que a oportunidade foi mal aproveitada. Eu disse desde o início que não ia fazer um filme de publicidade. Tenho muita pena, em primeiro lugar por uma questão afectiva, porque eu gostei muito destas pessoas e tenho pena que as coisas tenham terminado desta forma. Um documentário é sempre uma coisa muito vivida, passa-se muito tempo com as pessoas, enfim...

*Um documentário tem uma força maior
do que qualquer reportagem —
a reportagem tem um jornalista no meio que
se posiciona entre o que acontece e o que
vemos, é como um filtro, faz um discurso por
cima. Aqui não há. Para as pessoas parece
incrível, é a realidade nua. Bom... não é a
realidade, é uma parte da realidade, um
olhar subjectivo sobre o real.*

Fonseca, António Borge, Helena Forjaz. Foram estes os primeiros espectadores do documentário. Ninguém o viu antes deles.

P. — E qual foi a reacção na altura?

R. — Penso que eles gostaram. Disseram apenas que falava demasiado das telenovelas, mas na altura das filmagens a telenovela foi um problema, não se podia fugir a isso. E disseram também que não se dizia muita coisa sobre a informação. Mas foi apenas isto, não houve uma reacção nem sequer parecida com a que tiveram depois quando o documentário passou na televisão.

P. — Como é que explica então essa reacção intempestiva assim ao retardador?

R. — Mudou dessa forma por causa dos artigos publicados e da guerra que existe entre a SIC e a imprensa e o dr. Rangel teve aí uma nova forma de ver o filme. Na primeira vez, gostou do trabalho porque mostrava uma televisão que trabalha bem,



A televisão não deve ser um espelho, deve ser um instrumento de descoberta, de outra forma de pensar.

P. — Hoje, depois disto tudo, faria o mesmo documentário?

R. — Sim, o mesmíssimo. Eu fiz exactamente o que queria fazer — um documentário sobre o processo como se tomam decisões numa televisão comercial — e isso está tudo no filme. De resto, toda a reac-

ção tem a ver com o facto de em Portugal nem sequer existem muitos documentários, e um género muito raro, quase inexistente. As pessoas — mais a imprensa — não conseguem deixar de ficar um pouco surpreendidas, até pela forma do trabalho. De repente, vêem as coisas por dentro, como

os olhos de uma mosca, e todas as frases do dr. Rangel ficam com uma força que nunca tiveram antes, ainda que se trate de coisas já ditas anteriormente. A força do documentário é esta: é real.

P. — É por isso que faz sobretudo esse género?

R. — Sim, é por isso que eu gosto do documentário. Porque não é só o que a pessoa diz, é toda a sua presença, o corpo, todas as coisas que mexem com todos os sentidos. Um documentário tem uma força maior do que qualquer reportagem — a reportagem tem um jornalista no meio que se posiciona entre o que acontece e o que vemos, é como um filtro, faz um discurso por cima. Aqui não há. Para as pessoas parece incrível, é a realidade nua. Bom... não é a realidade, é uma parte da realidade, um olhar subjectivo sobre o real. O dr. Rangel não precisa de dizer o que é ou o que não é a SIC, há muitas formas de olhar, há muitas pessoas da SIC que, evidentemente, não estão lá porque isto não é um retrato, não é um trabalho jornalístico. Mas o que está lá corresponde a uma realidade, isso sim. Não a toda, mas àquela que corresponde a uma televisão comercial. E não me interessava julgar a TV

Contra uma televisão comercial é difícil ganhar. Primeiro, porque não tem outro objectivo para além do de ganhar audiências, e depois porque dá às pessoas, não o que elas querem, mas o que elas já conhecem, aquilo em que elas se reconhecem, e isso é anticomunicacional. A televisão não deve ser um espelho, deve ser um instrumento de descoberta, de outra forma de pensar.

comercial, dizer se era boa ou má, mas fazer sobressair as problemáticas, através das histórias. O documentário para mim é fazer com que as pessoas façam perguntas, pensem sobre as coisas. E isso foi conseguido.

P. — Um documentário sobre a TF1, por exemplo, provocaria, em sua opinião, a mesma polémica em França?

R. — Se fosse sobre a TF1, sim.

P. — A TF1 é igual à SIC?

R. — Igual. Para mim é a mesma em termos de programas. Sei que o dr. Rangel não gosta que se diga isso, porque pensa que a SIC tem uma programação diferente, mas isso não é verdade. A TF1 também tem reportagens, tem o mesmo tipo de estratégia, às 20h45, mais ou menos, depois do telejornal, há um telefilme — apenas não há telenovela —, com exactamente os mesmos ingredientes: o amor, meninos, quem é o pai, quem é a mãe, o drama, e depois do filme há um jogo, um concurso, um "show" ou "talk-show". Enfim, não há estes Toda a Verdade às duas da manhã, mas tirando isso...

P. — A TF1 contrataria Emídio Rangel para trabalhar com eles sem hesitar?

R. — Sim, eu fiz-lhe uma boa publicidade, considerando que ele podia trabalhar em qualquer país. Há, apenas, uma coisa diferente. Em França, é difícil imaginar que um homem possa ter tanto poder, porque na TF1 há vários directores. Aqui é um só homem que é director de programas, director de informação, um só homem decide tudo.

P. — Foi por isso que a imprensa francesa foi tão crítica em relação ao que se via no documentário?

R. — A imprensa francesa falou da SIC, mas podia perfeitamente estar a falar da TF1. Quase todos os artigos, aliás, terminavam dizendo que a TF1 era igual. O "Figaro" vai mesmo mais longe e ironiza afirmando que esta televisão não é a nossa, quando na realidade é. Toda a gente sabe o que é uma televisão comercial, como é que funciona. Só que uma coisa é saber, outra coisa é ver. Isto nunca foi visto, nem em França nem em lado nenhum, nunca nenhuma televisão tinha autorizado que se fizesse um filme sobre ela. Mesmo para os franceses foi incrível, as pessoas não acreditavam no que viam. Mesmo sabendo, as pessoas ficam chocadas, e ainda bem que assim é.

P. — Não houve, portanto, nada que a chocasse a si naquilo que viu?

R. — Não diria que fiquei chocada, mas confirmei algumas coisas que já sabia. Surpreendeu-me, isso sim, pela obsessão. Não se perde nem um minuto na guerra da contraprogramação, nem um segundo com esta coisa de ficar mais um minuto no ar para tapar o programa que começa na RTP1. Com isto fiquei, não chocada, mas impressionada. Com a obsessão.

3 — Opiniões

P. — Já pensou em fazer um documentário sobre uma televisão pública?

R. — Podia ter feito, mas é mais difícil ao nível da autorização. Mas eu entendo que a fronteira não é entre televisão pública e televisão comercial, porque, ao nível da audiência, a TV pública funciona como a comercial: tem que ter, tem que procurar. Não são iguais, mas são ambas necessárias. Um governo tem que ter uma televisão, porque deve poder falar ao país. Por exemplo, tem que poder fazer propaganda, entre outras. Se ela não existir, a televisão comercial pode "vender" o Presidente da República. Numa democracia é normal que um governo tenha um acesso directo às pessoas, e essa televisão tem que ter audiência e tem que fazer o contraponto.

P. — Mas tem que haver diferenças, não?

R. — Tem de haver uma outra televisão pública, como a RTP1 e a RTP2, por exemplo, a primeira luta pelas audiências, a segunda passa coisas de outro género. Ou então um outro cenário completamente diferente, do tipo de não existir um só televisão comercial, mas haver uma televisão que apresenta durante a semana diferentes emissões feitas por empresas diferentes, por exemplo, à segunda e terça-feira uma empresa, à quarta e quinta outra, e por aí fora, deixando de existir este peso como a SIC tem.

P. — A SIC dá ao povo aquilo que ele quer?

R. — Isso é falso. É uma frase que não quer dizer na-

da, porque, quem é o povo? Ninguém quer a telenovela X em vez da telenovela Y. Se se perguntar a uma pessoa na rua o que é que ela quer, ela não quer nada, o povo não quer nada, isso é o discurso típico da televisão comercial, mas é falso, é um discurso que em termos filosóficos não quer dizer nada. O povo não quer nada, não podemos interpretar o querer das pessoas, é impossível. A televisão comercial diz sempre que não quer educar, que não é essa a sua missão, mas é evidente que acaba por educar.

P. — A televisão comercial poderia ser diferente se a televisão pública também o fosse?

R. — Contra uma televisão comercial é difícil ganhar. Primeiro, porque não tem outro objectivo para além do de ganhar audiências, e depois porque dá às pessoas, não o que elas querem, mas o que elas já conhecem, aquilo em que elas se reconhecem, e isso é anticomunicacional. A televisão não deve ser um espelho, deve ser um instrumento de descoberta, de outra forma de pensar. É terrível, porque a TV comercial nunca vai fazer algo que implique perder alguma audiência. E o que é que uma televisão pública faz, quando ela própria precisa também de audiências? Não pode fazer outra coisa que não seja copiar. É assim em todo o lado. Em França existe uma excepção que é o ARTE, que é uma televisão sem publicidade e que normalmente

não se preocupa com as audiências, mas é uma televisão completamente experimental, que tenta produzir coisas diferentes e que começa pouco a pouco a ter audiências. Mesmo assim não terá mais de quatro por cento.

P. — Quer dizer que há público para esse tipo de oferta. Mas está provado que as audiências tipo A e B também vêem o Big Show SIC...

R. — Isso não me surpreende. O facto de as pessoas terem mais escolha não quer dizer que tenham mais gosto. Quando o dr. Rangel falou da lista de programas que eu não mostrei no documentário, estava a tentar dizer o quê? Que esses é que são bons, que os outros, os Big Shows, são maus? É a própria SIC que faz a diferença entre o Ai os Homens e a Grande Reportagem, coisa que eu não faço. São eles que a fazem, não eu. Mas, para mim, numa televisão comercial não se deve discutir para quem são os programas. Discute-se estratégia, deve-se discutir a maneira de fazer audiência e, sobretudo, o que é que tudo isto implica. Isto é particularmente importante: se dentro de dois anos se quiser saber quem é o responsável pelo facto de metade do país consumir aqueles programas, o dr. Rangel vai dizer que não é dele a responsabilidade. E, em democracia, isso é muito grave.

A sua melhor estação.

renascença

EMISSORA CATÓLICA PORTUGUESA



MARIANA OTERO

UMA HISTÓRIA EXEMPLAR

Fez um documentário sobre a SIC e chocou tudo e todos ao mostrar a realidade a nu.

Houve quem não lhe perdoasse o impudore a perfeição.

A televisão e os telespectadores agradecem.

A primeira vista, parece que a controvérsia gerada em torno do seu documentário «Cette télévision est la vôtre» não a perturbou sobremaneira. A polémica em si fez mesmo com que o filme despertasse a curiosidade de muitos, embora Mariana Otero gostasse que este fosse apreciado por aqueles cujo estilo de vida não lhes permite estar a pé às três da manhã.

Mariana Otero, a realizadora francesa há três anos em Portugal e que fez um filme sobre uma televisão generalista comercial europeia — neste caso, a SIC —, não está nem nunca esteve contra a SIC ou contra a televisão comercial porque, «numa sociedade capitalista, seria utópico pensar que aquela não existiria». Continua a considerar que as pessoas devem conhecer a realidade. E ver é muito diferente de saber. «Ver implica uma aprendizagem emocional com maior impacto que uma aprendizagem teórica. Dizer que uma televisão vende um presidente é uma afirmação que muitos não ignoram. Mas ouvi-la da boca de Emídio Rangel ganha uma dimensão diferente», diz Mariana, constatando que em Portugal as pessoas não estão habituadas a ver documentários.

INDEPENDENTE

Apesar de toda a bonomia que Mariana Otero tem demonstrado face às críticas e contra-críticas feitas ao seu documentário — incluindo a mudança radical de opinião de Emídio Rangel, que inicialmente tinha gostado do filme — há algo que a incomoda: em vez de se falar de televisão, alguns, e principalmente a SIC, transformaram o filme numa cruzada anti-SIC e Mariana numa pretensa activista de lobbies da televisão estatal. Esta posição, sendo uma desinformação — segundo Mariana, é mesmo uma contra-informação —, é a maneira mais fácil que a SIC tem de impedir qualquer discussão sobre o assunto. Mariana afirma que «é quase censura. Se sou uma activista de um lobby, quer dizer que a minha opinião não tem nenhum valor, porque sou logo conotada com um lado. Isso não é verdade. Eu sou completamente independente. Trabalho com o dinheiro da ARTE, mas posso trabalhar para qualquer televisão. A fronteira não é entre a televisão comercial e a televisão pública, mas entre a que corre atrás das audiências e as outras. E o facto de a audiência ter tanta importância, seja por dinheiro ou por poder, tem tanto a ver com a televisão pública como com a privada. Sou uma cineasta que tenta, através de histórias exemplares, mostrar a problemática essencial de uma televisão comercial.»

CINEMA E POLÍTICA

Aos 13 anos, Mariana Otero disse em casa que queria ser realizadora. A família, exultante com a ideia, partiu de Rennes, sua cidade natal, para Paris ao encontro de Louis Daquin, o então director do

IDHEC (Institut des Hautes Études Cinématographiques), que aceitou conhecê-la a «futura colega». O «rendez-vous» terminou de forma inusitada, pois dos conselhos que o cineasta lhe deu, um se destacava, inesperado: «Mariana não tinha veia para o cinema.» Mariana pensava o contrário. E alguns anos mais tarde ingressou no IDHEC, onde fez o curso de Cinema com especialização em Montagem.

O seu primeiro documentário, realizado com uma câmara V8, tratava da vida de uns reclusos dentro e fora da prisão e das relações entre as suas famílias e amigos. «Non-Lieux» teve grande impacto entre a crítica e sobre a realizadora. Mariana decidiu que era exactamente aquele género de filme que queria fazer, em vez da ficção a que até então se tinha dedicado. No entanto, a relação estabelecida com as personagens do filme foi demasiado intensa: «Muitas pessoas estavam em situações difíceis e há sempre a tentação de as querer ajudar. Estabelecem-se laços muito fortes e por vezes a situação é dolorosa. Não devem existir relações tão pessoais com as pessoas que filmamos, porque se torna muito difícil manter uma certa distância.» Decidiu então optar por filmar as relações das pessoas com o meio envolvente, questionar a realidade existente entre o meio e a sociedade. Essa preocupação social e política não aconteceu por acaso. Mariana Otero herdou do avô espanhol — um conhecido jornalista maçom e republicano que durante a guerra civil foi preso várias vezes e condenado à morte pelo regime franquista, tendo em 1948 atravessado a fronteira vestido de padre refugiando-se em Rennes, onde mais tarde a mulher e os três filhos se lhe juntaram —, além do nome, uma consciência política que foi induzida a pouco e pouco, de forma marcante, através do pai, ainda mais de esquerda que o avô. Durante o período em que aguardava em Espanha pelo passaporte para se juntar ao seu progenitor em França, o pai de Mariana não frequentava a escola pois recusava-se a cantar o hino franquista. Tornou-se um autodidacta que passava grande parte dos seus dias no cinema. E o legado passou intacto de pai para filha: cinema e política — o que Mariana Otero tenta juntar no seu trabalho.

A ABSTACÇÃO DA HISTÓRIA

«Não quero que as pessoas julguem o sistema através dos meus filmes, não quero que digam se isto é bom ou mau. Apenas que pensem sobre o assunto», assegura Mariana. A maneira peculiar de realizar comentários deve-a à escola do cinema directo, sem entrevistas e voz off. Mas com o tempo, Mariana vai-se diferenciando desta linha, procurando fazer um cinema de situações em que a convergência de acções faz a história. No seu filme «La Loi du Collège» — um documentário em seis episódios de 28 minutos realizado num liceu francês nos arredores de Paris e que obteve o prémio de melhor documentário nos V Encontros de Cinema da Amascultura em Lisboa, em 1994 —, Mariana questionou a problemática da disciplina e as relações dos alunos e professores em face dessa disciplina.

Apesar de as filmagens terem decorrido durante um ano, Mariana não se perdeu noutros assuntos: «Não tratei da pedagogia ou dos problemas da adolescência. Apenas me interessava obter histórias que ilustrassem a forma como a disciplina era imposta pelos professores e como os alunos reagiam a essa imposição. O que pretendo, no fundo, é a abstracção da história, chegar à essência das coisas. Estou a

Biografia

Mariana Otero, francesa, nasceu em Rennes há 34 anos. O filme da sua vida é «L'Innocent», de Visconti. Vive em Portugal há três anos porque o amor lhe trocou as voltas e o seu companheiro é Adolfo Luxúria Canibal, o vocalista e líder do grupo Mão Morta. Agora ainda é mais feliz porque tem o filho Mateus, de quatro meses. Mas ainda lhe sobra tempo para fazer documentários polémicos e para pertencer à Associação pelo Documentário, a DOC, que promove seminários e é a única entidade onde se trocam ideias sobre este género cinematográfico tão esquecido em Portugal. Mariana gostaria de dar aulas de documentário, falar da sua prática e trocar experiências. Mas Portugal não tem dinheiro para documentários. Isso entristece-a porque tem a certeza de que há público para os ver. Disso ninguém duvida.

MARKO AREZ



tentar um cinema real mais abstracto.»

No documentário sobre a televisão, o que interessou a Mariana foi ilustrar a problemática da audiência, como se tomam decisões e a relação com a publicidade. Filmou durante três meses, depois de outros tantos de «repérage», e o filme só ficou pronto ao fim de seis meses de montagem. O porquê da escolha da SIC foi exactamente porque era uma televisão comercial representativa e com sucesso. Mas se esta escolha obedeceu a critérios óbvios, o facto de querer fazer um filme sobre televisão ganha contornos mais complexos. «As pessoas vêem três horas de televisão por dia. Queria saber o que prevalecia nas decisões do que vemos no ecrã, ou seja, o que decidia o que vemos. Afinal, não é ninguém. Ou antes, a audiência é que escolhe o que se vê. Ninguém é responsável por essa programação. Acho isso perigoso e problemático», diz Mariana, pensativa. «Acho que quem decide deveria apenas passar programas cuja qualidade está pronto a defender. A televisão, mesmo que não queira, educa. Uma democracia em que um dos seus órgãos de informação mais importantes, a televisão, desiste do seu papel na educação, está a ir à falência.»

A TELEVISÃO DO NOSSO DESCONTENTAMENTO

«A maternidade apura a sensibilidade. Fica-se mais humano, o mundo mais frágil, a percepção dos destinos é mais forte, o medo do futuro maior», diz Mariana olhando enternecida o pequeno Mateus, o seu primeiro filho. E será talvez a pensar no futuro dele que Mariana idealiza uma televisão privada sem ser comercial: «Uma televi-

são comercial existe para fazer dinheiro e eu acho que podíamos ter uma televisão semi-comercial ou obrigada a fazer determinadas concessões, a não ultrapassar, por exemplo, os 30% de audiência. Isso é sonhar, mas as pessoas não deveriam ver sempre as mesmas coisas.... O homem tem de mudar. E não adianta que haja apenas uma estação de televisão a tentar ser diferente, porque o ser humano é preguiçoso e prefere as coisas mais fáceis. Mesmo que uma televisão pública faça programas muito bons — como a ARTE, que não vai atrás das audiências —, não há muita gente a vê-los. Não porque não gostem, mas porque há desinformação. A televisão comercial usa qualquer arma e não tem limites. E não estou a falar da SIC, é bom que fique bem claro. A SIC, se calhar, tem limites. Estou a falar da televisão comercial em geral na Europa. Como só o dinheiro conta, pode atingir proporções assustadoras. E mesmo que a televisão pública cumpra o seu papel de fazer descobrir o desconhecido, as pessoas em geral preferem o que já conhecem ao que não conhecem e tem de haver aprendizagem. Os governos deveriam impor limites à televisão comercial. A escola é obrigatória, a cultura é obrigatória. Tal como a escola privada obedece a um paralelismo pedagógico, a televisão privada podia funcionar do mesmo modo. Seria, talvez, a solução. Porque a liberdade em democracia é muito importante. Só que, sem educação, é a pior coisa. Numa sociedade de consumo, a liberdade é reduzida ao facto de se consumir. E liberdade não é vermos todas as telenovelas que queremos.»

Isabel Costa



PONTOS DE VISTA

Produção nacional

A RTP está a entender o porquê do sucesso da SIC exibindo produções nacionais de grande qualidade. Dou-lhe os meus parabéns pela série «Não Há Duas Sem Três», pelo desempenho dos seus actores, nomeadamente Helena



Laureano e Rita Ribeiro, que são geniais a «tirar» gargalhadas de quem as vê. Os programas «3000 Segundos», pelo à-vontade do seu apresentador, Rui Unas, e «Antenas no Ar» são também bons exemplos. Em especial este último, em que Júlio Isidro mostra como se conversa e ensina em televisão, com a comprovação das entrevistas a Herman e ao trio do «Zip-Zip».

Jorge Miguel Dias

Ajuda

Tenho 14 anos e gostaria de explicar ao leitor António



ADELINO GOMES

Os debates regionais sobre as eleições autárquicas realizados pela RTP estavam a precisar de um bom timoneiro. A palavra está um bocado gasta, mas aqui compre-



ende-se o emprego, tantos eram os perigos à vista. A escolha recalcu num nome prestigiado na imprensa, na Rádio e na Televisão: Adelino Gomes. Repare-se na simplicidade dos seus processos, repare-se na modéstia da sua presença, repare-se na frontalidade com que assume as situações que lhe criaram e as críticas ao programa no interior do próprio programa. Repare-se — e aprenda-se...

10 TVMais

Martins (TvMais n.º 249) que quando o jornalista José Rodrigues dos Santos, apresentador do «Telejornal» (RTP1), emprega a expressão «amanhã voltamos a ver-nos», utiliza apenas uma maneira simpática e simples para «chegar» até nós, como uma visita.

Inês Alexandra F. dos Santos (Lisboa)

«Conversas Secretas»

Baptista-Bastos tornou-se um lacrau azedo e só numa campânula — a SIC. Parabéns a Mariana Otero pela tolerância, bom senso e muita educação que demonstrou como entrevistada. Por este andar, o entrevistador do programa vai ver apenas a sua imagem ao espelho, sozinho — mesmo com os recados que traz.

João Correia da Silva (Lisboa)

Militância

Em vez do historiador Oliveira Marques, como estava previsto e anunciado, Baptista-Bastos entrevistou alguém de quem a maioria dos portugueses nunca ouviu falar: Jor-

BAPTISTA-BASTOS

Ele é o escritor e o jornalista que todos admiramos, senhor de um estilo muito pessoal, particularmente no domínio das entrevistas, onde mais sabia ouvir que falar. Entre as suas obras-primas, a entrevista com Mariana Otero, autora da aquele filme-reportagem sobre a SIC, não vai de certo figurar. Não estive ao nível profissional e humano a que Baptista-Bastos nos habituou. Teve até aspectos desagradáveis de agressão à entrevistada, numa lamentável confusão entre entrevista e debate. Um Baptista-Bastos irreconhecível...



«Lelo atentamente a nossa imprensa. Assinalo com satisfação as palavras coerentes de José Nuno Martins sobre televisão, as certezas «achegas» de Mário Ca-



José Nuno Martins



Pedro Rolo Duarte

Baptista-Bastos



Mário Castrim

trim no «Tal & Qual» e Pedro Rolo Duarte na «Visão» sobre a polémica entrevista de Baptista Bastos com Mariana Otero, e saúdo vivamente o regresso à escrita, agora no «DN», de João Carreira Bom. Nunca é tarde para dizermos que os navios continuam na cidade...

ACÍCIO FRANCO

ECONOMIA

ANTÓNIO CARRAPATOSO
Telecel espanta
novos negócios



METRO

MARIANA OITEIRO
Sobre a televisão
da polémica



OLÁ!

TERESA HERÉDIA
Numerista
de sucesso



Ano XIV Nº 731
22 de Novembro de 1997
Continente 400\$00 DM 6,5
IVA INCLUIDO
Director
Raul Vaz
Director-Adjunto
João Cândido da Silva

SEMANÁRIO



MINISTRO RESISTE A PRESSÕES E GUTERRES PONDERA REMODELAÇÃO

Vitorino parte Governo



António Vitorino não irá recuar, ainda que Guterres volte a insistir para que o seu número dois se mantenha no Governo. Fica aberta a sucessão na Defesa e na Presidência, mas a saída de Vitorino levanta um problema mais complicado do que o mero preenchimento de lugares. O Governo está dividido sobre a dimensão da remodelação, havendo quem defenda que Guterres aproveite o momento para alterar profundamente a sua equipa. Uma solução nada pacífica. **PÁGINAS 3 A 5**

MINISTROS E SECRETÁRIOS

Crescem conflitos no Executivo

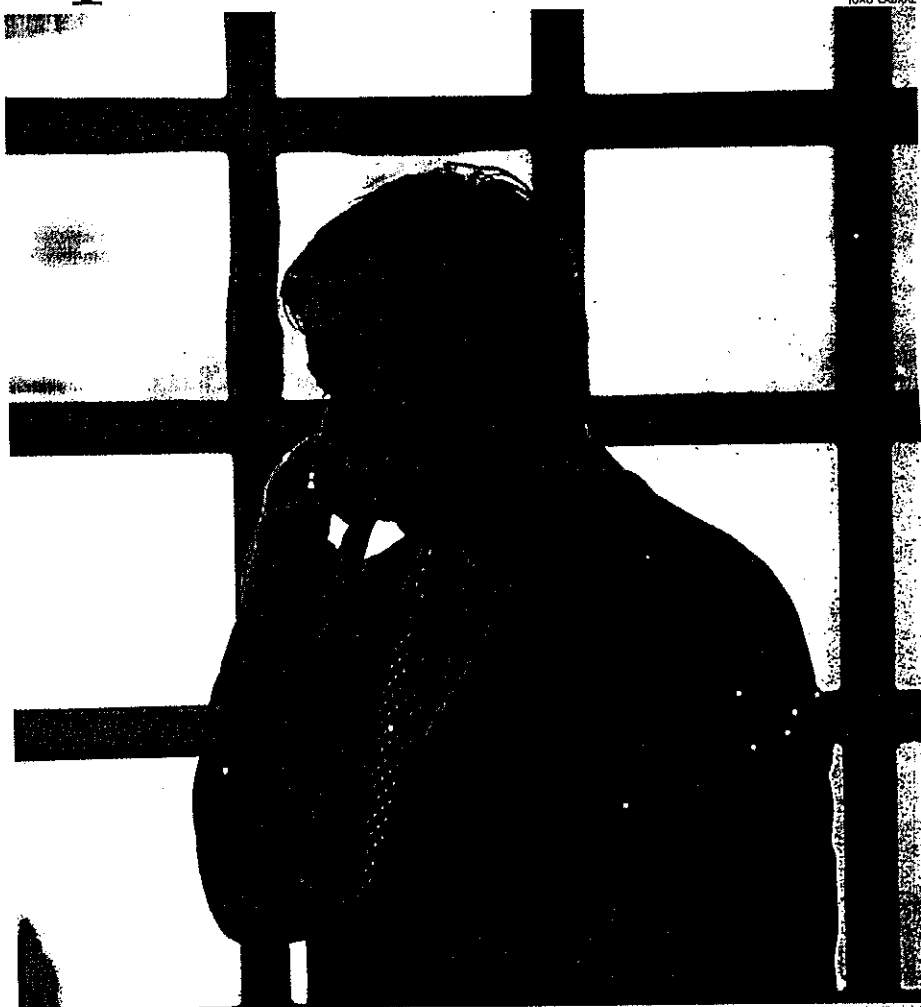
O mal-estar no Governo aumenta cada dia que passa. Secundarizada pela demissão de António Vitorino, a guerra surda entre Jaime Gama e José Lamego sobe de tom. Assim como o mau ambiente no Ministério da Administração Interna, onde as relações entre Alberto Costa e Armando Vara há meses que se degradam. Mas a crispação entre ministros e respectivos secretários de Estado não fica por aqui: estende-se às pastas da Economia, Finanças, Agricultura e Saúde. Pelo menos. **PÁGINAS 6 E 7**

ALMEIDA SANTOS EM ENTREVISTA

Maioria absoluta indesejada



O presidente da Assembleia da República afirma que os governos minoritários são mais democráticos, quando comparados com os de maioria absoluta. Por isso, diz que o actual Executivo não seria melhor se fosse maioritário. Almeida Santos defende a regionalização por ser um imperativo constitucional, mas coloca as regiões ao nível das autarquias. Quanto ao aborto, a segunda figura do Estado diz que é uma matéria que tem "dignidade ética e política" para ser referendada. **PÁGINAS 18 E 19**



JOÃO CABRAL

Acho que o programa passou para a classe A +, a classe A que não dorme, que sofre de insónias, o que é uma pena. Eu gostava que este filme passasse para as classes C e D, que são, sobretudo, as classes que vêem telenovelas e programas como "Ai os Homens" ou "Ponto de Encontro". Mas, como não foi isso que aconteceu, este trabalho acabou por ficar num meio muito fechado, que é o meio da imprensa e dos intelectuais.

Decidiu fazer um trabalho sobre televisões de sucesso e escolheu a SIC como exemplo. A ideia foi bem recebida pela estação de Carnaxide e Mariana Otero deitou mãos à obra. Durante quatro meses foi mais uma, entre tantos outros que trabalham na estação de Pinto Balsemão. Estava tudo a correr bem, até que o "Le Monde" decidiu escrever um artigo sobre a SIC, tendo como base o documentário "Esta Televisão é a Sua". Em Portugal todos lhe seguiram o exemplo e não houve jornal que não tivesse dedicado umas linhas ao assunto. Quando Emídio Rangel deu o "sim" a Mariana Otero para que ela fizesse o seu trabalho, certamente, não contava com toda esta polémica. Mariana Otero, também não.

O subdirector de programas da SIC, António Braga, acusa-a de ser uma activista do "lobby" europeu das televisões estatais. Como é que comenta esta acusação?

Para já essa afirmação é, por si só, contraditória. Porque só pelo facto de serem televisões estatais já não precisam de "lobby". Além disso, eu sou completamente independente. Contrariamente ao que se tem dito, eu não trabalho para a ARTE, trabalho com a televisão pública é para o Poder; a privada é para dar dinheiro. Por tudo isto, é óbvio que não sou activista de nenhum "lobby".

O documentário "Esta televisão é a sua" foi uma encomenda da ARTE, ou uma proposta sua?

A proposta é minha. A ARTE disse que sim e, só depois de ter obtido esta resposta, é que fui ter com o dr. Rangel. A ARTE não produz quase nada, os programas que passam nesta estação são quase todos comprados.

E porquê a SIC? Porquê esta estação e não outra?

Porque, de todas as televisões europeias, é a que parece ter mais sucesso. Além disso, tinham-me dito que era uma televisão aberta, e que, facilmente, permitiria a realização de um trabalho deste tipo. Na RTP acho que seria muito complicado, por toda a burocracia. Na TVI não sei. Mas, seja como for, nem uma nem outra (RTP e TVI) registaram taxas de sucesso tão elevadas, em tão pouco tempo, como aconteceu com a SIC.

Que interesse é que tem para a ARTE a história de uma televisão portuguesa?

A ARTE interessa-se pelas coisas da vida. Há uma rubrica que é "A Vida em Frente", onde se fala de todos os assuntos da sociedade, e a televisão faz parte disso.

Depois de todo o tempo que passou em Carnaxide, como é que vê esta estação de televisão?

A primeira coisa que vi, é que era uma televisão muito eficaz, onde o director, o dr. Rangel, conseguiu criar um bom ambiente de trabalho. Por exemplo, a sua maneira de receber as pessoas é igual, qualquer que seja o seu posto. Devo dizer que gostei muito deste aspecto da empresa. Depois, como televisão, é uma televisão comercial e, como tal, são as audiências que comandam a programação e onde a publicidade é uma coisa muito importante. Por isso se valorizam espaços publicitários com os programas que têm mais audiência. Isto era evidente em cada reunião que assisti. Os programas passam a esta ou àquela hora, segundo a audiência que vai ter. Se a audiência que se procura é da classe A

ou B, então o programa irá passar à uma da manhã, se é uma audiência classe C, passará às 11h00, se é classe D irá passar às 8h45.

Então, isso quer dizer que o seu documentário, que passou na SIC depois das duas da manhã, se destinava à classe A?

Acho que o programa passou para a classe A +, a classe A que não dorme, que sofre de insónias, o que é uma pena. Eu gostava que este filme passasse para as classes C e D, que são, sobretudo, as classes que vêem telenovelas e programas como "Ai os Homens" ou "Ponto de Encontro". Mas, como não foi isso que aconteceu, este trabalho acabou por ficar num meio muito fechado, que é o meio da imprensa e dos intelectuais.

A introdução do dr. Rangel, antes da passagem do seu documentário, a seu ver, era necessária?

Os portugueses sabem o que se passa na SIC. Conhecem muito bem os programas. Por isso mesmo, para os portugueses, não era preciso dizer tudo o que foi dito antes da passagem do filme "Esta Televisão é a Sua". De qualquer maneira, durante o documentário, só é feita referência aos programas que têm mais sucesso nesta estação.

Mas o facto de não fazer referência a outros programas é, ou não, premeditada?

A intenção do documentário era mostrar como funciona uma televisão de sucesso. Como tal, faz sentido falar dos programas que têm mais audiência. Não há julgamento nenhum. Em nenhuma altura se diz que há bons ou maus programas. No documentário há um pouco de "Ai os Homens", de "Big Show Sic", do "Ponto de Encontro" e um bocadinho de telenovela. Quando dizem que não passo nada de programas como "Grande Reportagem", "Vida Selvagem", ou "O Século do Povo", é como se estivessem a dizer que estes é que são programas de qualidade e que o que mostrei é de má qualidade. Isso não está dito no filme, em nenhum momento. Eu limitei-me a mostrar os programas de sucesso. Agora, será que a SIC tem vergonha dos programas de sucesso? Indirectamente parece que é isso que querem dizer. Se acham que são programas sem qualidade, então porque é que os passam? Será que eles acham que a "Grande Reportagem" é melhor que "Ai os Homens"? Não percebo muito bem por que é que estão a fazer este tipo de aproximação.

O dr. Rangel viu o documentário antes de ser exibido na ARTE?

Sim. Ele viu o documentário em Junho, ou Julho, e na ARTE passou em Outubro.

Que comentários é que fez?

O dr. Rangel gostou. Acho que ficou surpreendido pela maneira de fazer. Disse-me que parecia que tinham sido utilizadas duas câmaras e não apenas uma. Para além do dr. Rangel, estavam também presentes o dr. Manuel Fonseca, e o dr. António Braga, e eles gostaram. O único comentário que fizeram foi para dizer que lhes parecia que o documentário tinha demasiadas telenovelas. O discurso que o dr. Rangel fez na televisão não tem nada a ver com o que ele me disse.

Depois de ter visto o documentário o dr. Rangel disse-lhe se o iria passar na SIC? Disse que ia pensar.

E autorizou que passasse na ARTE?

Bom, nessa altura ele já não podia fazer nada. Ficou bem claro que, a partir do momento em que eles aceitaram que se fizesse este trabalho, que ele iria passar na ARTE. Não

fazia sentido nenhum ter todo este trabalho para que depois o dr. Rangel dissesse que não. Afinal, estamos a falar de um ano de trabalho.

Vai ajudar o dr. Emídio Rangel a obter a autorização para que a SIC faça um documentário sobre a ARTE?

Sim, sim. Isso já está feito. Já telefonei para a ARTE, falei com o meu produtor, e sei que o dr. Rangel telefonou para lá.

E sabe qual foi a resposta?

Não levantaram nenhum problema. Têm as portas abertas para o receber quando ele quiser.

Na ARTE souberam de toda esta polémica? Sim, eu pu-las a par da situação.

E qual foi a reacção?

Bom, como não os informei directamente, não sei como reagiram.

Como é que comenta a sua participação no "Conversas Secretas"?

Acho que da parte da SIC é normal. Tinham direito de resposta.

Mas, o Baptista Bastos fez questão de frisar que é ele quem decide os convidados que vai ter no programa, e não a SIC.

Acho que a função do Baptista Bastos foi defender a SIC. Mas, se ele diz que a SIC não interfere nos convidados que vão ao programa, eu acredito. Não vou dizer que ele mente.

Quanto às acusações do Baptista Bastos sobre a montagem ou colagem do documentário?

É contraditório dizer que um programa é manipulador e, ao mesmo tempo, dizer que não há montagem. Não se faz manipulação só com colagem.

Mas há ou não montagem?

É evidente que há montagem. Não há manipulação. Efectivamente há coisas que foram para o lixo. Mas, o que não se aproveitou tem a ver com as repetições. Por exemplo, por altura do campeonato eles discutem a contraprogramação, jogo a jogo. Já viu o que seria transmitir tudo? Foi sobretudo isso que foi para o lixo. O que eu queria com este trabalho era dar uma ideia do que se passava nas reuniões, não era fazer um diário de bordo exaustivo. A questão do Baptista Bastos é tão evidente, como ataque, que nem faço mais comentários.

Porque é que decidiu exibir apenas uma das duas partes que constituíam este documentário?

Há uma grande confusão. Nunca existiram duas partes, isso é uma falsa informação. Não sei onde a "Visão", que foi quem falou nisso, encontrou essa ideia. O que aconteceu foi que, quando estava a montar o filme, houve partes que não foram aproveitadas. É evidente que não posso utilizar tudo o que filmei, caso contrário ficaria uma coisa demasiado longa e chata.



Estava à espera de toda esta polémica à volta do documentário? Sinceramente, não.

Porque é que aceitou dar esta entrevista? Porque queria explicar um pouco o meu

ponto de vista. Escreveram-se muitos artigos, foi dita muita coisa, mas nunca ninguém me perguntou nada. Nunca ninguém me deixou exprimir um bocadinho do que eu queria fazer. Por isso quis ter a possibilidade de dizer algumas coisas, e esclarecer outras que foram escritas, como a estória da existência dos dois filmes, que é completamente falsa. Havia também quem dissesse que eu era belga, e não sou, sou francesa. Porque mesmo na entrevista com o Baptista Bastos, não tive oportunidade para corrigir toda esta informação que começa a correr.

Vive em Portugal?

Sim.

Há quanto tempo?

Há três anos.

Então já teve oportunidade de ver bastante televisão. Que opinião é que tem do que se faz em Portugal, a este nível?

Eu vejo mais a RTP2, porque tem mais filmes. É verdade que não vejo muito nem a RTP1 nem a SIC, pelo menos antes das 23h00.

Porquê?

Sinceramente, não gosto muito de telenovelas. Vejo um bocadinho, mas mais do que isso não. Na altura em que estava a fazer o documentário vi, só para perceber o que era. Mas, depois disso, nunca mais vi. Aliás, vi bastante televisão quando estava a fazer o filme sobre a SIC, para observar as televisões nacionais. Agora, para além da RTP2, gosto de ver a "Contra-Informação", da RTP1, porque acho que tem graça. Não vejo muitos debates porque, normalmente, quem os moderam prefere fazer polémica em vez de deixar as pessoas falar. Um pouco como aconteceu comigo e com o Baptista Bastos, onde acabou por não haver debate nenhum. Aquilo foi mais um monólogo que uma entrevista.

Porque é que não contrariou essa situação? Podia tê-lo feito?

Eu só poderia ter tomado uma de duas atitudes — deixá-lo falar, ou começar a gritar para falar. Se eu tivesse escolhido a segunda opção, se calhar, o público teria gostado mais, porque se faz mais guerra. Só que eu não gosto disso. Acho que não o devemos fazer, só porque estamos na televisão.

Concorda com o António Braga quando ele diz que a SIC contribuiu para que o País se conheça a si próprio?

Segundo o que sei, e repare que eu não sou daqui, a televisão pública, antes da SIC aparecer, era uma estação um pouco adormecida. Quando aparece uma coisa nova, como foi o caso da SIC, as coisas mudam. E a SIC introduziu novos assuntos, apareceu com uma maneira diferente de fazer televisão. Mas, a maneira como esta estação mostrou o País, parece-me que não é suficiente. Acho que os documentários são um género que mostra, ainda mais, o País. Esta polémica em redor do "Esta televisão é a Sua" tem a ver com isso. Os portugueses ainda não estão habituados a ver a realidade de uma maneira tão frontal.

Mas já se fazem muitas reportagens...

Só que nas reportagens, entre o espectador e a realidade, há sempre um jornalista. No meu documentário, como não há voz "off", não há discurso, as coisas são mais reais. As situações são apresentadas de uma maneira muito forte, sem a parte emocional. Como conta histórias de uma vida real, sem um intermediário, sem um jornalista, acho que é muito mais forte do que qualquer reportagem. O documentário deveria mostrar, ainda mais, o País real. É verdade que a SIC, se calhar, introduziu o assunto, chegando mais perto das pessoas, mas é tão "televisivo", tão formatado, que me parece que começa a não atingir os objectivos.

Antes de entrar na SIC aconselhou-se com Isabel Costa, da RTP 2. A visão dela sobre a SIC não interferiu no seu trabalho?

A Isabel Costa trabalha para mais sítios sem ser para a RTP 2. Faz também coisas para as "Produções Fictícias", colabora em alguns ...

Contrariamente ao que se tem dito, eu não trabalho para a ARTE, trabalho com. A televisão pública é para o Poder; a privada é para dar dinheiro. Por tudo isto, é óbvio que não sou activista de nenhum "lobby".

Mariana Otero

Polémica à força

Entrevista Rosário Mendonça Fotos Paulo Alexandrino



Sem sombra de pecado

Para quem está atento a estas coisas do cinema, Mariana Otero já tinha dado nas vistas em Portugal quando em 1995, ganhou o primeiro prémio de Vídeo, com o filme "La Lói du Collège". Durante os Encontros Internacionais de Cinema Documental, promovidos pela Amascultura. Este ano, esta Mariana Otero volta a participar nos Encontros. Mas não é isso que faz dela a realizadora mais falada em Portugal, nos últimos tempos. O mesmo não se pode dizer do filme que, este ano, Mariana Otero leva a concurso — "Esta Televisão é a Sua". Um documentário que decorre na SIC e explora o que é uma televisão comercial, evidenciando a relação entre programas, audiência e publicidade. Neste filme Mariana Otero revela os momentos que definem essa estratégia e mostra como são tomadas as decisões que orientam a estação de Carnaxide. Uma ideia simples e original.

Desde o início que a escolha desta realizadora francesa era muito clara: mostrar as decisões dos directores de programas e comerciais de uma televisão de sucesso. Inicialmente, Emídio Rangel até terá ficado contente por terem escolhido a televisão "dele" como exemplo. O pior foi quando o "Le Monde" decidiu dizer que o director da SIC era um homem sem escrúpulos. Aí, zangaram-se as comadres, Rangel deu o dito por não dito, deixou de gostar e passou ao ataque. Até hoje, Mariana Otero não percebe esta reacção da SIC. Mesmo assim, desculpa Rangel porque tem a certeza que ele sofreu pressões para dizer o que disse. Felizmente para a SIC, Mariana Otero não aproveitou tudo o que filmou, "caso contrário a polémica teria sido maior se tivesse incluído certas cenas", reconhece agora a realizadora francesa.

Quando teve a ideia, Mariana Otero nunca pensou que o seu documentário seria tão polémico e tão devastador para a imagem da SIC. Emídio Rangel também não. Mesmo assim, o público pediu e a SIC transmitiu. Só que em Carnaxide entenderam que a transmissão de "Esta Televisão é a Sua" não seria suficiente e, como se a introdução de Emídio Rangel não fosse suficiente, Baptista Bastos veio dar uma ajuda (pelo menos é o que ele pensa) e também ele atacou Mariana Otero. Mas a realizadora francesa não se defendeu. Limitou-se a responder, quando tal era possível, com classe, simplicidade, educação e elegância. É que Mariana Otero sabia que não precisava de se defender, já que quem a atacava era também quem a defendia, por tudo o que ia dizendo.

Aos 33 anos, Mariana Otero dorme

A intenção do documentário era mostrar como funciona uma televisão de sucesso.

Como tal, faz sentido falar dos programas que têm mais audiência. Não há julgamento nenhum.

Em nenhuma altura se diz que há bons ou maus programas.

Quando dizem que não passo nada de programas como "Grande Reportagem", "Vida Selvagem", ou "O Século do Povo", é como se estivessem

a dizer que estes é que são programas de qualidade e que o que mostrei é de má qualidade. Isso não está dito no filme, em nenhum momento. Eu limitei-me a mostrar os programas de sucesso. Agora, será que a SIC tem vergonha dos programas de sucesso?

Indirectamente parece que é isso que querem dizer.

Acho que a função do Baptista Bastos foi defender a SIC. Mas, se ele diz que a SIC não interfere nos convidados que vão ao programa, eu acredito. Não vou dizer que ele mente.

O que se passa é que isto é verdade. É bom que se saiba que uma televisão que tem 50% de "share" pode mesmo "vender"

E tem ideias?

Tenho, mas não não posso falar delas agora. Quando o dr. Emídio Rangel diz que a SIC é capaz de vender tudo, até presidentes, esta frase, no documentário, está fora do contexto?

Quando a frase é citada pela imprensa aí sim, está fora de contexto. Agora, no documentário não, porque não há montagem. O que é dito antes é filmado no mesmo plano, aqui não há montagem. Logo, o que vemos no filme não está fora de nenhum contexto. O que se passa é que isto é verdade. É bom que se saiba que uma televisão que tem 50% de "share" pode mesmo "vender" um presidente.

Como?

Falando dele. Foi assim que Berlusconi foi eleito presidente. É verdade que as pessoas ficaram chocadas por ouvir o dr. Rangel dizer aquilo, mas é essa a força de um documentário. Se fosse um jornalista a dizer a mesma coisa, em cima das imagens, não teria o mesmo efeito. Tem uma força maior. As pessoas ficam chocadas, por saber que, numa democracia, o presidente depende mais da televisão, e dos meios de comunicação, que do voto. Mas, mesmo para quem tem esta consciência, é normal que fique chocado por ouvi-lo. Se pensarmos que escolhemos um presidente por cinco anos e que a televisão tem mais força do que nós para o eleger e para o demover, é chocante, mas é verdade.

Em 1995 ganhou o primeiro prémio de vídeo do festival da Malaposta. Qual era o tema?

Esse filme falava sobre os problemas de disciplina numa escola, em França, nos subúrbios de Paris.

Este ano também concorre ao festival com o filme "Esta Televisão é a Sua", e cujo resultado se saberá amanhã? Qual é a expectativa?

Seria bom se ganhasse. Mas já tive tanta publicidade que acho que não preciso de mais (risos). Ao mesmo tempo penso que seria bom que nomeassem outro filme que não este.

O apoio do IPACA veio antes ou depois de o filme estar pronto?

No meio. Estávamos a montar o programa quando obtivemos o financiamento.

Isso quer dizer que o IPACA financiou mesmo sem ter visto o produto final?

Sim. Aprovaram só com o projecto.

E como é que surgiu este apoio do IPACA?

Fui falar com o Pedro Correia Martins, da SP Filmes, e decidimos apresentar o projecto ao IPACA porque achámos que era importante que esta entidade participasse num filme que era português, feito em Portugal. Como era dinheiro, e precisamos muito disso, achámos que era muito útil e foi muito bom.

Que imagem é que tem da cultura em Portugal?

Acho que há coisas muito boas e que os portugueses deveriam ter mais orgulho na cultura deles, porque existe muita criatividade. Parece-me que a cultura americana entra muito facilmente e acaba por ter uma importância enorme, o que não quer dizer que seja mais interessante que a cultura portuguesa. Em França, existe o mesmo problema. Mas é bom resistir. Por isso o apoio do IPACA é muito importante. Mesmo que não tenha audiência, faz parte da cultura portuguesa, é importante que se incentive.

É fã dos Mão Morta?

Gosto. (risos)

Mas gosta mesmo, ou é por ser casada com o vocalista da banda, o Adolfo Lu-xúria Canibal?

Fui aprendendo a gostar. Não foi uma música que eu gostasse logo, até porque eu não ouvia muito rock. Aos poucos, fui conhecendo e agora gosto. Embora continue a gostar mais da canção francesa. Mas aprendi com o Adolfo a gostar de rock. Acho que a cultura se aprende, não é assim uma coisa imediata.

Para além dos Mão Morta de que outras bandas portuguesas é que gosta?

Assim, de repente, não me lembro de mais nada. (risos) Ah! Gosto muito dos Três Tristes Tigres.

Costuma ir ao teatro?

O teatro é um problema. Fui algumas vezes, mas não percebo nada do que os actores dizem em cena. Por isso desisti.



METRO

Leonor Pinhão

Mariana e Agustina

Mariana Otero, a autora da reportagem sobre a SIC, é a entrevistada deste METRO. Mariana Otero — que em 1995 ganhou o primeiro prémio de Vídeo, com o filme "La Loi du Collège", durante os Encontros Internacionais de Cinema Documental, promovidos pela Amascultura — tomou-se, certamente sem o desejar, num centro de polémica. Tudo por causa do documentário "Esta Televisão é a Sua", encomendado pela ARTE, que revela, com crueza e sem demagogia, a relação entre programas, linha editorial, publicidade e concorrência numa estação de televisão. O que nem se pode considerar como uma revelação sensacional e muito menos sensacionalista. E assim é assim será nos domínios das televisões privadas.

Continuamente, por que se tem dito, eu não trabalho para a ARTE, trabalho com a televisão pública e para a ARTE, a privada é para dar dinheiro por tudo isso. É obvio que não sou activista de nenhum lobby. Acto sobre o programa passou para a classe B, a classe A que não dorme, que são as pessoas a quem é um programa sobre este filme. Depois, para a classe C, D, que são os programas que vivem. Elenora, o programa como Albi Honnemann, "Ponto de Encontro". Mas como não foi isso que aconteceu, este trabalho acabou por ficar num meio muito fechado, que é o meio da imprensa e dos intelectuais", diz Mariana Otero ao METRO. E diz mais: "A intenção do documentário era mostrar como funciona uma televisão de sucesso. Como tal, faz sentido falar dos programas que têm mais audiência. Não há julgamento nenhum. Em nenhuma altura se diz que há bons ou maus programas."

El defende-se assim: "Quando dizem que não passo nada de programas como 'Grande Reportagem', 'Viagem Selvagem', ou 'O Século do Povo', como se estivessem a dizer que estes são programas de qualidade e que o que mostra é de má qualidade. Isso não está dito no filme, em nenhum momento. Eu limitei-me a mostrar os programas de sucesso. Agora, será que a SIC tem vergonha dos programas de sucesso? Indirectamente parece que é isso que querem dizer."

Esta foi a semana em que a romancista Agustina Bessa-Luis ganhou a VIII edição do Prémio Internacional de Literaturas Românicas União Latina, que conta com o patrocínio da Presidência do Conselho de Ministros italiano e do Ministério da Cultura português. Agustina Bessa-Luis, a par de uma carreira notável como escritora, foi directora do diário português "O Primeiro de Janeiro", foi directora do Teatro Nacional D. Maria II, foi eleita membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social. "Porquê? Porquê, explica em entrevista ao semanário "Expresso", de 11 de Setembro de 1982, o grande drama vem da incapacidade de

As imagens falam por ela



Paulo Anunciação
conversa com
Mariana Otero

No final dos 60 minutos de documentário, num painel negro com as letras brancas em branco, Mariana agradece à direção, ao pessoal e aos colaboradores externos da SIC por toda a paciência e a liberdade que lhe concederam. Agradece ainda, e "muito especialmente", lê-se no painel seguinte, igualmente sóbrio e solene, "a Monsieur Enidito Rangel, director de programação e de informação da SIC". Mariana tem mil razões para se sentir especialmente agradecida. Quando ela teve a ideia de fazer "Cete télévision est la vôtre", um documentário sobre a forma como são tomadas as decisões dentro de uma televisão comercial, não contava realmente com tanta receptividade. Para mais, tão imediata. "Se tivesse pedido à TFI francesa, por exemplo, tenho a certeza absoluta de que a resposta seria negativa", diz ela. "Fiquei completamente surpreendida quando o dr. Rangel disse que sim. Tinha preparado uma série de argumentos e de respostas. Fui para a reunião, expliquei-lhe o meu projecto mas dez minutos depois ele estava a dizer que sim, o projecto é muito interessante e vou ter as portas abertas".

Ele, obviamente, deve ter-se arrependido. O documentário retrata de uma forma magistral o modo como a estação - melhor dizendo, o modo como Enidito Rangel, rei e senhor todo-poderoso - escolhe, programa e contra-programa o que existe. "Cete télévision est la vôtre" foi difundido, primeiro, por satélite e por cabo através do canal Arte. A crítica francesa, do conservador "Figaro" aos "Le Monde" e "Libération", bateu palmas e distribuiu estrelas. Os jornais dedicaram páginas ao documentário, ilustradas com fotografias do "Big Show" de Baïão. Fizeram-se comparações com os outros canais comerciais europeus, nomeadamente o TFI do grupo Bouygues. Os críticos interrogaram-se como foi possível que uma empresa que disputa um mercado tão competitivo abrisse totalmente as suas portas a estranhos e revelasse os seus segredos internos. Mariana, ob-

porque as televisões não pagam tanto como por um filme. Mas isso também me dá mais liberdade. Eu não gostava de trabalhar em equipa, tinha de aturar o assistente do assistente, etc. Assim tenho mais controlo sobre o produto final. Além disso há também o lado militante da coisa: o documentário permite-me trabalhar com a realidade".

Comparado com os três anos gastos com "La loi du collègue" (um ano de preparativos, um ano de filmagens diárias, um ano de montagem). "Cete télévision est la vôtre" foi um dos documentários que lhe tomaram menos tempo. "Foi demasiado rápido", diz Mariana. Passou dois meses e meio em Curmaxide com a câmara de nove quilos aos ombros. Foi bem recebida por toda a gente, que cedo se habituou à sua presença nas salas e nos estúdios da SIC. "Às vezes era preciso ter muita paciência. Sabíamos das reuniões que iam ter lugar na SIC e esperávamos no corredor - uma, duas, às vezes cinco horas. As pessoas pensavam que nós éramos loucos". Gravou 60 horas de filme. Seguiram-se seis meses na mesa de montagem, para chegar aos 60 minutos de produto final. "O meu bebé foi concebido no início da montagem e nasceu um mês depois de eu terminar o filme", ri-se ela, com o filho Matheus, de quatro meses, nos braços. "Vai ser um bebé completamente SIC".

A ideia para este documentário nasceu, apuradamente, num estúdio de televisão. Mariana Otero tinha acabado de terminar "La loi du collègue" e foi uma das convidadas num grande debate em Antenne 2. "Fiquei atônita. A televisão em directo, tudo aquilo, e comecei a pensar como seria interessante fazer um documentário sobre a tv. Não sobre a vida de uma tv - acho que isso seria um pouco folclórico. Mas mostrar como é que se tomam as decisões, como é que se acumpnam as audiências, a relação com a publicidade. Perceber porque é que estamos a ver isto a esta hora e não outra coisa qualquer".



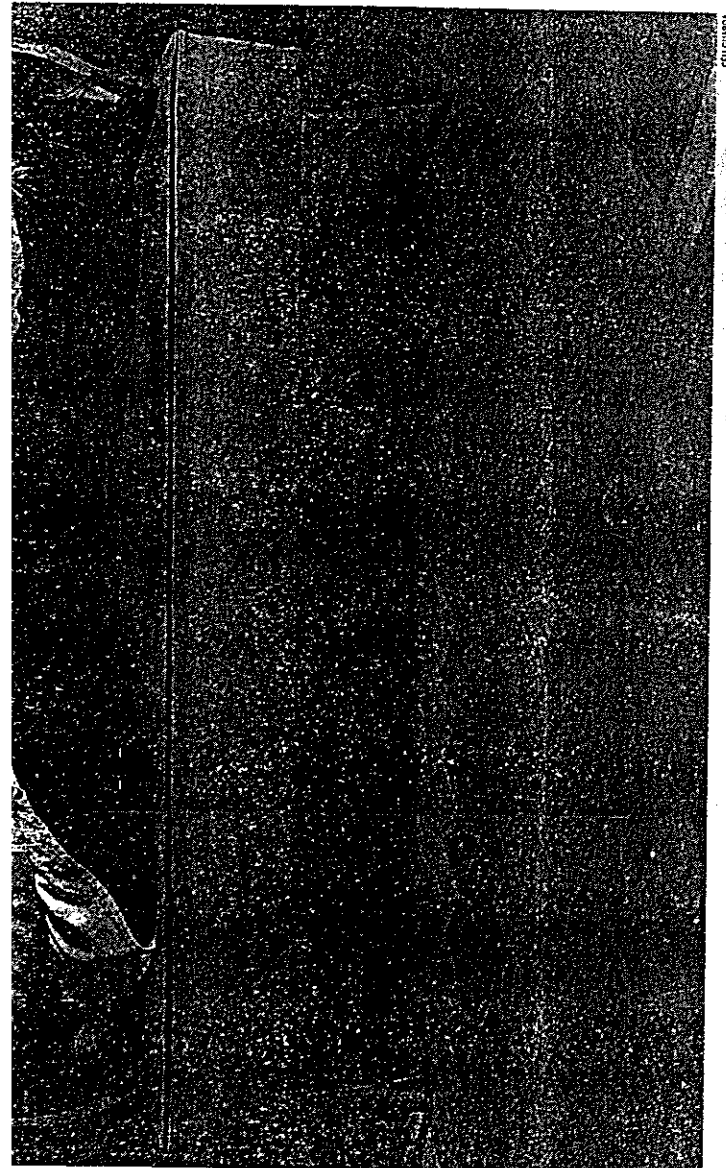
como são tomadas as decisões, dentro de uma te-
lvisão comercial, não estava realmente com ti-
manha receptividade. Para mais, não imediata.
"Se tivesse pedido à TFI francesa, por exemplo,
tinha a certeza absoluta de que a resposta seria
negativa", diz ela. "Fiquei completamente sur-
preendida quando o dr. Rangel disse que sim. Ti-
nhão preparado uma série de argumentos e de res-
postas. Um para a reunião, expliquei-lhe o meu
projecto mas dez minutos depois ele estava a di-
zer que sim, o projecto é muito interessante e
você tem as portas abertas".

Ele, obviamente, deve ter-se arrependido. O
documentário retrata de uma forma ingenua o
modo como a estação - melhor dizendo, o modo
como Emílio Rangel, rei e senhor todo-poderoso
- escolhe, programa e contra-programa o que exi-
be. "Cete télévision est la vôtre", foi difundido,
primeiro, por satélite e por cabo através do canal
Arte. A crítica francesa, do conservador "Figaro"
aos "Le Monde" e "Libération", bateu palmas e
distribuiu estrelas. Os jornais dedicaram páginas
ao documentário, ilustradas com fotografias do
"Big Show" de Baïão. Fizaram-se comparações
com os outros canais comerciais europeus, no-
minalmente o TFI do grupo Bouygues. Os críti-
cos interrogaram-se como foi possível que uma
empresa que disputa um mercado tão competi-
tivo abrisse totalmente as suas portas a estranhos e
revelasse os seus segredos internos. Mariana, ob-
viamente, não tem culpa. De um momento para o
outro (curiosamente, no preciso momento em
que a SIC passou a ser difundida por assinatura
em França), o génio de Monseigneur Rangel pôde
ser apreciado por todos os franceses. Como ele
deve estar arrependido.

A FRANCESA Mariana Otero nasceu na cidade
de Rennes, na Bretanha. O apelido espanhol
deve-o ao avô Antonio, revolucionário madrile-
no que combateu as fogueiras de Franco durante a
Guerra Civil. Era um jornalista conhecido (entre
as suas glórias conta-se a última entrevista dada
pelo poeta Federico Garcia Lorca). Depois da
guerra esteve preso várias vezes e viveu durante
anos na clandestinidade até que, em 1948, se exi-
lou em França. Foi professor de espanhol e col-
laborador de jornais como o "Le Monde". A famí-
lia - mulher e três filhos - só conseguiu juntar-se
a ele dez anos mais tarde. Quando Franco deixou.

Com tantos outros jovens da província, Maria-
na mudou-se para Paris. Tinha 20 anos e um pro-
pósito: trabalhar em cinema. "Desde os 13 que ti-
nhava esse sonho", diz ela, sentada no seu aparta-
mento do bairro da Estrela, em Lisboa. O vídeo e
o aparelho de televisão ocupam um lugar de des-
taque na sala. Mas, em Rennes, os pais - mãe
francesa, pai espanhol - odiavam a televisão e o
poder que ela podia ter. Nada de tv em casa. Ma-
riana passou os sábados nos cinemas da cidade,
temo Luc Godard, um Deus e filmes como "Le
Petrol fou" ou "Le Mépris" eram as obras-pri-
mas. Foi sobre este cinema, precisamente, que
ela escreveu a sua tese de mestrado.

Quando terminou o curso do DIJEC, a escola
nacional de cinema, em Paris, Mariana não pen-
sava dedicar-se totalmente aos documentários.
Lennon lhe o gosto quando trabalhava na monta-
gem de filmes. Foi só depois do curso que des-



OTO GUINZA

A diabolise Otero agitou, como ninguém, o nosso querido PAL

- o Panorama
Audiovisual
Lusitano.

A nata da nossa
inteligentista
ficou chocada
com o que viu.
Choveram as
críticas e as
contracriticas

tos) sobre os problemas disci-
plinares de um liceu nos arre-
dores de Paris. Foi transmiti-
do pelos canais Arte e Planete
e recebeu, tal como o "Non-
Lieux", vários prémios.

EM TODOS estes documen-
tários, como no "Cete télévi-
sion est la vôtre", Mariana
Otero trabalhou praticamente
sozinha: de câmara na mão,
gravando horas atrás de ho-
ras de filme (a única pessoa
que a acompanhava é um ope-
rador de som). Muitas vezes
não é fácil conseguir a auto-
rização para a realização.
Com a SIC foi uma questão
de minutos, como se viu, mas
para "La foi du collège", por

exemplo, Mariana gastou mais de um ano a per-
correr os liceus da área de Paris, à procura de
uma escola que quisesse colaborar. Depois de
meses de preparação, seguem-se meses de fil-
magem e mais meses, por fim, de montagem.
Fazer um documentário é uma maratona, um
trabalho de longa distância para o qual nem
toda a gente tem pernas ou estômago. "Quem
faz um documentário lá lo por gosto. E eu gos-
to muito de fazer documentários", assegura-me
ela, com um brilho nos olhos. "O documentário
é um género mesmo. Não se ganha dinheiro,

Este foi o quarto trabalho na carreira de Maria-
na Otero. Em 1991 ela realizou um curta-metra-
gem de oito minutos ("Loin de toi") sobre a soli-
dão de um emigrante tunisino que vivia em Paris,
longe da mulher e da família. No mesmo ano
chegou "Non-Lieux", o primeiro documentário -
o "primeiro filho", como ela diz - realizado com
uma pequena câmara V8, sobre a vida de um gru-
po de reclusos dentro e fora da prisão. Foi difun-
dido pelo antigo canal France 1. Em 1994
realizou "La foi du collège", um documentário de
três horas de duração (seis episódios de 28 minu-
tos).

cobri o género do documentá-
rio. Fiz a montagem de al-
guns. Um melhor, como diz o
Baptista-Bastos, fiz a colagem
de alguns documentários", ri-
se ela. O escritor português
entrevistava-a na semana pas-
sada para o programa "Con-
versas Faladas" e, no meio
das habituais demonstrações
de cultura, modestia pessoal,
dedicação ao trabalho, etc., teve
tempo, sobretudo, para pôr
em causa o trabalho da france-
sa. Que ela tinha mostrado
uma falta da história da SIC.
Que se tinha limitado a colar
as partes que lhe interessa-
vam. Que não falara dos sete-
prémios-sete que a estação
consequira em cinco-anos-

cinqü. Que se esquecera de mostrar os méritos,
indiscutíveis, da informação da SIC. A tudo isso
ela respondeu, de sorriso nos lábios. Tentava ex-
plicar. Mas B.B. não entendia. "Algumas pessoas
não percebem que a minha intenção nunca foi fa-
zer um relato da SIC. Não digo se os programas
da SIC são bons ou são maus. O objectivo do tra-
balho foi mostrar como se tomam as decisões no
interior de um canal de televisão comercial como
a SIC. O documentário não é contra a tv com-
ercial. Alá, isso seria um pouco estúpido, já que
vivemos numa sociedade capitalista".

mentários que lhe tomaram menos tempo. "Foi
demasiado rápido", diz Mariana. Passou dois me-
ses e meio em Carnaxide com a câmara de nove
quilos nos ombros. Foi bem recebida por toda a
gente, que cedo se habituou à sua presença nas
salas e nos estúdios da SIC. "Às vezes era preci-
so ter muita paciência. Sabíamos das reuniões
que iam ter lugar na SIC e esperávamos no cor-
redor - uma, duas, às vezes cinco horas. As pes-
soas pensavam que nós éramos loucos". Gravou
60 horas de filme. Seguiram-se seis meses na
mesa de montagem, para chegar aos 60 minutos
de produto final. "O meu bebé foi concebido no
início da montagem e nasceu um mês depois de
eu terminar o filme", ri-se ela, com o filho Na-
teus, de quatro meses, nos braços. "Vai ser um
bebé completamente SIC".

A ideia para este documentário nasceu apro-
priamente, num estúdio de televisão. Mariana
Otero tinha acabado de terminar "La loi du collé-
ge" e foi uma das convidadas num grande debate
na Antenne 2. "Fiquei alucinada. A televisão em
directo, tudo aquilo, e comecei a pensar como se-
ria interessante fazer um documentário sobre a tv.
Não sobre a vida de uma tv - acho que isso seria
um pouco folclórico. Mas mostrar como é que se
tomam as decisões, como é que se acompanham
as audiências, a relação com a publicidade. Per-
ceber porque é que estamos a ver isto a esta hora
e não outra coisa qualquer".

Ela poderia ter contactado vários outros canais
comerciais de sucesso, na Europa, mas preferiu
a SIC por uma razão óbvia: Mariana, de 33 anos,
vive em Portugal desde Dezembro de 1994. Nes-
se mesmo ano conheceu Adolfo Macedo, aliás
Adolfo Luxúria Canibal, o vocalista e mentor do
grupo português Mão Morta. "Encontrámo-nos
em Paris num bar de um amigo de um amigo de
um amigo. Ficámos sentados um ao lado do ou-
tro. Ele estava de passagem por Paris. Depois
encontrámo-nos outra vez numa festa", recorda
Mariana. Poucos meses depois ela mudava-se de
arrazais e bagagens para Portugal, um país de
"pessoas tristes e melancólicas". "Acho os por-
tugueses um pouco estranhos. Quer dizer, são
muito simpáticos, muito gentis. Mas vivem um
pouco na Lua. No mundo da poesia. São pouco
agarrados à realidade. Se calhar é por causa dis-
so que há poucos documentários na televisão
portuguesa".

Essa foi uma das razões, segundo ela, que
transformaram "Cete télévision est la vôtre"
num assunto de debate nacional. A diabolise Ote-
ro agitou, como ninguém, o nosso querido PAL -
o Panorama Audiovisual Lusitano. A nata da nos-
sa inteligentista ficou chocada com o que viu.
Choveram as críticas e as contracriticas. Acusa-
ram-na de estar ao serviço de lobbies. Houve lu-
gar, inclusive, a um editorial de mais de quatro
minutos de lindeiro Rangel, na sua estação. "As
pessoas não estão habituadas a ver documen-
tários em Portugal", diz ela. Não estão, certamen-
te, habituadas ao estilo Otero: filmes onde se
mostram episódios reais, onde a realidade é mos-
trada tal qual é. Sem vozes-off. Sem o discurso
de um jornalista que explica às pessoas o que elas
estão a ver. "As imagens falam por si. Tem mais
força ver o dr. Rangel a telefonar para o Brasil do
que por um jornalista a contar a história", diz.
Oh, mas como ele deve estar arrependido.

Baptista basta

Honestamente, não gostamos do programa do Baptista-Bastos: aquilo irrita, pelo excesso de intimidade e, acima de tudo, por ter muito mais monólogos do que "Conversas". Muito honestamente, odiámos a "conversa" com Mariana Otero: aquilo não nos pareceu um programa, mas uma *vendetta* por conta de outrém.



Como não quisemos cometer a mesma injustiça, oferecemos a Baptista-Bastos a hipótese de responder às críticas que tínhamos para lhe colocar. Ele não se importou nada, até porque "as injúrias é que eu habitualmente resolvo à estalada, e se as mãos não chegarem vou a casa buscar um machado". Aqui ficam alguns momentos da nossa conversa.

Uma das coisas que irritavam na sua entrevista era a fixação no "eu": "Eu trabalhei no Diário Popular"; "Eu fiz cinema, por sinal um clássico dos nossos dias"; "Se fosse eu a decidir o seu programa não ia para o ar..." Mas isso era para ela saber... Se calhar a Mariana Otero não sabia que eu tinha feito essas coisas todas. Mas isto sem qualquer arrogância da minha parte: era para ela saber que não estava ali um indivíduo qualquer que não sabia sequer o que era uma montagem.

E não foi um bocado agressivo com a sua entrevista?

Fui agressivo e penitencio-me disso, mas não passei das marcas. Eu penitencio-me de ter sido agressivo, mas a Mariana Otero tocou, ou melhor, aflorou, questões que me irritam sobremancira: a questão da informação nas emissoras estatais. Então você não acha que a informação das estatais é manipulada? É claro, em qualquer parte do Mundo. Onde é que você vê a liberdade de informação que há na SIC?

Mas então porque sentiu a necessidade de assumir a defesa de Emídio Rangel e de Francisco Balsemão? Não, não foi nada disso. Eu acho é que o programa

manipulou, só deu um lado da SIC. Não se pode ignorar os outros programas que também a constituem. Há um grande documentarista francês, Chris Marker, que entre vários documentários tem um sobre Cuba, que se chama Cuba Si. Ele faz este documentário e é um homem de esquerda que não se inibe de criticar o que de mau há em Cuba.

Então está mesmo convencido que a Mariana Otero "anda a fazer propaganda para o lobby das estatais"? Aparentemente. Não é o que toda a gente diz e ela assume? Quem é que paga aquilo? É o Arte, que tem o apoio do Estado. Eu já não tenho idade nem para ser vaidoso nem para ser modesto, mas gosto muito de irritar as pessoas. Gosto de irritar as pessoas, como O Independente também gosta, e não me importo quando se metem comigo, desde que não meta o insulto e a injúria. É que eu sou um homem com muitos defeitos, mas ímpoluto. Acho bem que toda a gente tenha ideias e dê porrada, porque este país não tem crítica. Acho bem que você tenha ideias. É porreiro. Aliás, desculpe a imodéstia, eu bati-me um pouco pelas suas ideias.

Sinceramente, não se ficou com a sensação de que a Mariana Otero tivesse tido grande ocasião de defender o seu trabalho. Foi mais o Baptista-Bastos a dizer o que não gostava nele.

Porque só dá uma parte: admita que uma pessoa quer fazer a história de O Independente e só dá os processos que o jornal teve. Ao contrário do que pensam muitas vedetas, a verdade é derivativa. E ela [Mariana Otero] não põe os outros programas, o Terça à Noite, o Século do Povo... E até maltrata injustamente outros, como o Ponto de Encontro. Já viu o que este programa fez por tanta gente? Eu quando me meto neste tipo de coisas é com uma grande sinceridade e para defender questões de princípio: a palavra da verdade. **Pedro Sousa Tavares**

CAIXA NEGRA

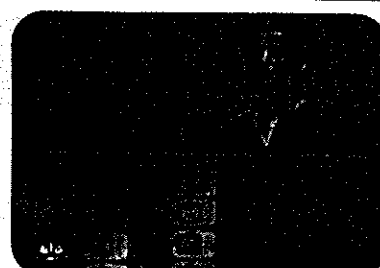
MIGUEL SOMSEN



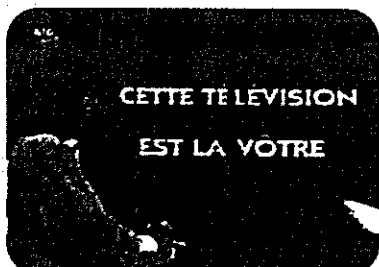
PASSO, PASSO. No *Um, Dois, Três*, o Carlos Cruz pediu aos concorrentes, nomes de batalhas célebres. Depois de pensar muito, uma senhora respondeu mesmo "Batalha". "Mas a da Batalha é a de Aljubarrota, daí o Mosteiro", retorquiu o anfitrião. A senhora insistiu: "Nem à porta do Mosteiro?". A cultura histórica deste país é uma batalha perdida.



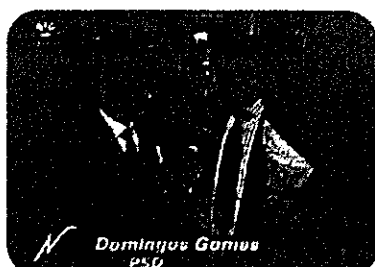
DAR O NOME AOS BOIS. A Praça do Comércio abriu sem automóveis mas com uma exposição de estátuas gordas. Na ausência de intelectuais, a RTP foi saber a opinião do povo. Indignado com uma estátua que reproduzia um humínculo de braços pequenos, um senhor comentou que "assim o homem não pode fazer chichi". Não cessam as críticas a João Soares.



PROTEÇÃO CIVIL. Numa peça referente à Moda Lisboa, uma repórter da SIC diz que "era assim que o [estilista] José A. Tenente gostaria de ver os portugueses vestidos no Verão". Assim? Com maminhas ao léu, rabos ao desbarato e pernas a perder de vista? Todos os portugueses? Não chega o estado de calamidade no Inverno?



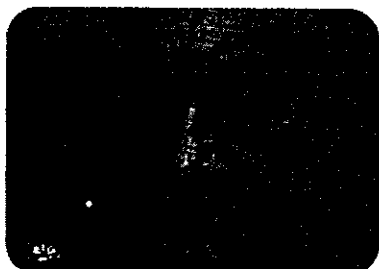
ESTA TELEVISÃO É NOSSA. O acólito da liberdade, Baptista Bastos, convidou o inimigo público nº 1 da SIC, Mariana Otero, para uma conversa, na qual acusou a autora de pertencer aos lobbies das TVs estatais: quem financiou, quem ocultou, quem manipulou, com que propósitos fascizantes? Tudo isto, em mais um excitante episódio de *Ficheiros Secretos*.



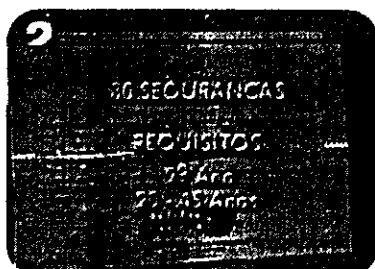
ESTE HOMEM NÃO É DO NORTE. O ex-médico do FC Porto, Domingos Gomes, agora no PSD, interpelado pelo *Filhos da Nação* sobre bordéis, disse satisfeito que no estrangeiro há bairros para "prostituição, discotecas e gays", de maneira a evitar que "a gente se confunda com eles". Estes malandros acham sempre que o que vem do estrangeiro é que é bom.



PERDER OS SENTIDOS. Na azáfama das campanhas eleitorais, o ministro João Cravinho deslocou-se a Castelo Branco para inaugurar um curioso túnel rodoviário com apenas um sentido. É uma excelente maneira para se reduzir os acidentes viários, mas não evita os de protocolo. Para a semana, chegam os semáforos de uma só cor.



NINGUÉM É UMA ILHA. Marcelo Rebelo de Sousa visitou os Açores "no dia a seguir a Guterres" e as televisões registaram o acontecimento. Depois de incentivar um local a "a andar em frente" (o que nunca se deve sugerir a um ilhéu), Marcelo encontrou uma senhora que afirmou não saber quem ele era. Os açorianos são um povo admirável.



A BOLSA OU A VIDA. O desemprego nos jovens alastrou dos programas de economia para os juvenis, como *3000 Segundos* ou *Jornal Jovem*, que criaram bolsas de emprego onde se procura jovens "marceiros, dos 25 aos 45 anos". É verdade que todo o quarentão tem uma criança dentro de si. Mas não significa que ela precise de trabalhar tão cedo.



BÍCEPS GRATINADOS. O fantástico mundo da TV cabo inclui um canal de televidas onde as imagens nem sempre coincidem com as legendas, criando a confusão no consumidor que recebe um aparelho de abdominais quando quer fazer frango de fricassé. Não admira que haja cada vez mais homens na cozinha.

Ranking 10 a 16 de Novembro de 1997

Fonte: ECOTEL

1	TV P3	10	TV P3
2	SIC	11	SIC
3	TV P3	12	SIC
4	TV P3	13	SIC
5	TV P3	14	SIC
6	TV P3	15	SIC
7	TV P3	16	SIC
8	TV P3	17	SIC
9	TV P3	18	SIC
10	TV P3	19	SIC



ENTREVISTA DA SEMANA

MARIANA OTERO

Mariana Otero, 33 anos, é realizadora de televisão há uma dezena de anos. Um documentário sobre a SIC, em que mostra os bastidores de uma estação comercial, tornou-a conhecida do grande público e criou-lhe alguns inimigos. Em Camaxide não gostaram do filme, produzido pelo canal Arte, da televisão francesa, e Baptista-Bastos convidou-a para o seu programa *Conversas Secretas*. Uma entrevista demolidora, antes da transmissão do documentário, por volta das duas da manhã...

'Rangel foi pressionado'

Há cenas que ficaram de fora, que seriam ainda muito mais polémicas

VISÃO: Alguma vez imaginou que o seu documentário seria tão polémico e tão devastador para a imagem da SIC?

MARIANA OTERO: Nunca. O objectivo era contar histórias e mostrar como se tomam as decisões numa televisão comercial. Achei que a SIC era um caso exemplar e nunca pretendi falar no jornalismo que lá se faz ou na qualidade dos filmes que exibem. A minha escolha era muito clara desde o início: as decisões dos directores de programas e comerciais. Na montagem selecionei as imagens que resumiam as várias histórias. E o que mandei para o lixo não tinha nada a ver com as histórias, ao contrário da acusação que me fez depois Rangel. E há cenas que se tivessem sido incluídas seriam muito mais polémicas.

V: E no entanto o conteúdo do documentário surpreendeu muita gente...

M.O.: Penso que mesmo os jornalistas e a maior parte dos trabalhadores da SIC não sabiam como as coisas se passam e como se tomam decisões. Só as hierarquias. Quando terminei o trabalho, em Julho, mostrei-o ao dr. Rangel e ele foi o primeiro a dizer que gostava e que estava bem feito. A sua única crítica foi que se dava a ideia de que a SIC dependia demasiado das telenovelas da Globo. Mas aceitou e parecia muito contente.

V: Como explica então a mudança

de atitude de Emídio Rangel?

M.O.: Não tenho dúvidas de que sofreu pressões. Afinal ele não é o dono daquela estação televisiva, é apenas o director de programas. E no início era claro para ele que não havia nada a esconder e que a SIC é de facto uma televisão comercial. No entanto, a hora a que o documentário foi transmitido prova que havia ali uma decisão política de esconder qualquer coisa. Teve mais a ver com Balsemão que, aliás, só aparece de passagem no meu trabalho. Quando saíram os primeiros artigos na imprensa francesa, Emídio Rangel ficou furioso. Na altura dizia que não pretendia passar o documentário. As reacções eram demasiado fortes para ele o deixar passar na SIC. Mais tarde apareceu a proposta de eu participar nas *Conversas Secretas*, de Baptista-Bastos e eu aceitei.

V: Que sensação teve durante a entrevista conduzida por Baptista-Bastos?

M.O.: Essa entrevista surgiu como um direito de defesa para a SIC, embora eu ache que não ataquei ninguém. A entrevista foi como um diálogo de surdos. Tentei explicar que o filme era apenas a minha visão pessoal. O que me chocou mais foi a intervenção de Rangel antes do documentário e achei muito agressivo ele ter-me falado assim, via televisão. Continuo sem perceber por que razão a SIC reagiu assim.

‘Continuo sem perceber por que razão a SIC reagiu assim’

SOCIEDADE

NA LINHA

O laço desfeito
de Baptista-Bastos

PEDRO ROLO DUARTE

Em 1982, eu queria ser como Baptista-Bastos: jornalista de corpo inteiro, ideias e ideais, uma noção apaixonada da profissão, sem sombras, sem nódoas. Eu e os meus amigos fíamos *As Palavras dos Outros* e fazíamos dedicatórias: desejávamo-nos mutuamente uma carreira ímpolita e inatacável como a dele. À época, B.B. ostentava já uma vaidade pouco recomendável. Mas tinha razões: era um respeitado jornalista e aproximava-se da designação de escritor.

Passaram 15 anos desde esse tempo em que as nossas carreiras eram moldadas pelos «exemplos a seguir». Aos poucos, B.B. começou a repetir-se, escreveu um romance medíocre, os jornais onde trabalhava fecharam e os que nasceram não se lembraram dele. Envelheceu e «não tomou conhecimento» — por isso, envelheceu mal. Começou com o tal romance recheado de frustrações. Continuou em prosas na revista *Sábado* que destilavam veneno. Era visível que deixara de ter à mão essas drogas poderosas e viciantes que são a fama e a admiração pública. Depois de uma triste experiência no projecto de uma revista de informação geral, desapareceu.

Nessa altura o mito estava desfeito: cabe aos heróis saberem manter a postura para lá do «seu tempo». Se o carácter lhes der essa capacidade, ficam como Amália ou José Afonso: eternamente nossos. Se, pelo contrário, a idade não resultar em paz e tranquilidade, disfarçar as insuficiências com o mérito passado pode ser uma tragédia.

É dessa tragédia que vive hoje Baptista-Bastos. *As Conversas Secretas* têm sido mais do que um regresso: recuperaram o seu laço armado de vaidade. Fazem dele uma caricatura grosseira de si próprio. A entrevista que apresentou na SIC, na semana passada, com uma profissional que mostrou, sem segundas intenções, como uma estação de televisão privada vive na selva do mercado, constituiu, para aqueles que um dia o admiraram, a estocada final. Ele sabe de que é feito este meio — sa-

be, portanto, que o pecado da SIC está apenas no facto de ter permitido a Mariana Ottero gravar o que vimos. Sabe que a linguagem, os métodos e a postura exibidos são extensivos a todos os meios privados que procuram rentabilizar os seus espaços. Não é verdade que uma má notícia para os outros é a melhor manchete para nós? Sucede que nenhum meio de comunicação cairia na asneira de se deixar filmar sem limites. Foi na SIC? Foi. Podia ter sido em qualquer televisão ou jornal.

Receando retaliações, mais papista do que o papa, Baptista-Bastos decidiu tentar destruir Mariana Ottero sem se aperceber de que, ao fazê-lo, se estava a autodestruir. Revelou ignorância sobre estudos de audiências, exibiu um passado trópego para justificar opiniões descabidas, chegou a acusar a RTP de estar há 22 anos ao serviço de sucessivos governos — esquecendo-se de que um deles foi liderado pelo seu patrão na SIC, Pinto Balsemão. Ninguém lhe encomendou o sermão — mas, com medo de ver o laço desfazer-se, atirou-se à novata como se fosse um leão a enfrentar um gato. Só que o leão velho já só faz barulho. E Mariana respondeu-lhe com simplicidade, classe e educação. B.B., ao conduzir a conversa naquele tom rasteiro e de má-fé, sabia que estava a prestar um serviço a uma empresa. Sabia, portanto, que perdia o capital adquirido de independência e superioridade morais. Não resistiu: quis agradecer à SIC o que a estação fez por ele — que foi, afinal, injectar-lhe novamente o irresistível sabor da popularidade. E com esse agradecimento não terá ganho mais do que uma nova série de *Conversas*.

O que torna triste o seu momento televisivo é a idade e a vaidade: juntas, são fatais para quem, afinal, esteve à beira da glória, mas não percebeu que lhe faltava humildade e coerência. Há oito dias acabou a carreira de Baptista-Bastos. Hoje, entre ele e o homem que apresentou o *Agora ou Nunca*, não há diferenças: ambos dão o seu melhor para manterem um emprego. Não lhes resta mais nada.

Baptista-Bastos fez uma caricatura grosseira de si próprio. Não saber envelhecer e a sua eterna vaidade foram fatais

O canal Arte e a TV Cabo

Não deiba de ser sintomático que a TV Cabo mantenha, praticamente desde o seu lançamento, um canal de manifesto interesse como o Arte em regime "experimental" no canal 32, enquanto pelo "efectivo" canal 18 do seu "bouquet" tem passado a total indefinição, desde o Fiesta ao Cine de Siempre, ao Estilo Viver Viver. Isto faz-nos suspeitar de que o referido canal 18 é apenas um pretexto forrado a papel de parede para que, depois das duas da manhã, os senhores da TV Cabo se possam sentar em frente dos seus televisores assistindo aos porns dobrados em castelhano a que a insofista programação diurna dá lugar.

O Arte é um canal que inclui regularmente Portugal na sua programação — nele já vi coisas como "O Trabalho Liberta", de Edgar Pêra (que nunca vi na TV portuguesa), um documentário sobre as empregadas domésticas portuguesas em Paris, referências regulares às presenças portuguesas em festivais europeus como o Printemps de Bourges (que nunca vejo na TV portuguesa), a recentíssima noite temática sobre Portugal a propósito da presença em Frankfurt, da qual constou o documentário sobre a SIC, um documentário de 90 minutos sobre os escritores portugueses e as suas cidades de Lisboa e Porto, o filme "Sinais de Fogo", seguido de entrevista com o realizador (como também não se faz na TV portuguesa). O que não era inédito, pois há um ano passara outra noite temática sobre Portugal, transmitida em simultâneo com a RTP2, em que foi também exibido o filme "Aquí na Terra".

Escrevo por indignação, dado que no sábado passado, mais uma vez, o Arte falou sobre Portugal, num documentário sobre o fado. É pena que este canal, que tem sido inclusive um co-produtor regular do cinema português (La Sept), continue remetido para o pacote de "experimentais" apenas porque não possa justificar um lugar, por exemplo a substituir a inenarrável RTL de língua alemã (aliás, vastamente falada em Portugal...?), apenas porque não passa os jogos de futebol, que são aparentemente a única razão para a permanência desta no "bouquet".

Porque não pode o Arte passar a definitivo no canal 18? Senhores da TV Cabo, olhem que este canal raramente termina depois das duas e, assim, podem pôr os vossos porns a seguir!!! Até porque os espectadores do Arte são em geral madurinhos! Ou, então, porque não estudam a seguinte sugestão: o canal Panda acaba cedinho, podem aproveitar mais algum tempinho de porns se os passarem para o canal 6! E, já agora, porquê apenas porns hetero?

Aproveitem para ver o Arte enquanto puderem, porque brevemente, muito brevemente, a TV Cabo, a TV Globo e a SIC pavimentarão o panorama do cabo português com dois milhões de telenovelas diárias, filmes bruscos e programação brasileira ou dobrada em português espalhada por seis canais. Claro que o Arte estará na primeira linha de sacrifícios... Ainda por cima cometeu o sacrilégio de exibir aquele documentário "difamatório" sobre a SIC... "Ah, la vendetta!"

Anabela Gomes de Carvalho Morgado,
São Domingos do Rana

TV Cabo: que critérios?

Há tempos, a TV Cabo emitia o canal francês M6. Na sequência de uma reestruturação, decidiu suprimi-lo. No entanto, ao ler os jornais reparei que o M6 continua a ser emitido — e sem ser em hiperbanda — na região de Lisboa, juntamente com um novo canal de jazz. Telefonei à TV Cabo perguntando porque é que no Porto não existiam esses canais. Resposta: "Não se prevê... não sabemos... não estamos ao corrente..."

Como pago o mesmo que um residente da capital, pergunto: os clientes da TV Cabo são todos iguais ou há alguns que são mais iguais do que outros?

Diamantino Carvalho,
Porto

N.R. — Segundo a TV Cabo, o M6 passou a poder ser visto em todo o país a partir do corrente mês de Novembro.

A TV DO NOSSO (DES)CONTENTAMENTO

HÁ ALGUM tempo, falando de TV, um amigo disse-me que a SIC era como um hipermercado. Expunha nas prateleiras mais visíveis (isto é, nos horários nobres) os produtos que mais lhe interessava vender e colocava nas prateleiras menos acessíveis os restantes produtos, mesmo que eles fossem de qualidade superior.

Respondi que havia uma diferença, a de que os produtos vendidos nos hiper tinham a sua composição e prazos de garantia afixados, enquanto na SIC havia muitos casos em que se vendia gato por lebre. Dei como exemplos recentes a conhecida manifestação das lours, engendrando uma situação artificialmente criada, a pseudocandidatura cigana a uma autarquia e até o programa O Juiz Decide, em que os telespectadores são levados a pensar estar a assistir a um julgamento a sério, quando se trata de uma simples representação.

A recente emissão do canal francês Arte sobre os bastidores da SIC, o artigo publicado no PÚBLICO sob o título "A elite contra-ataca", da autoria do subdirector de programas daquela estação, António Borge, a entrevista feita a Marianne Otero, autora do trabalho emitido naquele canal e as próprias palavras de Emídio Rangel antecedendo a retransmissão do mesmo, merecem-me alguns comentários soltos (...).

1 — A SIC retransmitiu o programa em causa, cerca das duas da manhã, com término às três, na véspera de um dia de trabalho. Hora ideal para quem queria ver o programa com espírito crítico e não tivera a oportunidade de o ver no Arte. Mas a SIC pode sempre dizer que praticou um acto democrático. Já agora, uma sugestão para a sua programação: transmitam a essa hora uma das telenovelas de sucesso da estação. Como podem conseguir tudo, fazer vender tudo (...), talvez consigam o milagre de os portugueses deixarem de dormir e aumentar a produtividade nacional em cinquenta por cento...

2 — António Borge diz-nos no seu artigo: "A SIC nada tem a esconder." Baptista Bastos ao entrevistar Marianne Otero, refere vários aspectos que em sua opinião ela não deveria ter colocado no ar, por poderem ser desagradáveis para o anunciante (...). Afinal onde ficamos, há que esconder ou não?

3 — António Borge diz que já há quem recorde com saudade o nacional-canonetismo sa-lazarento. Possivelmente aqueles que nessa altura faziam a chamada TV dos três éfes e que hoje se sentiriam felizes se tivessem tido ao seu dispor meios que lhes permitissem fazer programas como o Perdão-me. Ai os Homens, Escova de Dentes, etc.

4 — Acrescenta também que o papel até agora desempenhado pela SIC está a contribuir para que o país se conheça melhor a si próprio (...). Será com os programas atrás referidos? Ou talvez com as entrevistas à menina Paula ou da outra menina que se aconchegou ao Presidente do Brasil? Ou talvez com a transmissão daquela maravilha para a educação juvenil que é o Dragon Ball?

5 — Um aspecto que ninguém referiu neste debate, mas permito-me acrescentar, é o do total desrespeito pelo telespectador no que se refere ao cumprimento de horários. Bate de longe qualquer outra estação portuguesa nessa matéria e, se falarmos da Europa, então que dizer? A já referida Arte, a BBC, a Sky News ou até a latino-americana Galavision não ensinam nada? Afinal esse desrespeito é assumido pela própria Direcção de Programas do canal, quando se vê o frenesim em modificar a programação ao sabor da luta pelas audiências.

6 — Pessoalmente nada tenho contra ou a favor das estações privadas ou estatais. Interessa-me a qualidade. Como na imprensa e sem qualquer lisonja, permitam-me destacar o PÚBLICO, exemplo de um meio privado de comunicação social que certamente terá em conta os resultados financeiros, mas que os sabe conciliar com a dignidade que os seus leitores merecem. E a SIC saberá?

7 — E afinal quando nasceu trouxe tantas esperanças...

Nuno Manuel
Cova da Piedade

Outra vez a SIC

O documentário sobre a SIC "Cette Télévision est la Vôtre", da francesa Marianne Otero, está a suscitar um variadíssimo leque de reacções, quer junto dos mais entendidos em "media" quer junto dos menos entendidos em comunicação social, não só em Portugal, como também além-fronteiras.

E o que é que se pode dizer que já não tenha sido dito? Nada, as imagens falam por si! A jornalista francesa foi muito hábil nos cortes e montagens, onde compilou três meses de gravações em somente uma hora. Foi também muito geniosa em não fazer grandes comentários ao longo da peça, limita-se apenas a situar o telespectador para uma melhor compreensão de todo aquele sistema televisivo. Poupança assim a que lhe pudéssemos apontar o dedo por uma atitude de partidarismo. Todavia, está lá astutamente subentendida a sua versão dos factos.

Não se pode, ou melhor, não se deve exercer uma atitude tão extremista com o canal de Carnaxide e muito menos com Emídio Rangel. A SIC faz o que todos fazem, mas melhor! O sr. Rangel está no papel principal, o que lhe custa as maiores e mais rudes críticas, mas uma dívida não pode pairar no ar, a de que ele é um excelente profissional. Também ele faz o que todos fazem, mas excede-se, transcendendo-se.

No meu primeiro ano de faculdade, fiz um trabalho sobre os dois anos de televisão privada em Portugal. A SIC era na altura "o canal preferido de todos os portugueses". Ainda assim é, mas se fosse hoje fazer o inquérito que levei a cabo na altura, com certeza que as respostas seriam contrárias, e falsas!! Afinal, a SIC é ou não líder de audiências em Portugal? Os factos confirmam-no. Ora deixemo-nos de falsas cumplicidades e ataques constantes de cinismo, admitamos que nos deliciamos com os Big Show SIC e os All You Need Is Love, essa é a realidade do sistema, do povo português.

Não quero aqui (...) salientar exacerbadamente o meu pesar e tristeza pela estratégia da SIC, pois, como estudante de comunicação e futura jornalista que pretendo vir a ser, é realmente chocante ver posta em causa a qualidade de um telejornal (isto já para não falar do trabalho de inúmeros profissionais) em ressalva de uma "qualquer" estratégia, porque efectivamente ela funciona.

A SIC dá ao público, não o que ele pede — pois ele não pede, tem vergonha —, mas sim o que ele gosta. Tem, a meu ver, um grande mérito os profissionais do canal de Carnaxide: abrem as portas, dão-se a conhecer, todas as partes dialogam, eles sim mostram o lado humano. Que é feito daqueles que nos entraram pela casa dentro durante anos a fio, sem qualquer outra possibilidade de escolha? Coragem, meus senhores, pois a música é a mesma, só muda de sintonia. E já dizia a minha avozinha que quem não deve não teme!

Mónica Maria Inácio Traça
Almada

25 NOVEMBRO

PÚBLICO

17 NOVEMBRO

PÚBLICO

24 NOVEMBRO

PÚBLICO

Entrevista com Mariana Otero, realizadora de documentário sobre a SIC

«Canal ARTE está disposto a abrir as suas portas a uma equipa da SIC»

Por Dulce Garcia

Mariana Otero, 33 anos, realizadora de cinema há quase uma década, é a autora do documentário sobre os bastidores da SIC, que desencadeou um artigo pouco simpático por parte do jornal francês «Le Monde». Durante alguns meses, ela foi presença habitual nos estúdios de Canal de e, de câmara em punho, filmou os vícios e as virtudes de uma televisão privada. O resultado é um filme documental que, antes de passar no canal francês ARTE, já andava a circular clandestinamente em Portugal.

Dois meses depois de ter estreado em França, «Esta televisão é a Sua» continua a suscitar as mais diversas opiniões e polémicas. E até já mereceu, da parte do director de programação da SIC, uma nota editorial na qual explicou que a sua televisão tem outras preocupações que não o lucro e as audiências. Como prova de que a democracia anda pelos corredores de Canal de e, de câmara em punho, filmou os vícios e as virtudes de uma televisão privada. O resultado é um filme documental que, antes de passar no canal francês ARTE, já andava a circular clandestinamente em Portugal.



Mariana Otero nunca esperou que o seu documentário suscitasse tanta polémica

Uma das críticas que a SIC faz ao seu documentário é a de que ele é muito parcial. Quando foi apresentado o projecto explicou o que queria fazer?

MO - Expliquei muito bem a ideia que ia fazer um documentário sobre a televisão comercial e que tinha escolhido a SIC, porque era um bom exemplo desse género de televisão. Disse-lhe sempre que eu não queria fazer um documentário da SIC.

Então escolheu a SIC

soas não se mostraram reticentes em colaborar?

MO - O di. Emílio Rangé gostou do projecto e deu-me quase de imediato autorização para o fazer. A partir daí, e com o consentimento dele, toda a gente colaborou.

DE - Tendo passado lá tanto tempo é natural que as pessoas se tenham esquecido um pouco de si e tenham agido com a maior naturalidade possível. O facto de lhe terem permitido que entrasse na intimidade da estação não a deixou constrangida em mostrar certos pormenores?

MO - As pessoas já me conheciam bem e é verdade que se habituaram a ver-me. Mas isso não quer dizer que me tenham esquecido, até porque quando filmei estou em cima das pessoas e por isso é difícil ignorar a minha presença.

DE - Ficou surpreendida, para o bem ou para o mal, com o que viu na SIC?

MO - Não sou ingenua. Tinha uma ideia mais ou menos clara de como funcionava uma estação comercial, ou aquela que vive das audiências. Isto não se bem não me parecia a uma das cenas do

história e disse que não ia passar o documentário.

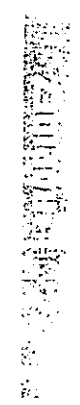
DE - Mas passou. E até a convidaram para ir explicar o seu trabalho.

MO - Sim é verdade. E aceitei ir às «Conversas Secretas», mesmo sabendo que Baptista-Bastos não tinha posto do filme. Tinha a certeza de que me iam ver feitas algumas perguntas mais duras, mas achei importante explicar o meu trabalho e deixar a SIC manifestar a sua opinião. Aliás, logo em Setembro, quando o documentário passou na ARTE, propus a SIC fazer uma conferência de imprensa a explicar que aquilo não era uma peça jornalística e que era uma visão muito absolutamente parcial. Do que eu não estava à espera, sinceramente, era daquela nota editorial que o di. Rangé fez nas «Conversas Secretas».

DE - A Mariana faz um filme com a sua visão da estação e ele quis explicar a visão deles...

MO - Mas de nós, nada ataca-me, diz que estou a ser viciado da ARTE, coisa que é totalmente verdadeira. Mas não colaboro com esta estação porque a minha estação quer a

DE - Uma das cenas do



...e a sua importância para a cultura e a história do Brasil. A sua criação foi uma iniciativa do Estado de São Paulo, com o objetivo de preservar a memória e a identidade da população paulista. A sua criação foi uma iniciativa do Estado de São Paulo, com o objetivo de preservar a memória e a identidade da população paulista.

...e a sua importância para a cultura e a história do Brasil. A sua criação foi uma iniciativa do Estado de São Paulo, com o objetivo de preservar a memória e a identidade da população paulista. A sua criação foi uma iniciativa do Estado de São Paulo, com o objetivo de preservar a memória e a identidade da população paulista.

Se não se quiser

CH CORRÍOS

era um bom exemplo desse gênero de televisão. Disse-lhe sempre que ia focar o lado comercial da SIC.

Então escolheram a SIC por ser a televisão que melhor funciona em termos comerciais?

MO - Escolhi a SIC porque é o melhor exemplo de como se faz um bom negócio comercial. Por isso o meu documentário é parcial e só explora essa área. Quis mostrar a relação entre audiência, programas e publicidade, mais nada. Os produtores dos programas não me interessavam, não me interessava fazer a história dos programas e a sua promoção.

DE - O que é que a levou a querer retratar a vida de uma televisão privada, porque um órgão de comunicação?

MO - Quis fazer um documentário sobre televisão portuguesa, a televisão é, cada vez mais, uma entidade determinante na vida das pessoas. Acho interessante e importante como se tomam as decisões, num órgão que mevtanto com a vida dos cidadãos.

DE - Quanto tempo demorou este documentário a ser feito?

MO - Comecei a ir à SIC em Fevereiro ou Março de 1996. Como sempre, fiz um mês de "repetição" e a partir de Maio comecei a filmar. Fui diariamente na estação entre Maio e Junho e depois voltei em Outubro para filmar o aniversário. Ao todo, demos que este trabalho levou seis meses a ser feito.

DE - A SIC acolheu bem o seu projecto? E as pes-

clara de como funciona uma estação comercial, em aquela que vive das audiências. Isso não se tem, não é uma crítica.

DE - Uma das cenas do documentário que mais tem sido referenciada é aquela em que se diz à redacção que é preciso entender o noticiário por uma questão de estratégia, nem que para isso se sacrifique a qualidade. Isso choca-a?

MO - Os jornalistas já me tinham explicado como é que as coisas funcionam mas no final fiquei em relação ao alinhamento. Eles contam-me por exemplo, que já tinham constatado que é melhor pôr «faltou» no início do que «faltou» no fim. Isso é política internacional. Isso tem a ver com audiências e não é só a SIC que o faz. Eu vejo os jornalistas das outras televisões. Sobre a política da estação, não me choca e acho bem. É uma posição perfeitamente natural numa sociedade de materialista como a nossa.

DE - Antes do documentário passar na ARTE mostrou-o à SIC. Qual foi a reacção deles?

MO - Terminou o documentário em finais de Julho e mostramos ao Dr. Rangel, ao Pedro Norton e à Helena Forjaz Neves. Como disseram-me que gostaram, mas que aquilo era uma visão muito parcial da SIC e, por isso, iam pensar numa eventual transmissão.

A situação alterou-se quando a Imprensa Portuguesa mostrou o documentário, um dia antes de passarmos na ARTE. Até aí, Rangel já estava aborrecido com a

venda ARTE, coisa que é totalmente natural para a ARTE, colaborar com essa estação porque é uma estação que vem comprar os meus documentários e sempre me pagou um preço muito bom.

DE - Mas Emídio Rangel diz, e é verdade, que nem todas as televisões estariam dispostas a colaborar neste projecto.

MO - Isso é verdade. Mas nessa nota editorial que ele fez nas «Conversas Secretas» mandou-me um recado a dizer que eu, se fosse honesto, devia empurrar-me em conseguir que a ARTE aborresse as suas portas a uma equipa da SIC tal como eles o fizeram comigo. E eu estou em conta e devo dizer que já falei com a ARTE e que eles deram autorização para que uma equipa da SIC vá a filmar o que quiser.

DE - Acha que a televisão portuguesa é, de um modo geral, pior do que a francesa?

MO - É um detalhe que a televisão portuguesa e a francesa são que se ligam, a excepção das diferenças e de alguns ajustamentos que têm a ver com as diferenças culturais.

DE - Acredita que o triunfo das audiências é o triunfo dos telespectadores. As pessoas têm a televisão que querem?

MO - Quem me diz que é que é que as pessoas querem? Alguém diz que elas estão a ver determinados programas, mas ninguém diz se elas gostam deles ou não. As decisões são sempre tomadas pelos directores de programas com base nas audiências. Mas ver e gostar são coisas diferentes. ■

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL EM CAUSA

A projecção do documentário sobre a SIC, programada pela Atlântida para o início da noite, foi cancelada. É que a SIC Filmes - co-produtora minoritária do trabalho de Mariana Otero - estava a tentar chegar a um acordo com a Atlântida para distribuir o documentário nas salas de cinema portuguesas. Como nada foi conseguido, a sua saída foi conseguida pela sua saída.

Apesar das negociações não terem chegado a bom porto, a Atlântida assegura que continuará a estar interessada no do-

documentário «Esta Televisão é a SIC». «Temos vontade de fazer uma maior divulgação, porque o trabalho - e não a polémica - o justifica», afirma Pedro Borges.

Prevista para se realizar no cinema Monumental, ontem à noite, a projecção do documentário seguiu-se à exibição de estreia, marcada para o dia 1 de Junho, no âmbito dos VIII Jornais Internacionais de Cinema Documental. S.R.

Mariana Otero: «Rangel foi o primeiro a ver o documentário»

«SE a SIC quiser pode filmar o ARTE à vontade. As portas estão abertas, da mesma forma que as da SIC estiveram para mim.» Mariana Otero, autora do documentário «SIC - Esta Televisão É A Sua», que foi ontem exibido a concurso nos Encontros de Cinema Documental da Malaposta, já contactou o canal franco-alemão ARTE, que exibiu o seu trabalho, para que este abrisse portas a uma reportagem da SIC. Otero responde, desta forma, ao desafio lançado por Emídio Rangel, há uma semana, no depoimento que antecedeu a emissão do documentário na própria SIC.

Mariana Otero mostra-se bastante confusa com toda a polémica que se tem gerado à sua volta e em torno do seu trabalho. «O dr. Rangel sempre soube qual o objectivo do meu filme», afirma a realizadora independente. «Queria contar apenas uma história que era a de uma televisão comercial que se esforça por não perder audiências durante as pausas publicitárias. A TV. comercial é feita para mim e para qualquer pessoa. Não percebo a reacção que está a haver agora. Todos sempre foram muito simpá-

ticos para mim, em particular o dr. Rangel», continua Mariana Otero, concordando que o seu documentário poderá estar a ser utilizado como arma numa guerra que não é a sua.

As filmagens de «SIC - Esta Televisão É A Sua» decorreram em Maio, Junho, Setembro e Outubro do ano passado. A montagem decorreu até Junho deste ano. «Rangel foi o primeiro a ver o documentário», diz a realizadora. «Acabei o filme a 17 de Junho e no dia 19 estava na SIC a mostrar o trabalho, numa reunião que tive com ele», continua. A realizadora

(e também operadora de câmara neste trabalho) garante que, nesse dia, Rangel gostou muito do documentário. «Rangel disse apenas que aquela era uma visão parcial e que, no final, dava demasiada importância à telenovela.»

Segundo Mariana Otero, a polémica acabou por ser despoletada por um artigo do jornal francês «Le Monde» que acusava o director de informação e programas da SIC de ser «um homem sem escrúpulos» e a consequente reacção da imprensa portuguesa ao facto e ao próprio documen-

tário. «Quando isso aconteceu, o Rangel chamou-me à SIC e propôs-me uma conferência de imprensa sobre o caso.» Mas Mariana Otero não deu logo resposta a esta proposta. Ainda segundo ela, o contacto para a exibição de «SIC - Esta Televisão É A Sua» na estação de Carnaxide acabou por ser feito com a SP Filmes e não com ela.

Desde o dia em que foi convidada por Baptista Bastos para o programa «Conversas Secretas» não mais teve contactos com SIC.

Luisa Jeremias

CAPITAL Junho 17 de 1992

Que se lixo

POR PAULO NOGUEIRA



Os espinhos do Jardim

«Não podem, pela simples razão de que elas ainda não estão cotadas.» Segunda pergunta: «Mas os maus resultados podem diminuir as vendas?» Golpe de misericórdia: «Não podem, porque as vendas já encerraram.» Há dias em que um pivô não devia sair de casa. Sobre tudo quando há Pinto na costa.



E, como uma desgraça nunca vem só, nem mesmo para o Rodrigues dos Santos, naquela noite, por coincidência incrível, ele não teve sequer o consolo de um encerramento com uma passagem de modelos em «lingerie» tipo fio dental

JORGE Nuno Pinto da Costa continua a ser um entrevistado letal. Um dos pivôs do «Directo XXI» que o diga. Primeiro, o jornalista da TVI perguntou ao presidente do Futebol Clube do Porto: «Os maus resultados do clube podem fazer baixar as ações da nova sociedade desportiva?» Resposta fulminante: «Não podem, pela simples razão de que elas ainda não estão cotadas.» Segunda pergunta: «Mas os maus resultados podem diminuir as vendas?» Golpe de misericórdia: «Não podem, porque as vendas já encerraram.»

Há dias em que um pivô não devia sair de casa. Sobre tudo quando há Pinto na costa.

Por falar em bola, tanto a SIC como a TVI deram pinotes de alegria com a tampa de João Vale e Azevedo na RTP 1, por ocasião do jogo Benfica-Guimarães. O repórter da TVI, João Gabriel Quaresma, entrou em directo minutos antes da partida, e estava simplesmente em êxtase. Foi a primeira vez que vi uma Quaresma com cara de Carnaval.

Enquanto isso, no «Telejornal» do Canal 1, José Rodrigues dos Santos dava a notícia do rompimento com uma expressão patibular. E, como uma desgraça nunca vem só, nem mesmo para o Rodrigues dos Santos, naquela noite, por coincidência incrível, ele não teve sequer o consolo de um encerramento com uma passagem de modelos em «lingerie» tipo fio dental.

Já começou, na TVI, a novela «As Pupilas do Senhor Reitor», baseado no romance homónimo de Júlio Dinis. Tudo indica que o

novo folhetim seguirá o modelo erótico-histórico de «Xica da Silva». Tanto que, já no primeiro episódio, lá cantaram os banhos de rio, com as belidades descascadas (foto). Se Júlio Dinis fosse vivo, nem ia acreditar no que via. Se calhar até punha lentes de contacto nas suas pupilas.

O Baptista-Bastos que me perdoe, mas ele não foi nada feliz na entrevista a Mariana Otero, a autora do já famoso documentário sobre a SIC, para o canal francês Arte (foto). Toda a primeira metade da entrevista se reduziu (o que é assombroso num entrevistador com a experiência do B-B) a um impetuoso monólogo do anfitrião, ora na forma de uma apologia incondicional da emissora, ora num libelo amuado contra a entrevistada, por um lado, e a RTP, por outro.

Ouvi boquiaberto e incrédulo o B-B arengar contra «um filme de freiras sexuais, na TV2, cuja programação é um escândalo». Tais palavras, na boca do arcebispo de Braga, seriam compreensíveis. Na boca de um intelectual progressista, são inconcebíveis. E preciso muito rigor com os adjetivos. Se classificarmos a programação da TV2 de escandalosa (sob o ponto de vista cultural e ético), como classificaremos certos programas emitidos pela estação de Carnaxide?

Na segunda parte, Mariana Otero conseguiu proferir uns quantos monossílabos e o B-B começou a recuar. Tornou-se claríssimo que a intenção da cineasta era expor o elo entre audiência e publicidade, e que alcançou plenamente esse objectivo. O Bastos viu-se em maus lençóis e, entalado, foi desconexo: «Toda a arte tem de dar notícias.

Admito que o seu documentário é uma obra de arte.» Toda a arte tem de dar notícias? Desde quando?

O documentário de Otero foi lisonjeiro para muitos profissionais da SIC. Numa reunião de agenda do «Jornal da Noite», José Alberto de Carvalho protesta lucidamente contra a decisão de encher o chouriço da edição só para emparelhar com o «Telejornal» do Canal 1. Numa reunião de agenda do «Clube VIP», Margarida Pinto Correia protesta contra os entrevistados pimba que tentam impingir-lhe: «Não foi este programa que vim cá fazer.» E quando um funcionário graduado da SIC diz que «quem tem dinheiro é inteligente, quer queiram quer não», uma funcionária menos graduada ironiza: «Talvez seja apenas uma questão de sorte.»

Suponho que B-B não percebeu ou não quis perceber o documentário, embora no final declarasse que concordava com ele «parcialmente». Mariana Otero não disse que a SIC não tem coisas boas, por uma razão muito simples: a SIC tem coisas óptimas. Só que essas coisas óptimas passam às quinzenas da madrugada, quando o bom povo (que pica o ponto) já está a dormir — mas para a elite a noite ainda é uma criança. Como assinala Otero, não há intercâmbio social: as classes A e B não sabem e não querem saber do que as classes C e D gostam e pensam, e as classes C e D não sabem e não querem saber do que as classes A e B gostam e pensam.

Se isto é mau, bom, indiferente ou quimérico? Depende da opinião de cada um. Mas uma coisa é certa: a entrevista a Mariana Otero e o subsequente documentário acabaram às três da manhã... *Touché.*

Não há mal nenhum num *fait-divers* divertido e inocuo. Todos os telejornais deram a notícia do provecto casal australiano — ele com 70, ela com 68 anos — que comemorou 50 anos de casados de uma maneira radical. Muito agarradinhos, saltaram de 45 metros de altura, atados pelos pés com um elástico. Sem dúvida, uma proeza épica, uma façanha dantesca. Eu nem queria acreditar. Com efeito, quem é que pensava que hoje em dia ainda havia casamentos que duravam 50 anos?

É bem verdade que, segundo alguns médicos, as pessoas casadas vivem mais. Porém, segundo outros, a vida apenas parece mais comprida.

Alberto João Jardim (foto) espumou que o vídeo sobre a pedofilia na Madeira não passa de uma ignóbil montagem. O que já é inopinado. Mas o pior veio depois: «Aparece então uma deputada belga de esquerda — eu disse de esquerda, pois já temos todas as informações sobre a dama.»

Por outras palavras, para o presidente do Governo Regional da Madeira, uma «dama» de esquerda é mais ou menos uma cortada da mais velha profissão do mundo, algo como a «menina Paula» do estágio da selecção portuguesa. Curioso: sempre pensei que o regime democrático implicasse representações de esquerda e da direita. O doutor Jardim, pelo contrário, manda «trair informações» para saber se as pessoas são ou não ideologicamente sadias.

O presidente da Madeira tem mesmo cara de pau. Depois admira-se que tantos digam que este Jardim não é flor que se cheira.

PONTOS DE VISTA
Quem viu?

€ Não vale a pena voltar a bater no ceguinho e dizer que os melhores programas da SIC são atirados para horas de consumo impróprio. Assim acontece com o programa de Baptista Bastos. O último, em que teve como convidada a deputada Maria José Nogueira Pinto, do CDS/PP

grama condenado a não ter audiências, mas seria um excelente incentivo para jovens músicos e até realizadores de «video-clips». Dada a estagnação que atingiu o pop/rock nacional, o regresso de um programa como o já saudoso «Spray» seria muito bem-vindo.

Rui Baptista (Barreiro)

Top nacional

À espera de mudanças significativas, olho para o «top» nacional que publicam todas as



tações a mesma passada, no que respeita à demissão do treinador do Sporting. «Os Donos da Bola» fazem escola...

Carlos Gustavo Martinho (Caneças)

Passem a reportagem!

Nos jornais não se falou de outra coisa: com dinheiros portugueses, um canal de TV francês fez uma reportagem sobre os bastidores e o funcionamento da SIC. Sei que em Lisboa se fizeram sessões públicas em vários auditórios, seguidos de animados debates. Mas escrevo em nome de todos os que moram fora da capital e querem ver a peça: responsáveis da SIC, cumpram o prometido e passem a reportagem. Os vossos espectadores têm direito a saber como é que vocês funcionam na realidade.

João Azevedo (Mira)

Pior da SIC, melhor do Governo

EXPRESSO 15. Nov 1997

MANUEL S. FONSECA*

NUMA entrevista à revista «Factos», Arons de Carvalho pronunciou-se sobre a televisão portuguesa e declarou, alto e bom som, que «a SIC é capaz do melhor e do pior». Arons de Carvalho é praticante compulsivo de «jogging». Os jornalistas que o entrevistaram certamente estimam esse seu mérito, mas suspeito de que só lhe pediram opinião pela circunstância de Arons de Carvalho, militante do partido que ganhou as eleições, ocupar o lugar de secretário de Estado da Comunicação Social (SECS).

Quer isto dizer que o SECS afirmou que «a SIC é capaz do melhor e do pior». Para o caso de Arons de Carvalho não saber, há alguma diferença entre o que sai da boca arfante de um compulsivo praticante de «jogging» e a flor de preço que é a boca de um governante, mesmo que seja só secretário. A afirmação «a SIC é capaz do melhor e do pior», na boca de SECS, é um programa político.

Coincidindo com o coro do que eu chamaria o pessoal da Academia (perdoe-me o dr. João Carlos Espada a paráfrase), para o secretário de Estado o pior da SIC é o telelixo, essa imperdável inclinação de Carnaxide para os programas de gosto duvidoso, que alimentam o que de mais rasteiro há em algumas camadas da população indígena, por triste coincidência a maioria da população.

Arons de Carvalho e o pessoal da Academia não querem ver esses programas na televisão. Sucede que há uma leve diferença entre ser secretário de Estado e ser pessoal da Academia. Ele foi a votos, eles não. Goste ou não — e eu tenho a certeza de que, pelo menos da ideia, gosta — ele não pode desatar a morder a mão à democracia. O pessoal da Academia pode luxuosamente filiar-se no elitismo que quiser, começando por reclamar que o diáfano gosto deles é muito superior ao de uma peixeira e, acabando, resignados embora, por amargar (em malte, puros e noite dentro), a injustiça que é o seu voto valer exatissimamente a mesma coisa que vale o voto de um cavador.

Quando foi a votos, ao lado de Gu-

terres, Arons de Carvalho pediu, agrido, todos os votos: os votos dos ricos e dos pobres, os votos do pessoal da Academia, da peixeira e do cavador. Em campanha, a todos abraçou, a todos aturou fraternalmente as queixas. Nessa altura, o mau hálito e o suor de alguns eleitores eram, antes de mais, um sinal da extraordinária variedade sociológica do país. Quando foi preciso, por honra da firma e amor aos costumes, lá deu um pezinho de dança na Casa do Povo, se não a requiebras da Ágata, pelos menos ao compasso do folclore local. Nenhum desses gritantes sinais pareceu então, a Arons de Carvalho, de gosto duvidoso. É muito menos ocorreu, à sua sensata cabeça, a peregrina ideia de recusar um voto que fosse a troca dessa ninharia a que agora chama «qualidade televisiva».

Pois bem, «o pior da SIC», sr. secretário de Estado, são os votos que deram a maioria ao Governo do seu primeiro-ministro. Se não teve a coragem de os recusar como votos, não lhes faça agora a desfeita de os recusar como televisão. O mesmo direito que permitiu a milhões de portugueses votar em si, autoriza-os também, por essa forma de voto que se chama audiência, a eleger os programas que lhe agradam e eliminar os que não apreciam, do mesmo modo que até lhes consente vir à televisão e ser protagonistas, como foram aliás protagonistas nos seus comícios. É essa a danada injustiça da democracia: haver igualdade e liberdade.

Quando Salazar mandava, é certo e sabido que este povinho não poria o pé (então descalço) em ramo verde. Se o povo viesse à televisão seria, bem posto e bem disposto, para fazer o que lhe mandassem, de forma limpa e arrumada. Por razões políticas (de que, nem por sombras, o pessoal da Academia ou o secretário de Estado são suspeitos) e por razões de bom gosto (e aqui, sim, pessoal da Academia e secretário de Estado comungam

de similar vocação asséptica) a ditadura nunca deu licença às culturas populares, em todas as suas vertentes — brejeira, piedosa, sentimentalona ou maldizente — para terem expressão televisiva. A imagem do povo em televisão e na rádio foi, no antigo regime, fabricada para ser una e indivisível. Por muito que custe fazer hermenêutica neste campo, há uma gigantesca diferença entre o nacional-cançonetismo de então e o «pimba» de hoje — aquele, de brancas e radiosas noivas feito, era politicamente forjado para simular um povo; o bacalhau, os cheiros dele e os amores do outro são o resultado de um genuíno funcionamento do mercado, que é o de existirem consumidores que, perante outras ofertas, preferem esta.

Se, enquanto votos, os milhões de portugueses que, na crua linguagem sociológica, pertencem às classes C2 e D, têm qualidade, explique-me, sr. secretário de Estado: que faz deles metecos quando querem ver-se representados na televisão como participantes ou como telespectadores?

Será preciso fazer-lhe um desenho no qual veja, enfim, que, em televisão, a única qualidade é mesmo e só a de haver qualidades, tão plurais afinal como as culturas populares e as outras culturas de classe-que-as fundamentam! Ou julga que, lá por sermos Europa, lá por haver Internet, lá por haver globalização, e outras sete mil maravilhas do mundo, se exterminou essa coisa maçadora de haver classes sociais? Ou acha que, por um qualquer «clic» tecnológico, se conseguiu o prodígio de fazer delas uma irreidade virtual? Se, imprudentemente, o sr. secretário de Estado caiu na rematada asneira de as esquecer, aconselhe-se com qualquer programador de televisão. Mesmo o menos avisado lhe dirá que as classes existem, comem, berram aos filhos, discutem com os vizinhos, vão ao cabeleireiro, amam, dormem e fazem outras indignas necessidades que não vem ao caso lembrar, com a surpreendente regularidade que obriga os programadores a ir fatiando o dia em «daytime», «access», «prime-time» e

«late-night», para depois barrar cada uma dessas fatias com os programas sugeridos pelo talento que Deus lhes deu e autorizados pelo magro orçamento que os accionistas fazem o favor de lhes dispensar.

Nem mesmo os magros orçamentos impediram a SIC de ter sido o centro de uma revolução de mentalidades que fez com que os portugueses, finalmente, pudessem ser os protagonistas das suas próprias histórias. A televisão já tinha mudado tudo em muitos países. Em Portugal só era preciso que houvesse televisão. Havia um operador governamental que, com pontualíssimas exceções, fazia fretes políticos e emitia séries em língua inglesa (faço fé na memória e na insuspeita «TV Guia» de 1 a 7/2/92). A televisão no seu sentido mais nobre, que é o de ser uma extraordinária máquina de entretenimento, ou seja de contar histórias — as nossas próprias histórias e não as dos outros, as da nossa rua e não as longínquas histórias do Ohio, Washington ou mesmo Londres — essa televisão, nasceu a 6 de Outubro de 1992. Por causa dela o operador público mudou tanto que se fez também televisão.

A conta do documentário com que Mariana Otero mimou a SIC, não há, ultimamente, cão nem gato que não venha levantar a perna à porta da SIC. Todos se acham investidos de autoridade vindicativa e todos insinuam que a SIC é o mundo sem escrúpulos que o documentário manipulatoriamente sugere. A SIC, digo eu que a vivo desde o primeiro dia, não é nem pretende ser vista como o melhor dos mundos. Mas merece ser discutida para além do «festival de besteira» que, de repente, se apoderou da imprensa escrita. Merece a SIC e merece a televisão. A televisão por ser uma das grandes revoluções do século. A SIC por ser espelho de um povo tão glorioso e aldrabão, tão genial e malcriado, tão heróico e medroso como o resto da humanidade, da qual é, por direito e pura lógica, parte integrante.

*Director-adjunto de Programas da SIC

> Televisão, a Revolução do Século

VIVA 15 Nov 97

SIC, Qua., 23h30

As notícias mostradas na TV vão acabar com as notícias impressas nos jornais? Para muito boa gente essa é uma boa pergunta. A TV está condenada a ser vista como ameaça desde que surgiu e... ameaçou a rádio. Quem não tem dúvidas é Moses Znaimer, o todo-poderoso dono da CityTv de Toronto, tomado por herói de uma nova vaga de televisão comercial. Passa na SIC, é claro, quanto mais não seja para provar que o afamado documentário de Mariana Otero sobre o canal de Carnaxide tomou o todo pela parte. Será?

> Conversas Secretas

VIVA

15 Nov 97

SIC, Seg., 02h10

A conversa com Mariana Otero, na semana passada, teve muito pouco de secreto. Mais parecia um jantar onde a jovem documentarista passava de convidada a prato do dia. Baptista-Bastos protagonizou um descalabro e a alocução ao país da parte de Emídio Rangel, «avisando» o povo em como pensar por si próprio, só ajudou à festa. Em causa estava o documentário Esta Televisão É Sua, retrato da trindade programação-audiências-publicidade que fazem o sucesso de uma TV comercial que, no caso, era a SIC. B-B já pode descansar. Hoje regressa ao seu tema favorito: os resistentes ao regime salazarista que se desiludiram com o advento da democracia. O «herói» da noite é Jorge Reis, ironicamente autor de um grande romance policial, Matai-vos Uns aos Outros. Este já tem autorização para opinar sobre a TV privada, porque viu o que era a pública no fascismo.

DIÁRIO PÚBLICO

Vicente Jorge Silva



SÁBADO, 8

AS CHEIAS afogaram povoações, vidas e bens nos Açores e no Alentejo. Puseram a nu o país que herdámos e temos, na sua fragilidade física e na falta de meios para acudir rapidamente às vítimas dos desastres. Reduziram à caricatura uma Protecção Civil isolada no acanhamento burocrático de quatro paredes e sem presença eficaz e actuante no terreno onde as tragédias acontecem. Mas, para além disso, as cheias arrastaram consigo uma das bandeiras que faziam a diferença deste Governo em relação ao anterior: a sensibilidade social.

Face a uma calamidade sem precedentes próximos na vida portuguesa, a insensibilidade foi chocante. Quando era preciso que as populações atingidas pelo drama sentissem o calor de um gesto forte de solidariedade, António Guterres não ocorreu ao apelo. Presume-se que o primeiro-ministro, fechado no "bunker" da Protecção Civil e apanhado tarde e a más horas pelas notícias, não sintiu a gravidade dos sinais que vinham do Alentejo. E como é burocraticamente normal num país visto de helicóptero ou a partir das estatísticas anotadas a marcador nos "placards" da Protecção Civil, despatchou-se o ministro da Administração Interna para sobrevoar as zonas sinistradas, fazer o levantamento dos estragos e ouvir as queixas das populações. No meio desta ligeireza tecnocrática, desvalorizou-se o factor humano, a dor das gentes, a solidão de quem se viu esquecido e entregue à sua sorte, tudo isso contabilizado no número redondo de um milhão de contos que o único ministro destacado para a emergência trazia no bolso ou improvisou na oportunidade. Quando era necessária sensibilidade, solidariedade social, ninguém se lembrou que havia no Governo um ministério com esse nome (e que é, de resto, um dos que melhor funcionam).

Não surpreende, assim, que o solitário ministro Alberto Costa fosse mal recebido pelas populações alentejanas. Imagino que ele se sintia injustado por ter estado 72 horas sem dormir, como fez questão de recordar o seu colega Jorge Coelho. Mas a culpa dessa injustiça não cabe às vítimas das cheias ou sequer às oposições que, segundo Coelho, se aproveitaram politicamente da tragédia. Se o Governo socialista tivesse sido verdadeiramente sensível ao que aconteceu, a longa vigília de Alberto Costa teria servido para alguma coisa. Como as coisas se passaram apenas pareceu que o Governo, todo o Governo, estava a dormir.

Todo o corporativismo é nefasto, seja ele de advogados, médicos ou jornalistas. Mas não conheço nenhum tão ressentido, arrogante e intratável como o corporativismo dos juizes. Ouvindo o presidente da Associação Sindical dos Juizes Portugueses, Orlando Afonso, no recente Congresso dos Magistrados Judiciais, quase apetece lançar um SOS pelo regime democrático e a separação de poderes. Confesso que fiquei com calafrios só de pensar que um qualquer juiz Afonso teria, por um minuto apenas, a oportunidade de submeter o país à sua alucinada fantasia. Seria rigorosamente um pesadelo orwelliano onde o "Big Brother" omnipotente e omnipresente, vestido de toga e sentado no trono inacessível da República dos Juizes, imporia regras totalitárias sobre os mais diversos domínios da vida em sociedade.

Orlando Afonso vê o mundo a preto e branco, onde os políticos são os maus e os juizes os bons. Os límpidos juizes querem salvar o mundo e punir os maícosos, os burlões, os corruptos que proliferam por toda a parte, em Portugal e na Europa. Acontece, porém, que os sinistros políticos conspiram para "fazer parar os juizes", ou seja, para impedir que eles levem a bom termo a sua missão regeneradora. Dividido assim o mundo entre a Virtude inacessível dos juizes e a Máfia protegida pela venalidade dos políticos, que restará aos pobres cidadãos senão entregarem-se nas mãos dos deuses do olimpo judicial? Já

agora, porque não prescindir de eleições, parlamentos, deputados, governos, já que tudo isso estará irremediavelmente contaminado pelo vírus do mal que os iluminados juizes querem extirpar?

O presidente da Associação Sindical dos Juizes Portugueses é definitivo: hoje, "a política é sindicável pelo Direito como o são, por exemplo, as soluções ligadas ao ambiente, à biotética, às inovações tecnológicas e à informatização, que passam pela jurisdição e não pelas instituições políticas tradicionais". A única coisa que não é sindicável pelo Direito é, pelos vistos, os poderes supremos dos magistrados em se nomearem a si mesmos e a exercer a sua actividade num regime de autogoverno sem quaisquer contrapesos ou controlo democráticos por parte das outras instâncias da sociedade. Orlando Afonso contesta "a ideia da onipotência política sem limites" porque "ninguém goza de prerrogativas face à jurisdição". Com excepção dos juizes?

Os juizes estão furiosos porque, segundo o novo texto constitucional, poderão ficar em minoria no Conselho Superior de Magistratura. É uma norma saudável e democrática que os juizes devam ser os primeiros a saudar se não viessem obcecados pela ideia da sua onipotência corporativa sem limites. Mas se não houvesse outras razões para concordar com a inovação, bastavam certamente os temíveis conceitos do presidente da Associação Sindical dos Juizes para justificar a sua pertinência.

Domingo, 9

O PROCURADOR-GERAL da República não concorda que os juizes deixem de ser maioritários no Conselho Superior de Magistratura alegando razões simbólicas e de "equilíbrio de gestão". Mas também acha que isso não prejudica minimamente a independência do poder judicial. Digamos que o raciocínio peca por falta de clareza, sobretudo se se considerar que quer do ponto de vista simbólico, quer em termos de racionalidade de gestão, é sempre mais democrática e equilibrada uma solução não corporativa do que um modelo corporativo. Percebe-se, no entanto, que se trata de uma questão puramente formal e secundária, uma vez que não está em causa a independência judicial.

Esta duplicidade de posições do procurador Cunha Rodrigues é já um clássico da retórica nacional. Li a sua entrevista de quatro páginas ao PÚBLICO e não pude deixar de admirar uma vez mais a filigrana mental de um homem com uma capacidade tão extraordinária de rodear todas as questões e limar todas as arestas do discurso, de tornar instantaneamente pacífico, consensual, redondo, aquilo que poderia parecer polémico, controverso e incisivo. Confesso que me perdi nas curvas sibilinas da sua explanação e não tirei, rigorosamente, nenhuma conclusão substantiva da longa conversa que mantive com os jornalistas. Mas imagino o prazer com que Cunha Rodrigues se entregou, uma vez mais, ao jogo do dito-não-dito, das entrelinhas enigmáticas, das insinuações suspensas e dos recados sinuosos. Sei que ele se queixa muitas vezes de ser mal-interpretado. É a sina de quem cultiva a insustentável leveza do ser.

Segunda-feira, 10

AFINAL, a imprensa confidencial, tomada de assalto pelas elites ressentidas que invejam o sucesso e desprezam o povo, ainda serve para alguma coisa. Serve, por exemplo, para dar voz aos estacões de alma de uma insólita criatura saída de um laboratório de clonagem e que poderemos identificar por Emídio António Rangel Borgia, embora só utilize o segundo e o quarto nomes para efeitos de assinatura jornalística. Talvez seja a explicação para a evidente dificuldade que tem em tratar os outros pelo nome verdadeiro: eu, por exemplo, passo,

nada menos, por ser Antonioni ou Catão. Mais modesto, Borgia finge não ser Rangel. Não sei se alguma vez imaginou chamar-se Estaline Borgia ou Cunhal Borgia antes da clonagem que o converteu ao novo-riquismo rasca da televisão pimba.

Rangel Borgia não está apenas incomodado com o jornalismo confidencial e elitista, tão comum no diário onde pediu para publicar as suas opiniões. Ele não gostou de se ver ao espelho de um documentário da televisão francesa sobre o seu canal, o tal que até quer vender sabonetes e presidentes da República. Resultado: como o "fair-play" democrático desse canal não é exactamente o mesmo da imprensa confidencial, Rangel Borgia programou o dito documentário para um espaço de confidencialidade noctívaga: duas da madrugada. Era como se o seu artigo tivesse saído no PÚBLICO a corpo 3 e se convidasse o leitor a comprar uma lupa para decifrar o pensamento do escriba.

Com uma comovente paixão de rigor deontológico, Rangel Borgia insurge-se contra a "caricatura de objectividade", as "deformações grotescas", a "truncagem de conversas" que a autora do documentário teria praticado. Por pouco não falou de sensacionalismo grosseiro, abuso da privacidade, encenação de factos inexistentes. Quem diria que Rangel Borgia tinha também os seus preconceitos elitistas?

No fundo, o que Rangel Borgia não perdona à realizadora francesa Marianne Otero é ter visto como o tal canal se dá a ver a si mesmo: um mundo onde o frenesim da conquista das audiências justifica tudo, inclusivamente a boa-consciência corporativa com que se manipulam os sentimentos das pessoas e se as reduz à condição de objectos de feira ou se promovem campanhas sobre doenças e situações de sofrimento apenas porque isso rende. Mas a boa consciência (ainda por cima de esquerda) reina, soberana, no tal canal. Só assim, com aquela generosa, missionária e popularíssima programação, se pode pagar milhões de contos de investimentos, cuidar da actualização tecnológica e manter muitas centenas de postos de trabalho. Aqui, Rangel Borgia esqueceu-se que, para consolo seu, os detestáveis elitistas confidenciais não estão sozinhos na imprensa: há gente de gosto finíssimo e pena acerada para quem a defesa do tal canal se tornou uma verdadeira cruzada. Imagina-se porquê. Mas, num mundo embriagado pelo dinheiro fácil e o doce odor do sucesso, devoções destas não têm preço.

Quarta-feira, 12

POR CAUSA de declarações do presidente da Assembleia da República sobre o "laxismo" e o "corporativismo" dos juizes, demitiu-se o presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

O gesto é certamente respeitável mas incompreensível. Pedro Macedo não depende institucionalmente de Almeida Santos e as opiniões deste não têm efeito sobre a independência de actuação daquele. Santos estava no seu pleno direito de dizer o que pensava — e era, aliás, já conhecido — em resposta a opiniões muito mais radicais dos juizes sobre o poder político e a nova composição do Conselho Superior de Magistratura. Se a susceptibilidade dos juizes sobe tão alto e envolve um homem sereno e equilibrado como Pedro Macedo, é caso para recear que a crispação corporativa do poder judicial seja ainda mais grave do que se supunha.

António Guterres fez por emendar a mão, mas não quis dar o braço a torcer. Discretamente, visitou as zonas dos Açores e do Alentejo atingidas pelo mau tempo. E justificou-se: "Vim quando era útil e não para fazer espectáculo." Não era espectáculo que se lhe pedia: era solidariedade, na hora mais necessária. E, para quem sofre, não consta que a solidariedade seja inútil. ■



que a maior parte deles peca por terem pegado em pedaços deste programa tentando distorcer a realidade do que a SIC realmente é.

Guerra é guerra

«Ontem tivemos monos três minutos de novela e perdemos 10 pontos no índice de audiência», — estas palavras de Emídio Rangel, gravadas durante uma das reuniões diárias do «núcleo duro» da SIC, mostram a importância que a novela representa para a audiência da estação.

O programa de televisão em causa mostra como funciona uma televisão por dentro. Ali se podem ver as reuniões diárias de direcção, passando pela redacção e pelas reuniões de planeamento de publicidade e de «marketing». Mostra-se a preparação de alguns programas e dá-se conta de como as coisas que vemos são decididas.

«**Journal contra novela**», assim define Emídio Rangel a estratégia global da estação na guerra de audiências com a RTP. Na prática, se o «journal» dura 40 minutos, o «nosso» também deve durar o mesmo. Ainda que, por vezes, se tenha de prescindir da ambicionada qualidade editorial. Esta divisão foi levantada durante uma reunião da redacção, gravada para este programa. Um dos directores de informação refere: «Nem que se perca a qualidade, se a programação da estação man- da fazer mais noticiário, porque essa é a estratégia da estação, então segue-se a estratégia».

Novelas sempre

A importância da novela para a SIC ficou bem patente quando o europeu de futebol, há dois anos (o programa de Maria-

Emídio Rangel: tudo o que foi dito sobre o «nosso»

«Uma estação com 50% de audiência vende tudo»

«...um pouco extenuante até», acrescenta Emídio Rangel. Depois de stirem ao documentário questão, os portugueses eram ver uma entrevista a realizadora Mariana Bastos no programa «Inversas Secretas», que a noite foi visto por 143 telespectadores.

sta mostra de «fair-play» parte da SIC, segundo Emídio Rangel, serve para mostrar a estação não é apenas o que ali se vê. «Em Portugal somos o canal de televisão que mais informação dá, sejam noticiários ou documentários», diz, recordando que, «nos últimos cinco anos, fomos o canal que mais debates realizou». E afirma que a SIC nunca esqueceu uma coisa: «É uma televisão comercial».

Emídio Rangel pensa

A vista por

Um programa emitido no canal franco-alemão Arte despoletou a polémica sobre a SIC e sobre a sua forma de conquistar audiências. Para que tudo ficasse claro a própria SIC emitiu o polémico programa na madrugada da passada segunda-feira



dentro



- 1 - O chefe de Publicidade da SIC protesta contra a suspensão de um programa patrocinado;
- 2 - Todas as emissões são programadas ao pormenor, mesmo que isso não agrade aos apresentadores;
- 3 - A Redacção discute a redução da qualidade editorial dos noticiários;
- 4 - A frase polémica de Emídio Rangel: «Uma estação que tem 50 por cento de «share» vende tudo. Até o Presidente da República (...). Até vende sabonetes. Se lançarmos sabonetes SIC, vendemos tudo».

diências da estação. Que fazer? Se for preciso, haverá três horas de novelas seguidas, e se assim se pensar assim se fez, apostando na fidelização do público feminino, enquanto o masculino assistia ao futebol. A estratégia resultou: a SIC não perdeu audiência.

O que não se vê

A autora de «SIC — Esta Televisão É Sua», Mariana Otero, tenta mostrar como funciona uma estação de televisão frenética, comercial, com ob-

jectivos de lucro e audiência. Aquilo que ali se vê é verdade, mas não é tudo.

Quem já tenha assistido à forma como são geridas as emissões em directo dos noticiários das 20 horas, sejam da RTP ou da SIC, percebeu o sufoco por que passa o realizador da emissão.

«Atenção, eles vão para intervalo, vamos fazer intervalo a seguir a esta peça». Esta frase, dita da «peça» paga as contas. Perante um realinhamento da emissão, o programa da «primeira» conta o risco de não ser transmitido. E, por coincidência, era a primeira vez que se conseguia um patrocínio para o mesmo. Discussão para aqui, discussão para ali, o programa acabou por ser emitido.

Este é um defendendo que há maneiras de ganhar dinheiro para além da simples inserção de «spots» publicitários na grelha», diz o director da SIC, acrescentando então a célebre frase: «Segundo a minha velha e permanente tese, uma estação que tem 50 por cento de «share» de audiência vende tudo. Até o Presidente da República. Um bocado do Presi-

A frase da polémica

No final do programa, assiste-se a uma reunião de quadros da SIC. Emídio Rangel profere aí a ideia de que uma estação que tem 50 por cento da audiência pode «vender» tudo. «Desde 1992 que

Querida publicidade

ma coisa é certa. Na SIC a publicidade manda. É ela quem paga as contas. Perante um realinhamento da emissão, o programa da «primeira» conta o risco de não ser transmitido. E, por coincidência, era a primeira vez que se conseguia um patrocínio para o mesmo. Discussão para aqui, discussão para ali, o programa acabou por ser emitido.

cebe-se que é uma imagem de retórica, mas que dá a noção perfeita de quem sabe que tem nas mãos o poder de fazer pender para o seu lado a audiência televisiva.

Resta agora saber se a SIC vai ou não emitir este programa e «mostrar-se» um pouco por dentro para o seu auditório. Afinal, aquela emissão sobre uma televisão comercial só foi possível porque a SIC abriu as suas portas de par em par. E noutra estação, portuguesa ou estrangeira, talvez fosse difícil conseguir filmar tal programa. ☺

**OLHO VIVO**

Eduardo Cintra Torres

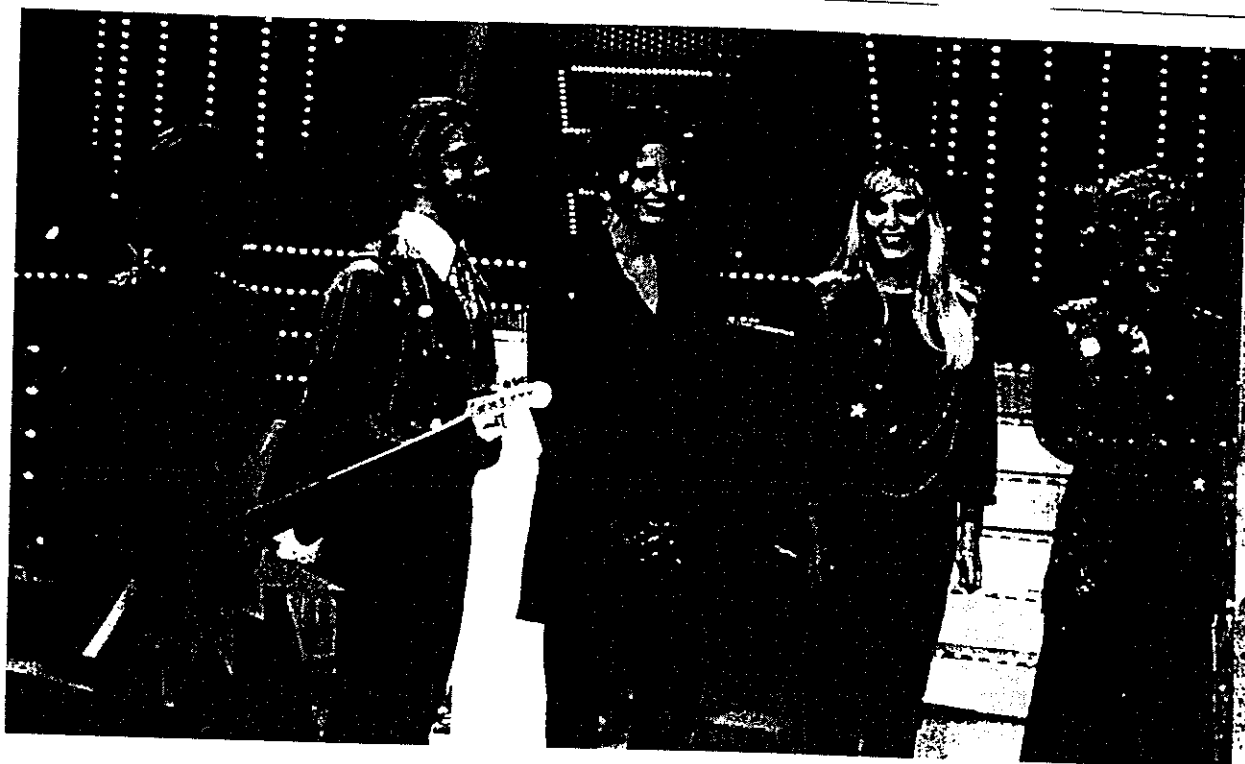
MUITO BARULHO PARA NADA

AO SER-LHE dada a hipótese de entrevistar Mariana Otero, realizadora do documentário "Cette télévision est la votre", do Arte, o apresentador das Conversas Secretas da SIC, Baptista Bastos, na última segunda-feira, teve nas mãos a oportunidade da sua carreira televisiva. E desperdiçou-a.

A prestação de Baptista Bastos foi desastrosa a todos os títulos. Interrompeu a sua convidada para intervenções descabidas sobre ele mesmo ou numa atabalhoada defesa da SIC, de Balsemão e de Rangel que ninguém esperava dele ali. Fez monólogos sobre o seu próprio umbigo. Fez gala da sua ignorância sobre o novo documentarismo e sobre as classes do universo dos estudos de mercado e audiência (A, B, C, D), dizendo mesmo, pateticamente, que continua a acreditar na luta de classes (A-B contra C-D?). Ignorou uma regra básica da construção da narrativa artística (cinema ou literatura) ao condenar a opção da documentarista em fazer um trabalho de tese sobre determinado aspecto da vida de uma televisão comercial (a relação entre a publicidade, a programação e as audiências). Foi igualmente obscurantista ao insistir em "colagem" em vez de montagem: é óbvio para quem vê "Cette télévision est la votre" que aquela "colagem" é a deliberada montagem que a autora pretendeu das imagens captadas. Finalmente, Baptista Bastos fez as perguntas dos accionistas da SIC e não as perguntas do homem "de esquerda" e "de cultura", características que freudianamente repete sobre si mesmo.

Num volte-face que não se esperaria, a entrevista serviu afinal para Mariana Otero justificar artisticamente o seu trabalho perante um "conversador" vindo de outro mundo, o que tornou o seu documentário melhor do que ele é.

Ao entregar o "caso" Mariana Otero a Baptista Bastos, o director de programas da SIC sabia que atirava o programa para as duas da manhã — e, novamente, para as páginas dos jornais. Cabia-lhe a ele defender a SIC e a sua programação, o que fez na intervenção prévia à apresentação do documentário, embora com desnecessários, mas compreensíveis, exageros. Mas eu penso que tudo era desnecessário: a entrevista absurda e a intervenção de Rangel. Se tivesse passado o documentário sem mais nada, Rangel teria obtido um efeito devastador sobre os seus adversários. ■



Tanto barulho por nada

Mariana Otero não admite o óbvio:
fazer uma televisão privada é fazer uma
televisão para o mercado. Paulo Portas

Lá vi o programa de Mariana Otero sobre a SIC. Devo dizer que não me interessou. No final, fiquei a pensar se Mariana Otero deixaria Emídio Rangel entrar numa televisão de que fosse directora, filmando o que queria, quando queria e como queria. Também fiquei a pensar se Emídio Rangel colocaria no ar frases coloquiais, naturalmente ditas em reuniões normais, por pessoas normais, mas inadveridamente seleccionadas para emitir e chocar.

Há duas ou três coisas que os *jornalistas-putativamente-sérios-dos-canais-putativamente-sérios*, não entendem. A primeira de todas é que fazer uma televisão privada não é educar o povo. Essa função supostamente "pedagógica" do produto televisão, constituindo um verdadeiro problema, não tem solução. É óbvio que a televisão influencia o "povo", para o bem e para o mal que, aliás, duvidem em cada qual. Mas admitir que há uma influência aceitável, e outra detestável, implica nomear, a seguir, alguém para definir o quê e proibir o resto. Esse alguém, presumo uns, há-de ser o Estado, não explicando porque. No dia em que o Governo, representante prático do Estado imaterial, pudesse definir a programação virtuosa ou pecaminosa das televisões, as privadas deixariam de existir ou só o seriam nos custos. Mariana Otero não admite o óbvio: fazer uma televisão privada é fazer uma televisão para o mercado. Se o projecto for profissional, vence. Se não for, perde-se. Independentemente do gosto, que pode ser péssimo, aleatório, requintado ou de tudo um pouco.

Basta perceber isto para o moralismo de

Mariana Otero entrar em ruína. Porque, numa televisão para o mercado, funcionam critérios de mercado, o que inclui tácticas comerciais e regras de audiência. Nenhuma televisão privada o esconde. Grave é que um "serviço público de televisão" faça exactamente o mesmo e tenha emissões que em nada se assemelham ao discurso virtuoso, com a leve diferença, de que os prejuízos correm por conta do contribuinte. Não me chocou nada, portanto, ver Emídio Rangel impor *novela-com-novela* para vencer a programação concorrente, ou discutir a novela rentável para o fim-de-semana, nem sequer os seus conselhos de *merchandising*. Tanto quanto sei, é um director de estação, nomeado por accionistas privados, responsável por dar, à SIC, audiência, prestígio e lucro. Não me consta que seja responsável por construir um mundo melhor.

A questão do mundo melhor é, exactamente, o ponto em que Mariana Otero volta a errar. A SIC, como qualquer estação, tem programas agradáveis e programas pouco frequentáveis. A minha opinião sobre uns e outros deve ser muito diferente da opinião de pessoas que não viveram o que eu vivi, não leram o que eu li, não viram o que eu vi nem tiveram o que eu tive. Em certo sentido, a luta de classes morreu em muitos lugares, mas persiste na televisão. É

por isso que qualquer estação ocidental orienta a sua programação em função de conceitos *semi-marxistas* como são o gosto das classes A, B, C e D. Eu, espectador, tenho bom remédio: vejo o que gosto, não vejo o que não gosto. Ninguém me obriga a consumir o pior, e seria tirânico obrigar todos a gostar do melhor. Ainda me parece mais tola a ideia de Mariana Otero, segundo a qual, por caridade e, seja lá o que isso for, em nome da *intercomunicação*, as classes A e B devam ver programas que interessam às classes C e D, enquanto as classes C e D devam ver programas que interessam às classes A e B. Por mim, dispense.

No fundo, Mariana Otero imagina um *telespectador assistido*, sob o alto patrocínio de pessoas que, como ela, nos "ensinam" a ver televisão. Pela minha parte, prefiro um telespectador selectivo que escolha, em cada estação, o que lhe convém. Eu não sou adepto da SIC em tudo. Nem tenho de ser, porque as emissões não se compram por "atacado". A minha diferença essencial, face a Mariana Otero, é não ser um absolutista da televisão. Provavelmente, ela achará que a televisão é a vida. O meu cepticismo conservador leva-me a achar, na SIC, na ARTE, na CNN ou em Bogolá, que, às vezes, a vida é melhor com pouca televisão.

Curiosamente, no género *pretensão documental* acabou por ser injusto, errado no argumento e falhado essencial. Injusto no alvo, porque, no plano televisivo português, a SIC fez pela informação, pelo debate e pela regem do que dois "serviços públicos" mesmo tempo, e ainda mais do que os demais fazer as "estações comerciais", pelas. Erró no argumento, porque Mariana Otero nem se deu conta que o espírito do, em relação à SIC, nada tem a ver com o mercado que, por natureza, é o que é, mudando de povo, como Brecht qu Pode ter a ver com a polémica entre o real, o ideal e as suas fronteiras, e então teria a pena discutir programas como *A Jarda do Poder* ou *Os Filhos da Nação* nas ausentes da tese da autora. E, no geral, o programa falhou, porque nem de permitiu pensar sobre os efeitos da televisão no mundo contemporâneo. Esses sim, p sam de documental. Eu gostaria de o que é que sobra da política, quando o literos preferem a câmara à realidade, e que um jovem de 20 anos pensa, hoje bre a violência, quando a consome compoas, a cores e em directo; ou o que é vale a memória, quando o mundo, seg a televisão, não tem história, nasce e m todos os dias. Estas e outras coisas são hlemas da televisão, a pública e a privada portuguesa e a estrangeira. Sobre elas, aprendi nada. Afinal, para saber que os tensores da televisão do Estado não go da televisão privada, não precisava de o documental de Mariana Otero.

22 14 de Novembro de 1997 O INDEPENDENTE

Opinião

Em alta Em baixa



Miguel Cadilhe - O antigo ministro das Finanças continua lúcido e certo. Entre os principais economistas portugueses é a única voz corajosa que não embarca na perigosa aventura do euro, e que avisa dos perigos da Expo. Consegue ser diferente de Cavaco, que se rendeu ao euro, e diferente de Monteiro e do nacionalismo bacoco do PP. Cadilhe parece pregar no deserto mas num futuro próximo todos o vão ouvir com muita atenção. No PP e no PSD.



Almeida Santos - O Presidente da Assembleia da República teve a coragem de dizer o que todos pensam: que os juízes são corporativistas e se defendem uns aos outros. A guerra entre políticos e juízes já ia em andamento mas isso não o impediu de dar a sua opinião. E perante a reacção intempestiva do presidente do Supremo Tribunal, que se demitiu por causa de Almeida Santos, este lamentou mas insistiu e, corajosamente, repetiu o que dissera.



António Guterres - Oito dias depois de todos os temporais decidiu-se a visitar os Açores e o Alentejo, numa "visita-surpresa". Pois, mas só foi de surpresa aos Açores porque se quis antecipar a Marcelo, que ia lá à tarde. E, apesar das palavras simpáticas aos que sofreram, e a visita aos cemitérios, ninguém se esquece que ele na sexta-feira tinha ido para a Venezuela passear com as primeiras-damas, enquanto Aznar foi aos funerais em Bajoz.

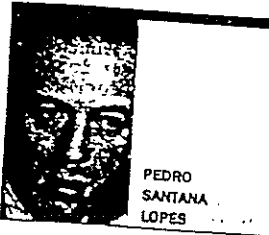


Pedro Macedo - O presidente do Supremo Tribunal de Justiça, num acesso de fúria, decidiu responder às palavras críticas de Almeida Santos com uma surpreendente demissão. Em 153 anos nunca se tinha visto tal coisa, o que é um sinal do exagero da decisão do juiz. Mais uma vez, os juízes portugueses deixam a impressão que são muito susceptíveis, que não é possível criticá-los e que qualquer reparo é mal-vindo e tem consequências imprevisíveis e graves.



Baptista-Bastos - Foi destacado para prestar um serviço à SIC e foi um desastre. A ideia era entrevistar Marianna Otero e encostá-la às cordas, destruindo a credibilidade do seu documentário sobre a SIC. O resultado foi penoso e Baptista Bastos acabou em KO técnico, a dizer disparates sobre o filme e a inquirir a rapariga sobre a sua vida com o marido, Adolfo Luxúria Canibal. No fim, toda a gente ficou a gostar mais do casal e menos de Baptista-Bastos.

"I all-play"



PEDRO SANTANA LOPES

É de assinalar a atitude da SIC ao exibir o documentário produzido sobre a sua natureza e o seu quotidiano. Como se sabe, esse trabalho foi exibido em França e, em certa medida, dá guarda a muitas críticas que são feitas ao principal canal da televisão portuguesa. Saliente-se, aliás, que a própria SIC abriu as portas desse seu quotidiano, permitindo à jornalista francesa filmar dias e dias de trabalho no seio da empresa.

Devo esclarecer — porque há sempre gente «bem» intencionada — que nenhum contrato me liga à SIC nem tenho, actualmente, qualquer tipo de colaboração. Mesmo que tivesse...

Mas não pode deixar de ser salientado o que se passou e, antes do mais, o interesse suscitado, fora das nossas fronteiras, pelos resultados obtidos pela SIC, definida, nessa produção, como um canal privado e uma televisão comercial. Sem dúvida!

Muitos poderão retorquir: nem qual é a proeza de deixar fazer um trabalho sobre a vida da empresa? Pense bem quem ri-postar assim, principalmente se for gestor de empresa pública. De qualquer modo, públicas ou privadas, quantas instituições teriam a descontração de pôr completamente à disposição do grande público filmagens dos seus directores e da generalidade dos trabalhadores nas intimidades dos seus momentos de labor? Filmar as reuniões, as intervenções, os telefonemas, os comentários, os desabafos, as tristezas, as alegrias, as desavenças, as incertezas...

Como seria bom que, por exemplo, a RTP suscitasse a mesma curiosidade e demonstrasse a mesma abertura. Como seria interessante assistirmos ao dia-a-dia de uma empresa com tantos efectivos e com critérios de decisão tão diferentes.

Acompanhar, por exemplo, o trabalho da Direcção de Informação.

Não está, obviamente, em causa o valor dos profissionais deste ou daquele canal. A dúvida reside no tipo de gestão, na lógica de funcionamento, nos critérios de decisão. Na informação e na programação.

Tive oportunidade de assistir à conversa entre a responsável pelo documentário e Baptista-Bastos. Com franqueza, teria sido prefe-

rirel passar o trabalho sem aquele tipo de intervenções do responsável pelo programa «Conversas Secretas».

As tentativas de defesa ou explicação de situações concretas e de ataque ao mérito da sua colega de profissão constituíram momentos, sem dúvida, menos agradáveis.

Aliás, é sempre curioso assis-

tir a situações em que se constata como certos vícios de raciocínio acabam por marcar as pessoas para toda a vida. Naquele quadro e daquele modo, quase se conseguiu dar a ideia de um julgamento. Ou de um contraste entre seguidismo e liberdade. Não há nada pior do que os mais pa-

Mas, enfim, de qualquer modo

Fica a atitude da SIC. Que reconheça-se, assim ganhou alguma autoridade para a acurácia informativa que sempre a caracterizou. (...) Tem sido notório esforço feito pela RTP e pela TVI, cada uma no seu estilo para apurar a qualidade dos respectivos espaços noticiosos. Aliás, quanto à TVI, por vezes até se estranha o nível de audiências, pelo que se vê nas casas que conhecemos

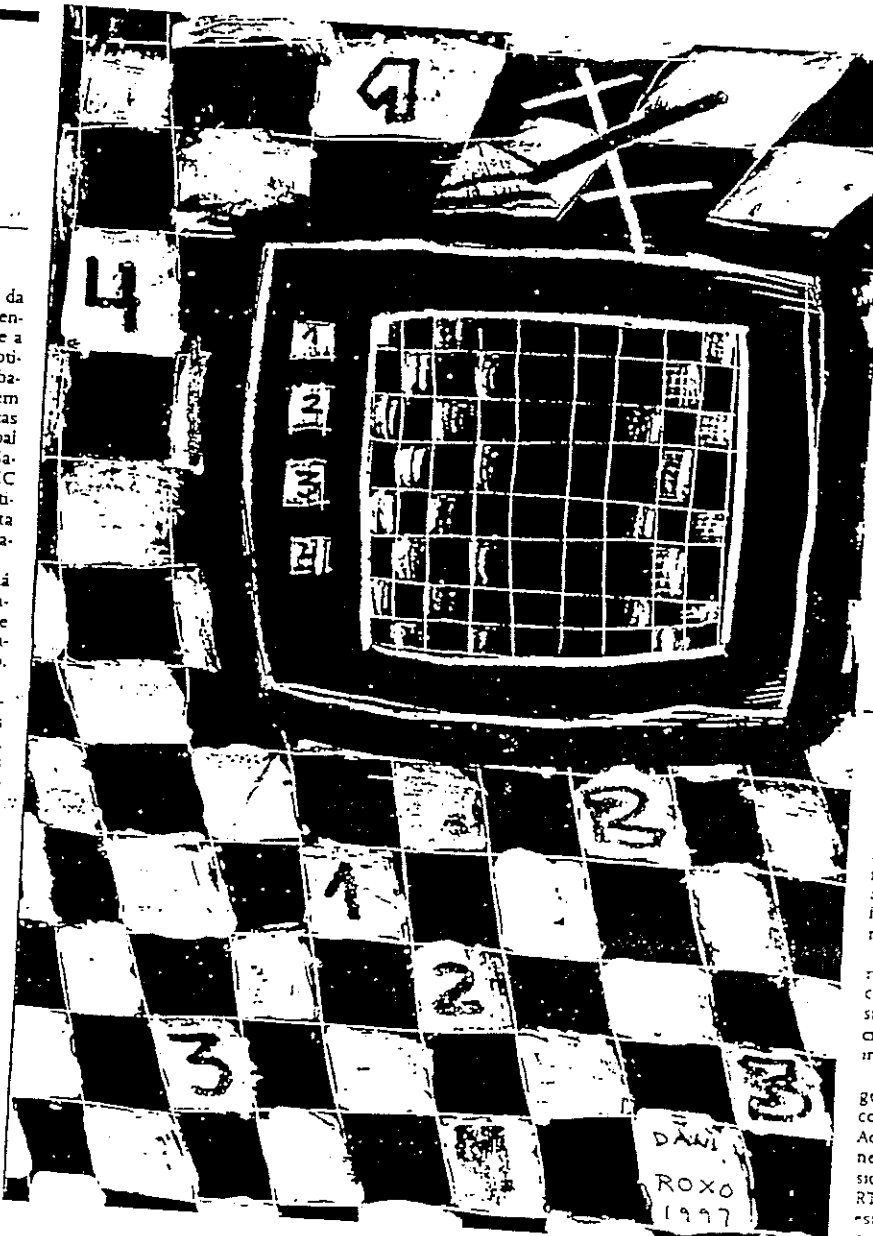
fica a atitude da SIC. Que, reconheça-se, assim ganhou alguma autoridade para a acurácia informativa que sempre a caracterizou

Como notara Manuela Moura Guedes, numa entrevista recente, a SIC, nas grandes ocasiões, fica normalmente a distância considerável nos momentos informativos que proporcionou.

Oxalá se generalize essa exigência, para todos ganharmos com as televisões que temos. Acredito que se possa caminhar nesse sentido, até porque tem sido notório o esforço feito pela RTP e pela TVI, cada uma no seu estilo, para apurar a qualidade dos respectivos espaços noticiosos. Aliás, quanto à TVI, por vezes até se estranha o nível de audiências, pelo que se vê nas casas que conhecemos. Principalmente quanto aos espaços já referidos ao futebol espanhol e aos filmes e séries que exibem.

Também neste domínio comercial, um novo tempo há-de chegar.

Pedro Santana Lopes escreve as suas feiras



O desafio da televisão digital



POR NUNO CINTRA TORRES

14 NOVEMBRO

SEMÁRIO ECON.

Os riscos do *cinéma vérité*

“Riscos” é o título de uma nova série na RTP dirigida ao público *teenager*. É actual nos temas e tem uma realização limpa, um estilo visual sintético e uma narração bem ritmada. Apoiar-se num bom guião e em bons diálogos. O agradável conjunto de actores jovens e veteranos procura fugir ao estilo de interpretação naturalista das telenovelas. Por vezes exige-se muito. O papel de Rita, talvez portadora do vírus da sida, embora muito difícil, passou. O desfecho ligeiro do episódio revela alguma falta de convicção. É um produto de características internacionais, típico do que se convencionou chamar “serviço público”: procura educar, entre-tendo com qualidade.

Um grande risco correu a SIC ao autorizar que uma documentarista penetrasse no reduto com a sua câmara de televisão e durante seis meses espiasse a vida da organização. Conversei com alguns responsáveis da SIC e fiquei a perceber como tudo aconteceu. O mérito é todo de Marianne Otero que convenceu Emídio Rangel a autorizar as filmagens. Outros directores da empresa recusaram a intromissão da câmara nas suas reuniões, mas o mais certo era haver falhas, que houve. Quem autorizou Otero estava convencido que a realizadora iria produzir um documentário estilo National Geographic. A câmara escondida entre as árvores documenta passivamente os animaizinhos na natureza, enfrentando os elementos e os outros animais, o seu labor diário e difícil luta por ser o rei da selva. Convencidos que a sua superioridade técnica e profissional é devero de universal respeito e admiração, cederam à tentação de serem estrelas na sua própria casa. Afinal, o macaco ficou sem rabo.

Uma idiota útil?

Confundir documentário com reportagem sobre a natureza é um erro comum. Foi sobre esse equívoco que Otero construiu uma relação de confiança com quem autorizou o seu livre deambular pelos corredores da empresa. Desconhecia-se na SIC que Otero é uma documentarista da escola do *cinéma vérité* e não uma profissional da câmara com teleobjectiva que fica longe das suas presas. Otero conseguiu, pela habitação, que a câmara fosse tão facilmente aceite como a caneta do jornalista. Chris Marker fez exactamente o mesmo. Também não se sabia que Otero era anti-SIC. Pensava-se precisamente o contrário. Embora a empresa funcione com uma autorização do Estado e utilize na sua actividade um bem comum que é uma porção do espectro radioeléctrico, trata-se para todos os efeitos de uma empresa privada, tem donos, pessoas que investiram o seu dinheiro no que se definiu à partida que é um negócio que tem

como objectivo ganhar dinheiro dentro dos limites da Lei e da Licença. Otero não aceita estas premissas. Para ela, a questão põe-se exclusivamente em termos políticos pois, como declarou à SIC, uma televisão comercial daquele género é sempre antidemocrática, porque os que escolhem os programas é que dizem o que o povo quer (não lhe serviu de nada estar lá seis meses para perceber que o que o povo quer é o que a SIC lhe dá).

Embora exactamente o mesmo pudesse ser dito da RTP, Otero é uma militante do “povo” e preferiu atacar os “capitalistas”. O seu documentário é um trabalho na acepção política do termo, é um filme de tese. Não se cansam agora os responsáveis da SIC de chamar a atenção para a restante programação da estação – como por exemplo os programas de Camilo Oliveira que são formatos de duas outras estações públicas, a BBC e o Channel 4 – mas para a realizadora, para ser eficaz, tratava-se de expor um ideia única, desfavorável à SIC, e não em fazer um descrição anódina que resultaria inevitavelmente em propaganda à SIC. Foi porque acreditaram que Otero iria ser inofensiva e porventura uma idiota útil que a autorizaram. Sem qualquer modéstia, permito-me aqui chamar de novo a atenção para o meu livro “Televisão Política” (Círculo de Leitores, 1996). Está lá tudo explicado. Em Portugal, como em muitos outros países, o documentário não foi, em geral, bem entendido nem bem praticado e é normalmente confundido com o que a que normalmente pensamos como reportagem. Também se pensa em documentário como filmes sobre a natureza, que também o poderão ser, mas que regra geral são o que, desde o início da história do cinema se chamou, entre outras coisas, de filmes de actualidades, filmes de expedição, filmes educativos ou filmes de viagem (*travelogues*), embora, de início, também o termo documentário fosse utilizado para designar aquele tipo de produções. Mas a palavra veio mais tarde a significar um tipo diferente e específico de cinema.

Segundo a teoria cinematográfica, a função do documentário deixou de ser a de documentar, no sentido de transportar para o espectador documentação factual, sem intervenção editorial, mas antes a de comentar a realidade: o documentário é um ensaio cinematográfico. Talvez a palavra *documentary* é que não seja a melhor para traduzir a intenção de realizar um documento. O documentário é ideológico, subjectivo, reflecte a visão do seu autor, é cinema de autor. É muitas vezes propagandístico, outras poético. O documentarista quer convencer, ser persuasivo, quer contribuir para modificar atitudes. Paul Rotha chegou mesmo a dizer que “o documentário deve ser propagandista”.

A reportagem tem um objectivo factual, histórico e consiste num relato, oral ou visual, do que se vê. Pode ser igualmente subjectivo e parcial, mas de uma maneira diferente do documentário. Tanto o pode ser por falta de recursos, designadamente de tempo, como porque omite o que é acessório ao relato do principal. O repórter também poderá tomar partido e esconder certos aspectos, ou realçar outros, mas isso não o torna um documentarista, mas sim um mau reporter se isso resultar em distorções. O documentarista pode ser abertamente partidário, e utiliza técnicas de narração que estão vedadas ao repórter, em particular técnicas de montagem com o objectivo de conseguir significados diferentes daqueles que as imagens tomadas individualmente não são capazes de oferecer.

As mentiras da burguesia

Foi John Grierson, o leader do movimento documentário britânico dos anos 30, o primeiro Director de Cinema do *National Film Board of Canada* e que também fora pioneiro em estudos de audiência, que atribuiu à palavra documentário o seu novo significado. Dizia que o documentário era “o tratamento criativo da actualidade” e defendia para o documentário a função de propagandista. Grierson considerava que o cinema devia contribuir para mudar o mundo, como crítica e como hino, como reportagem dramática e como visão. “Eu utilizo o cinema como um escopro, não como um espelho.”

Foi a invenção de sistemas baratos de filmar em 16mm com som síncrono que permitiu o aparecimento do *cinéma vérité*. Nos anos 70, o *cinéma vérité* de Chris Marker eram um modelo muito apreciado: era o cinema que expunha “a verdade da vida”. Por outro lado, as “reportagens” do *direct-cinema* americano ofereciam o modelo conveniente para denunciar, através da simples exibição ou do jogo de situações contraditórias ou ridículas, a “hipocrisia da burguesia” ou as “mentiras” da Administração Nixon sobre a guerra do Vietname. O *cinéma vérité*, e o seu primo americano *direct-cinema*, eram de facto descendentes actualizados dos jornais filmados nos anos 20 por Dziga Vertov, os *kino-pravda*, ou cinema-verdade. Todavia, o *cinéma vérité* distinguia-se do documentarismo da escola Grierson. Era uma maneira de chegar mais perto do lado emocional ou, onde se tomam as decisões que afectam a estrutura de que é feita a vida, enquanto o cinema documentário se insere na tradição do “esclarecimento público”.

Para correspondência:
NunoCintraTorres @compuserve.com

CINEMA

Filme sobre a SIC nos Encontros Documentais

■ O documentário sobre a SIC *Cette Télévision Est la Vôtre*, de Mariana Otero, visto recentemente no canal ARTE, as mais recentes obras de Frederick Wiseman, Chris Marker e Ken Loach, a curta-metragem oscarizada *Breathing Lessons*, um conjunto de fitas de Adolfo Coelho e Jean Painlevé, uma homenagem a Che Guevara e o filme *Amor Natural*, sobre a poesia erótica de Drummond de Andrade, são alguns dos principais atractivos dos VIII Encontros Internacionais de Cinema Documental, organizados pela Amás-cultura, que vão decorrer entre os dias 15 e 23 no Centro Cultural Malaposta (Olival de Basto), bem como na Amadora, Sobral de Monte Agraço e Vila Franca de Xira. Apresentar-se-ão em competição 56 filmes e vídeos, 31 dos quais na secção internacional e os restantes na nacional. Mais 59 filmes e 36 vídeos serão sujeitos ao voto do público.

POLEMICA

A SIC já passou à defesa

Três documentários sobre o mundo da televisão fazem parte de estratégia defensiva da estação

CATARINA CARVALHO
CRISTINA MARGATO

A SIC admite que está a contra-atacar. A mini-série «Guerra de Notícias» e os documentários «Televisão dos Malditos» e «TV, a Revolução do Século» não vão para o ar por acaso. São três programas sobre o funcionamento da TV e passam esta semana como resposta à polémica gerada pelo documentário «Esta Televisão é Vossa», da realizadora Mariana Otero, que mostra como é uma televisão comercial por dentro.

Pedro Norton, subdirector de programação, reconhece a estratégia. «Já tínhamos alguns documentários, outros comprámos porque era boa altura, tendo em conta a controvérsia gerada».

A contra-ofensiva começou na noite de segunda-feira, dia da transmissão de «Esta Televisão é Vossa» pela SIC. Pelo menos no que diz respeito a Mariana Otero. «Emídio Rangel meteu-me medo... Só me deu vontade de agarrar no meu bebé e desaparecer», ironiza a realizadora depois de ter visto o editorial transmitido a seguir ao documentário.

Não estava à espera. Tinham-lhe falado apenas da entrevista com Baptista-Bastos no *Conversas Secretas*. E ficou ainda mais surpreendida com a agressividade do director de programas da SIC: «Nunca o tinha visto assim». Há umas semanas, contactada pelo DN a propósito da primeira exibição do documentário no canal Arte, a realizadora elogiara a simpatia com que Rangel a recebera nos cinco meses que durou o trabalho.

«Em Junho, quando lhe mostrei o filme, ele gostou, embora me tenha dito que era uma visão muito pessoal», conta. Nessa altura Rangel tinha mesmo pensado transmitir o documentário e Mariana propôs-lhe fazer uma in-



RANGEL. Queria emitir «Esta TV é Vossa» quando primeiro o viu. Depois recuou por causa do artigo no «Le Monde»

trodução: «Diria que aquela era uma visão pessoal, que queria contar a história de uma televisão comercial, e não a história da SIC. Por isso se via apenas essa face».

«Rangel meteu-me medo. Tive vontade de desaparecer», ironiza Mariana sobre o editorial do director da SIC

Emídio Rangel não respondeu aos pedidos de esclarecimento que o DN ontem lhe fez, mas Pedro Norton explicou que «a SIC sempre achou que está era uma visão parcelar, e que nos parecia corresponder a uma certa ideia pré-formatada». A saber: o «lob-

by» a favor da TV pública na Europa. O sub-director acrescenta ainda que nunca a posição da estação em relação a Mariana Otero sofreu modificações. «O que dissemos então a Mariana, na altura do visionamento, mantemos até hoje».

Mas Rangel mudou de ideias quando foi publicada no *Le Monde* uma reportagem muito dura sobre a imagem que o documentário dava e que teve repercussões na imprensa portuguesa. «Rangel chamou-me e disse-me que afinal não ia transmitir o programa por causa das possíveis reacções», conta a realizadora. As posteriores negociações para a compra de direitos exclusivos foram feitas com o produtor português, a SP Filmes.

Pedro Norton confessa que nunca esperou uma polémica assim. «A imprensa portuguesa foi a reboque do *Le Monde*. E todos sabem que em França ninguém está interessado em discutir a televisão portuguesa. O jornal usou o documentário apenas para discutir o caso francês». A resposta foi dada em duas crónicas de ataque à «elite crítica» assinadas pelos dois sub-directores de programação: António Borge no *Público* e Norton no DN.

João Govern, jornalista da Visão, foi um dos citados no artigo de Norton. «O que salta à vista não é a confluência de opiniões contra a SIC, é a forma despropositada como a SIC reage, nunca por nunca admitindo um erro», disse ao DN.

O tal documentário sobre a SIC

Vi finalmente o tal documentário da Marianne Otero. Estava à espera do pior. Aguçado pelas insinuações de Baptista Bastos, que fiquei sabendo é "um bocadinho socialista e um bocadinho laico", na entrevista com a realizadora antes da exibição do filme na SIC, esperava as mais torpes manipulações do material filmado, o vil aproveitamento de declarações de personalidades importantes captadas à revelia e colocadas fora do contexto. Dias antes, uma notícia no PÚBLICO anunciava que Paulo Branco decidira estreitar o filme num cinema. Conhecendo o diferente publicitado pelos jornais entre o produtor Branco e Emílio Rangel e a pouca apetência da distribuidora de Paulo Branco à exibição comercial de documentários, concluí que o mesmo deveria conter informação exclusiva e comprometedora para a SIC.

Expectativas goradas. Assisti a um programa interessante sobre a luta diária pela consolidação da viabilidade económica do projecto SIC, num país cujo processo de privatização da TV foi pessimamente conduzido e onde só o oportunismo ou a falta de coragem de muitos permitiu que uma promessa feita pelo dr. Sá Carneiro numa época de atentados bombistas aos emissores da Rádio Renascença se tornasse realidade: entregar um dos canais à igreja católica. Fiquei a conhecer melhor o processo de circulação e troca de informação entre os diversos departamentos que constituem a SIC, garante da capacidade de resposta ao desafio de garantir índices de audiência rentáveis. Os poucos episódios de humor, como a história do "salsicheiro", pontuam inocentemente o "conflito" da narrativa: como responder a uma RTP que irá exibir todos os jogos do campeonato

europeu. E confirmei uma suspeita: a grande dependência da produção de ficção "made in Brasil", o papel decisivo que esse país irmão tem actualmente no imaginário dos portugueses e nos índices de audiências. A velha ironia do "colonizador colonizado" que nos fez realizar dois projectos no Brasil talvez para melhor olhar o nosso país. E esse facto demonstra cabalmente que a SIC, apesar dos 5 anos de sucesso e do domínio das audiências, é ainda uma estação em crise de crescimento. Não é vergonha mostrar o acne juvenil.

O mais sintomático no entanto foi a aparição do dr. Rangel, num desses raros momentos só possíveis em ocasiões de crise de estado ou de diferendos na programação futebolística. A desmesura autajustificativa do seu discurso introdutório à apresentação do documentário de Marianne Otero mostra até que ponto a má consciência Gonçalvista ainda está viva. Lembra-me que a chamada "opinião pública" continua a ser moldada por cérebros formados nos tempos do salazarismo e do marcelismo e amadurecidos no verão quente, à escuta de mais um pequeno escândalo de bastidores. A SIC não tem que ter vergonha de ser uma estação privada, evidentemente orientada pelo e para o mercado, marcando pontos de forma surpreendente. O dr. Rangel e a SIC não necessitam de se justificar perante o país. Todos nós, talvez pertencentes a essas classes A e B, estamos conscientes das leis do mercado. Não assisti no documentário a um minuto que seja de ofensivo ou provocatório para as audiências ou para alguma personalidade em particular. Manifesto o meu apreço, mas não necessito de ser recordado a cada momento da importância das campanhas da SIC por qualquer causa social, como nos trailers de autopromoção da próxima "reconhecida obra

Joaquim Pinto*

Não posso deixar de saudar a atitude da SIC ao abrir as suas portas ao olhar independente de uma realizadora. Enquanto cidadão e contribuinte com os impostos em dia e no desejo de uma televisão pública renovada e cumprindo cabalmente as suas obrigações como serviço público para o qual também pago, faço votos para que a RTP abra as suas portas a uma outra qualquer Marianne.

prima", digo uma qualquer novela. Este é talvez o aspecto mais irritante dessa estação, que aprendeu a lição e segue a mesma linha da máxima exaustivamente repetida pela Globo "Quem tem Globo, tem tudo", num país onde a maioria da população não tem nada. O dr. Balsemão bebeu o chá suficiente para não se expor nem misturar a sua imagem à falta de gosto do agrado das tais classes C e D. Não o vejo aos pulos no Big Show SIC. O dr. Rangel só teria a ganhar em seguir-lhe o exemplo, mas talvez o seu carácter ou a sua formação não lhe permitam ficar calado. O seu desafio, um documentário produzido pela SIC sobre a ARTE, só poderá interessar à minoria das minorias: os poucos privilegiados que não só têm acesso à TV Cabo, mas que preferem esse canal aos outros mais de 30 à disposição desses portugueses. Não é certamente uma boa ideia em termos de audiências.

Na minha memória de ex-produtor ao longo de 10 anos de cavaquismo e de várias administrações da RTP, durante a negociação dos contratos de filmes como "Recordações da Casa Amarela" ou "A Comédia de Deus", vivi histórias tortuosas e assisti a enredos variados e tráficos de influências, esses sim dignos das piores novelas brasileiras. Não encontrei no documentário de Marianne Otero quaisquer resíduos dessas práticas. Não posso deixar de saudar a atitude da SIC ao abrir as suas portas ao olhar independente de uma realizadora. Enquanto cidadão e contribuinte com os impostos em dia e no desejo de uma televisão pública renovada e cumprindo cabalmente as suas obrigações como serviço público para o qual também pago, faço votos para que a RTP abra as suas portas a uma outra qualquer Marianne. ■

* realizador de cinema

RANGEL QUER QUE O CANAL ARTE LHE ABRA AS PORTAS

Otero só «queria contar uma história»

«PARA mim, o seu documentário é frouxo e manipulado», afirmou Baptista Bastos, apresentador do programa «Conversas Secretas», a Mariana Otero, autora do documentário «SIC - Esta Televisão É a Sua», convidada pelo jornalista a falar sobre o seu trabalho antes que este fosse exibido. O monólogo moralista do apresentador durou quase toda a conversa, até quase às três da última madrugada, mas deixou para o director da estação o privilégio de um comentário, em jeito de prólogo, em que afirmou desejar que o canal Arte lhe abra as portas para uma reportagem nos mesmos moldes.

Quando Emídio Rangel surgiu no pequeno ecrã, devidamente identificado como director de informação e programas da SIC, anunciando que a SIC ganhara mais um prémio jornalístico, o espectador não percebeu nada daquelas intervenções de pressões da SIC nesse senti-

ção faria ou não parte do documentário anunciado: «SIC - Esta Televisão É a Sua». Foi preciso Rangel referir o nome de Mariana Otero e enumerar todas as questões que, a seu ver, a realizadora não abordou no trabalho, para que percebésemos que a declaração era um prefácio ao documento que se seguiria.

Mariana Otero aceitou o convite da SIC e de Baptista Bastos para estar presente no programa «Conversas Secretas» e, afinal, o que ontem a SIC mostrou, quando já passava largamente da uma da manhã, foi uma realizadora a tentar defender-se e ao seu trabalho das mais diversas acusações.

Baptista Bastos começou as «Conversas» avisando o espectador que Mariana Otero estava ali por sua «expressa vontade», não fosse alguém pensar que teria havido qualquer tipo

do. Não. Ele sublinhou que quem manda nos convidados do seu programa é ele. No entanto, ao longo das «Conversas», mais não fez do que servir de advogado de defesa da estação em que trabalha.

Mariana Otero foi apresentada como uma «francesa de Rennes», casada com Adolfo Luxúria Canibal (líder do grupo de rock bracarense Mão Morta), mãe, residente em Portugal há alguns anos. «Escolhi a SIC porque era a estação de mais sucesso», explicou. «E, devo dizer que fui muito bem recebida por todos. Acho muito corajoso e um acto cívico grande a SIC apresentar este trabalho», continuou.

Baptista Bastos foi atacando. «Então, deve haver uma grande ingenuidade ou uma grande negligência em relação à estratégia de grupo, por parte do Emídio Rangel», ironizou. «Há quem defenda que, a

Mariana é uma activista de lobbies pertencentes a televisões públicas», continuou. Mariana Otero defendia: «Sou uma cineasta. Tudo o que queria era contar história. E fazê-lo com bastante rigor. Nunca pretendi traçar um perfil da estação.»

O apresentador não se deu por convencido. Aproveitou para falar do «escândalo» RTP e da sua «informação manipulada», acusando a realizadora de contar uma realidade parcial. «Para mim, este documentário é apenas uma colagem, não tem montagem», disse ainda. Nada a fazer, sentia o espectador. Aquele era o tribunal que julgava Mariana Otero.

Passada uma hora de monólogo do apresentador, o documentário é anunciado. Mas antes surge Rangel. Fala sobre prémios, estratégias, orgulho, diz ter feito mais em prole da população do que o verdadeiro serviço público e lança um de-

safio último: quer que o canal Arte, para o qual Mariana Otero fez este trabalho, lhe abra as portas para uma reportagem nos mesmos moldes. «Contamos com Mariana Otero», avisou.

Só então, já a caminho das três da manhã, o documentário. Afinal, um diário do quotidiano na SIC, que desvenda um pouco mais sobre a importância das audiências e a mudança de uma grelha em função desses números. Nada que os espectadores não soubessem já, no fundo. Apenas, bem visível, para que não restassem dúvidas. Vergonha? De quê? Orgulho? De quê. É a estratégia da SIC, a que a levou a conquistar o primeiro lugar entre as televisões portuguesas. «Esta Televisão É a Sua» limita-se a ser apenas uma assinatura do que é conhecido há muito tempo. Caso para dizer: tanto barulho...

Luísa Jeremias

EDITORIAL

Onde está o Poder?

A política tem horror ao vazio e, no momento em que correntes cruzadas procuram espaço, vale a pena perguntar para onde foi o Poder em Portugal. Joaquim Aguiar teorizou sobre isso há tempos no *Expresso*, mas deixou em aberto saber quem manda afinal neste país. Esta não é uma questão puramente retórica. Ou académica. Às vezes é preciso fazer perguntas simples para ver como as respostas são complexas.

E dois anos depois da mudança de um regime da maioria absoluta, a que Adriano Moreira chamou o presidencialismo do primeiro-ministro, voltámos a uma solução de Poder partilhado. Temos agora um Governo teoricamente de equilíbrio instável. Na prática ele está tão sólido que só as oposições receiam perder base de apoio caso o façam cair.

E se Guterres pode disfarçar a sua situação de prisioneiro do Poder com mais ou menos diálogo, é óbvio que nunca Cavaco Silva poderia voltar a ser primeiro-ministro minoritário depois de duas maiorias absolutas. E seria

ainda mais impensável que Monteiro fosse oferecer-lhe colaboração mínima com descaramento máximo depois da votação do Orçamento. Não é, aliás, na Assembleia que hoje se joga o Poder. Os partidos estão condenados a entenderem-se no Parlamento até que sociedade dê sinais de querer mudar alguma coisa. Talvez para que tudo fique na mesma, mas há estímulos a que as massas reagem automaticamente. Cavaco deixou São Bento convencido de que o seu sucessor iria ser vítima das forças populares da democracia electrónica. Bastaria um holofote e uma câmara de televisão para as massas incendiarem os telejornais.

Quem viu anteontem o célebre documentário crítico sobre a SIC na própria SIC deve ter percebido para onde está a fugir o Poder. O programa passou a altas horas da madrugada, é certo, mas isso só prova que o director da SIC não dorme.

*Seria impensável
que, com descaramento
máximo, Monteiro
oferecesse a Cavaco
esta colaboração mínima*

CARLOS MAGNO

**LINHAS
DIREITAS**

LUIS
DELGADO



SIC

Aviso prévio: não sou amigo do Emídio Rangel e não tenho nenhum interesse na SIC. E mesmo que fosse amigo e interessado escreveria rigorosamente nos mesmos termos e «contra a corrente» dos que entenderam o documentário do canal ARTE como a «prova formal» de uma televisão vendida aos comerciais e sem escrúpulos. Vi ontem, pela primeira vez, o filme de Mariana Otero. E o que vi? Uma televisão activa, incansável, vencedora e inquieta. Preocupada em vencer num mercado viciado, atenta aos seus sinais vitais (audiências e mercado) e apostada em usar os triunfos de que dispõe. O documentário resume-se a isto: directores a tomarem decisões ao minuto, comerciais a competirem agressivamente e jornalistas a interrogarem-se colectivamente. A SIC tem a arrogância dos vencedores. Antes disso do que um fracasso editorial, um desastre financeiro, uma angústia permanente. Ah, falta a frase de Rangel – «vender um presidente aos bocados». Pecado original! Querem ver que não é verdade? Querem ver que um órgão de CS não tem o poder de fazer e desfazer? Só há uma coisa que me irrita em Rangel: ter feito esta SIC ambiciosa, controversa e ganhadora e ser de esquerda. Não percebo!

Luis Delgado é redactor principal e escreve nesta coluna de segunda a sexta-feira

Cancelada exibição do documentário

A MEDEIA Filmes anunciou ontem a anulação da exibição pública do documentário "Esta Televisão É a Sua", de Mariana Otero, sobre a SIC, marcado para o próximo domingo, no cinema Monumental. A anulação deve-se ao facto de A Medeia não ter conseguido autorização do co-produtor português do documentário, a SP Filmes, para o exibir. O debate foi também cancelado. Continua, no entanto, prevista para esse mesmo domingo, às 18h, a exibição do documentário na Malaposta, no âmbito dos Encontros de Cinema Documental. ■

QUARTA-FEIRA, 12 NOVEMBRO 1997 DIÁRIO DE NOTÍCIAS 52

PROGRAMAÇÃO

«Esta TV é Sua»: debate anulado
A sessão pública do documentário sobre a SIC, «Esta televisão é sua», foi anulada. Agendada para domingo, dia 16, no Monumental, a projecção (que seria seguida de um debate com, entre outros, Emílio Rangel) foi proibida pelo co-produtor português do filme, a SP Filmes (que trabalha habitualmente com a SIC).



10 NOVEMBRO

CAPITAL

SIC APRESENTA HOJE «ESTA TELEVISÃO É A SUA»

0 contra-ataque de Carnaxide

A SIC vai apresentar na madrugada de hoje o polémico documentário «SIC - Esta televisão é a sua», de Mariana Otero. A exibição vai seguir-se a uma conversa entre Baptista Bastos e autora do trabalho, que terá lugar no programa «Conversas secretas». É o contra-ataque de Carnaxide.

A exibição de «SIC - Esta televisão é a sua» foi anunciada para esta semana em dois pontos diferentes: dia 15 na Malaposta, durante os VIII Encontros de Cinema Documental, e dia 16 no cinema Monumental, numa organização da Meia Filmes, sendo a exibição seguida por um debate onde estariam, presentes diversas figuras públicas. Face à polémica instalada à volta do docu-

mentário por si mesmo - que mostra o dia a dia e as estratégias seguidas na estação de Carnaxide - os responsáveis da SIC contra-atacaram. Assim, o documentário de Mariana Otero será exibido hoje, depois da uma da manhã, seguindo-se ao programa «Conversas secretas», onde Baptista Bastos entrevistará a autora da tão discutida obra.

A decisão foi tomada à última hora em Carnaxide. Na passada semana, contactado por «A Capital», Manuel Fonseca, director adjunto de Programas, havia dito a «A Capital» que o documentário mereceria «um tratamento eficaz na altura que a SIC considerasse oportuna», deixando em aberto a hipótese de uma exi-

buição em avanço às duas já agendadas na altura. Assim aconteceu. Ontem à noite os trailers de apresentação de «Esta Televisão é a Sua» já passavam no canal 3, anunciando que ali, sim, se iria dizer toda a verdade sobre a SIC, ao contrário do que tem sido veiculado por outros media.

Recorde-se que a discussão em torno deste documentário estalou aquando da sua exibição no canal ARTE (captado em Portugal via TV Cabo). Uma série de críticas aos «métodos» utilizados por Emídio Rangel e seus discípulos foram, então, traçadas em diversos órgãos de comunicação social. A nenhuma delas a SIC respondeu.

8 NOVEMBRO

EXPRESSO

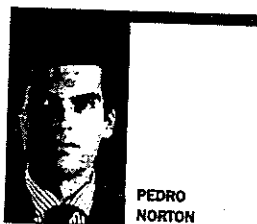
> Conversas Secretas

SIC, Seg., 02h10

Espírito desportivo ou a «chance» de pôr tudo em pratos limpos, Baptista-Bastos convida para a conversa a jornalista Mariana Otero, autora de «Esta Televisão É Sua», o documentário sobre os bastidores da SIC que o canal franco-alemão Arte transmitiu em Outubro. Por uma vez, não se esperam perguntas do género «que esquerda era a sua quando Portugal era de direita?». No cuidado de não comentar e deixar que Rangel e colaboradores falassem por si, não terá Otero dado uma imagem errada da estação de Carnaxide? Ou, pelo contrário, o retrato da SIC era perfeito por ter dado ao espectador o poder de julgar? Orientado, era de certeza. Vamos ver no que isto dá.

CRÓNICA

O pecado do lucro e as virtudes do défice



PEDRO
NORTON

A histeria colectiva que parece ter-se apoderado de alguns dos mais iluminados articulistas da Nação, a propósito da exibição do já célebre «Cette Télévision Est La Vôtre», de Marianne Otero, ganhou contornos que justificam uma observação atenta do fenómeno.

Dir-se-ia que, subitamente, o País bem-pensante tinha acordado para uma realidade tenebrosa e descobriu — estupefacto — a trama grotesca que, silenciosa e implacavelmente, ia sendo urdida

pela sinistra gentilha de Camaxide. «A hegemonia do pimbismo» obedecia, afinal, «a uma ideologia e a uma política precisas de dominação e de controlo dos espíritos, tendente, pelo seu desarmamento, pela sua submissão acéfala, a preparar o terreno para projectos mais vastos contra os direitos dos cidadãos». Pasmem-se! Sob o disfarce cândido de uma «Televisão para Todos», escondia-se, afinal, um império tentacular, ávido de audiências e de lucros, apostado na dominação subliminar das massas. Sob a capa de profissionais de televisão apareciam, para surpresa de todos, monstros totalitários e «mercenários do dinheiro», devotos incondicionais da tenebrosa «lógica neoliberal e mercantil».

Importava acordar os incautos e travar a vergonha. Foi o que felizmente se propuseram fazer os mais incorruptíveis dos nossos intelectuais. O País, esmagado pela revelação, fica-lhes devedor. Os Rosas, Pintos e Góes que

ousaram levantar-se contra a pérfida maquinação e denunciar a obsessão materialista dos prevareadores serão lembrados com gratidão pelas massas indefesas. Com uma clarividência providencial, souberam erguer as suas vozes e perguntar bem alto, ao melhor estilo de Calisto Tanzi: «A custa de quem se vestem estes Narcisos e Adónis? Que incógnitos veios de ouro exploram? Qual é a sua arte, se não devo antes perguntar quais sejam suas manhas ou ronhas? Que sabe a polícia deles?»

A importância do episódio poderia reduzir-se à dimensão dos argumentos e a fobia dos sábios podia encontrar uma condescendente explicação freudiana nos fantasmas marxistas que porventura povoam ainda os seus atormentados subconscientes. A contenda poderia simplesmente ser arquivada na prateleira das acusações atávicas que, num país marcado pela moral católica que condenou a usura, ciclicamente vi-

sam os que ousam seduzir-se pela obscenidade do lucro e pela miragem do sucesso.

Infelizmente, isso seria iludir a realidade.

A verdade é que o debate não é sério e que a argumentação utilizada é intelectualmente desonestas. Não porque assente em concepções económicas menos em voga (elas permanecem intelectualmente válidas e podem livremente ser defendidas), nem sequer porque de forma leviana e preconceituosa confunda profissionais com mercenários ou o respeito pelo dinheiro com a obsessão pelo lucro, mas muito simplesmente porque é deliberadamente descentrado e se afasta da que devia ser a interrogação central de quem se propõe reflectir de forma séria sobre a televisão em Portugal. Refiro-me, como é óbvio, à questão do financiamento do défice crónico da televisão estatal e à gestão displicente que os seus responsáveis fazem do dinheiro dos contribuintes. Quem

conscientemente ignora os mais de 30 milhões de contos que a RTP custa anualmente ao erário público para lançar cruzadas contra a preocupação legítima dos operadores privados de assegurar a eficiente aplicação dos seus recursos não pode pretender ser tomado a sério. Quem sabe pudicamente indignar-se com a gestão agressiva de quem não perdeu o respeito pelo dinheiro dos seus accionistas, mas prefere calar-se perante os evidentes sinais de incompetência e opacidade na administração dos recursos públicos, corre o risco de ser chamado hipócrita. Quem questiona a legitimidade do mercado, mas não ousa pôr em causa a do financiamento desregrado de um serviço público em que cabe de tudo um pouco, ou é autista ou prefere parecer-lo.

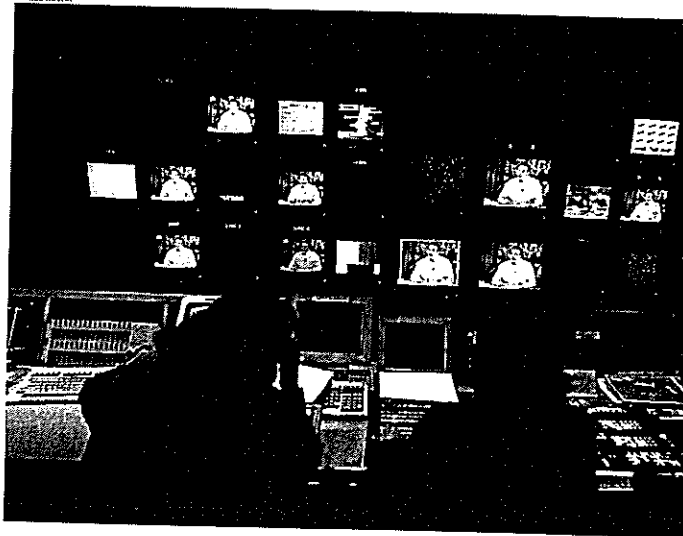
As massas embrutecidas mereciam mais dos modernos Elóis.

Pedro Norton é subdirector de Programas da SIC

A "elite" contra-ataca

António Borges*

DANIEL ROSA



Marianne Otero fez o que quis e o que o canal Arte lhe encomendou, na sua guerra contra as televisões privadas, [e] cumpriu o que esperavam dela. Afinal, em França ninguém sabe o que é a SIC. Mas, para infortúnio da nossa invejosa "elite", os portugueses sabem.

Marianne Otero fez o que quis e o que o canal Arte lhe encomendou, na sua guerra contra as televisões privadas. O aproveitamento interessado que o lobby estatal francês tem vindo a fazer na imprensa que lhe é afectada mostra que, mesmo não ficando na história do documentarismo francês (o trabalho é pouco mais que primário), Otero cumpriu o que esperavam dela. Afinal, em França ninguém sabe o que é a SIC. Mas, para infortúnio da nossa invejosa "elite", os portugueses sabem. Por isso, quando a SIC passar o documentário, as catilinas dos preguiçosos moralistas de jornal tornar-se-ão ainda mais patéticas. Convém, entretanto, reter deste episódio mais do que os aspectos risíveis.

A SIC nada tem a esconder. Nem antes, nem depois de Marianne Otero lá ter passado. Aquilo a que o nosso "Catão" Jorge Silva, no seu estilo trágico-cómico-psicanalítico, chama frenesim e esquizofrenia mais não é do que o esforço profissional e o sentido da responsabilidade de quem sabe o que significa, em Portugal, investir milhões de contos numa empresa de comunicação social, de quem está consciente de que das suas decisões dependem muitas centenas de postos de trabalho, de quem percebe que é necessário gerar resultados que permitam acompanhar o ritmo vertiginoso do mercado tecnológico e oferecer aos portugueses, no campo do audiovisual, aquilo que o atra-

so do país ainda não lhes proporcionou. Tudo isto, num país onde a publicidade parece ser encarada pelo Governo como uma actividade suspeita, ao contrário da utilização opaca do dinheiro dos contribuintes para a subsídio-dependência de clientelas.

O clube restrito da nossa tristonha "elite" jornalística não é sensível a este tipo de razões. Acha-se titular do direito a dispor dos fundos, sejam eles públicos ou privados, necessários à difusão pela tertúlia dos respectivos amigos e admiradores das suas definitivas dissertações moralizantes ou dos trióts de citações alheias a que junta, sem sobresaltos, assinatura e retrato. Os jornais onde ainda predomina proscreveram as notícias e transformaram-se num amontoado de prosa pomposamente opinativa. A investigação e a reportagem ficaram para os estagiários.

O aparecimento da SIC deu uma machadada decisiva no protagonismo deste clube, agora pateticamente sentado em torno da televisão — uma televisão que, por um lado, deseja queimar na praça pública, mas da qual, ironicamente, já depende para encher as páginas que o vazio de ideias torna cada vez mais brancas. Até ao virar do século, tornar-se-á insustentável aquilo que há muito é absurdo: que num país pequeno e de pequenos recursos, carenciado de informação para saltar o fosso do atraso atávico, uma boa parte da imprensa diária e semanal de "grande

informação" seja, por desprezo pelos públicos, pouco mais que confidencial.

Claro que o sr. secretário de Estado, se entretanto o continuar a ser, poderá sempre reprivatizar, in extremis, as publicações falidas pela ingratidão dos públicos, por forma a garantir o sustento das "elites". Já agora, aconselho-o a nomear, desde já, JC "Popper" Espada para o cargo de Director de Programas da RTP, para alegria das famílias contribuintes e elevação dos padrões do "pessoal da televisão".

De regresso às coisas sérias, deve dizer-se que, ao contrário do retrato desesperado e achincalhante que esta "elite" quer transmitir sempre que se refere à maioria dos portugueses ("rasca" e "pimba") tornaram-se vocábulos de referência e já há quem recorde com saudade o "nacional-cançonetismo" salazarista), a experiência da SIC nestes cinco anos permite ver o nosso país e o nosso povo a uma outra luz. A informação e o inquérito sobre os problemas reais da sociedade, a par das oportunidades criadas para a expressão livre de opiniões e talentos, produziram resultados surpreendentes, que só a miopia e o autismo dos pregadores de jornal não permitem ver. Neste país pequeno e atrasado, com uma história antiga e recente de obscurantismo e repressão, com uma das taxas de illiteracia mais altas da Europa, provou-se existirem na massa dos cidadãos anónimos mais talentos, mais conhecimento acumulado e capacidade crítica, mais soluções razoáveis e ponderadas para toda a espécie de problemas crónicos, do que aquilo que o mais optimista poderia conceber.

Acreditamos que o papel até agora desempenhado pela SIC está a contribuir para que o país se conheça melhor a si próprio, para que as pessoas se tornem agentes activos das mudanças sociais necessárias ao desenvolvimento. As mensagens positivas que todos os dias recebemos, reforçam-nos a convicção de que a televisão pode ajudar a que as pessoas se sintam mais integradas socialmente, mais confiantes nas suas capacidades de participação, mais seguras para fazerem ouvir a sua voz nas grandes e pequenas questões da vida comunitária.

A visão segundo a qual a cultura e a participação popular baixam o nível da televisão e devem, como tal, ser desencorajadas ou, mesmo, suprimidas por meio de toda a espécie de normas e padrões farisaicos, não passa, de acordo com a nossa experiência, de um cinico contra-ataque por parte daqueles que ambicionam conservar direitos ilegítimos sobre a vida política, social e cultural do país. Por outras palavras, daqueles que insistem em empurrar o Estado e as suas instituições contra a sociedade para protecção de benefícios próprios.

Uma sociedade de indivíduos livres, participativos e solidários, sem a mesquinhez e a inveja que há séculos ensombram Portugal, não se compadece com o bolor mental de "elites" viradas para o umbigo, de mão arrogantemente estendida para os mecenas que insultam. A conclusão não é nova, como se deprende da leitura de Francisco Manuel de Mello.

* subdirector de programas da SIC

A saudável alegria com que o "pessoal da SIC" (parafraseando a ternurista expressão de João Carlos "Popper" Espada) festejou o quinto aniversário da estação provocou irreprimíveis comichões na nossa auto-intitulada "minoría culta". Em primeiro lugar, porque se trata de uma minoria sorumbática, que se irrita e desmorteia com a alegria alheia. Depois, porque se dá o caso de a nossa "minoría culta" (a que o antigo frequentador do tugúrio do falecido filósofo também gosta de chamar "a elite"), além de triste, ser em boa parte formada pelo género que o esquecido Guerra Junqueiro catalogou sob a designação de "compêndios de moral, encadernados em coiro". Ou seja, gente cuja perfeição espiritual este mundo não merece e que vê nas manifestações de regozijo de quem tem o desprazimento de ter êxito no que faz uma grosseira expressão de desprezo pelas complexidades do Ser.

A agravar o pecado, acresce que a festa foi partilhada pela maioria dos portugueses, cúmplices perversos ou vítimas ingénuas da tenebrosa televisão de Carnaxide. Ao fim de cinco anos de sucessivas desconSIDerações, a primeira das quais o ter desmentido com tão despudorada sucesso as profecias que a condenavam ao desastre, a SIC parece ter feito transbordar o desespero da "minoría culta". O resultado é a cruzada que aí está. De "Popper" Espada a "Antonioni" Jorge Silva, passando pelo sr. secretário de Estado e por uma revista "de grande informação" que faz capa de dona Lili Canecas, todos aproveitaram para moralizar contra a SIC, contra a televisão privada, contra a televisão em geral, contra as audiências, contra a publicidade e contra o sucesso.

A maioria socorreu-se da cassette de Marianne Otero, uma activista do lobby europeu das televisões estatais. A autora da montagem ilustrou o seu postulado sobre a televisão privada com cinquenta minutos de imagens, desconcontextualizadas das setenta horas que gravou na SIC, durante os seis meses que por lá andou, com total liberdade de movimentos e de acesso a toda a espécie de reuniões e conversas. "Popper" Espada socorreu-se da sua revolucionária teoria do boca-a-boca (uma espécie de "Tradição, Pátria, Elite e Família") contra o libélico "pessoal da televisão".

Como qualquer pessoa lúcida e intelectualmente honesta poderá confirmar quando a SIC proceder à exibição da montagem de Marianne Otero, a visão que ali é dada do quotidiano da estação e das preocupações dos seus profissionais sofre de grotescas deformações. A truncagem de conversas, a redução da programação a m só género, a supressão dos muitos espaços de informação diária e não diária (que a autora da montagem sabe constituir um caso único o panorama das televisões generalistas europeias), a tábua rasa feita do profissionalismo e os cuidados postos na preparação de séries de programas como "O Século do Povo", os "Veras Anos" ou "Jasmin — o Sonho do Cinema", cuja génese assistiu, nada é inocente naquela ucratura de objectividade.

Emílio Rangel garante que a SIC não vai apoiar a candidatura de Balsemão à Presidência. E diz que o actual Governo é muito mais intervencionista do que o anterior. Uma entrevista de **Domingos Amaral**

“Governo tem uma obsessão de controlo da comunicação social do Estado”



A SIC é mais suave com os socialistas do que foi com o cavaleirismo. Há programas, como o “Praça Pública” e mesmo “A Noite da Má-Língua”, que eram um permanente ataque ao poder, e agora não existem.

O “Praça Pública” acabou muito antes de Cavaco abandonar o Governo e “A Noite da Má-Língua” acabou há três meses! Não se podem fazer análises assim deformadas. Se fizer uma observação cuidadosa dos jornais da SIC vai ver que, ao longo dos meses, a estação é muito equilibrada na forma como trata a política. A SIC não é nada suave com o poder socialista.

Eu nunca vi Cavaco Silva num jantar íntimo de homenagem a Pinto Balsemão, como vi António Guterres e Jorge Coelho. Por alguma razão será.

Mas isso tem a ver com as rivalidades entre o dr. Balsemão e o prof. Cavaco Silva.

Há uma relação simpática da SIC com o poder actual.

Olhe que em muitas circunstâncias há divergências profundas.

A SIC conseguiu deste Governo o que nunca conseguiu do anterior: não há publicidade na RTP2 e na RTP1 a publicidade foi reduzida.

Sim, mas foi o anterior que nos deu a televisão privada.

Há pouco mais de um ano, você deu-me uma entrevista e disse que este Governo se arriscava a ser o covete da televisão privada em Portugal. Ainda é assim?

Em parte ainda é. O facto de ter reduzido a publicidade na RTP não é grande vantagem para nós, é uma gota de água no oceano. Na RTP2 a publicidade já era quase insignificante e, se acabou, não acabou o uso da RTP2 na contraprogramação. A RTP2 continua, no domingo, a dar desporto para as grandes audiências: futebol, atletismo, etc.. Além disso, a competição desportiva entre as televisões privadas mantém-se, pois o Governo continua a

apreciar as notícias decida que uma delas é “violenta” para as televisões serem multadas. Isso é uma amputação da liberdade de informar e do direito que as pessoas têm de ser informadas. Numa democracia não se pode aceitar que o Estado intervenha desta maneira.

No programa “Os Filhos da Nação” criou-se uma armadilha a toda a comunicação social. É natural que seja criticado por isso, não é?

Não se pode colocar o problema assim. O que você está a dizer é que o resto da comunicação social se vingou.

O grande “falso” da SIC foi alguém ter telefonado para a RTP a avisar que aquilo era mentira. Aposto que aqui já estavam todos a preparar-se para se rirem às gargalhadas.

Nada disso. O que se tentou provar foi a forma descontrolada como a comunicação social range às solicitações que lhe apuram, e isso ficou provado.

Você quis ridicularizar toda a comunicação social. Se a redacção da SIC também não soubesse que aquilo era falso, até seria honesto. Mas aposto que a redacção da SIC sabia.

Enganam-se. Não sabia. É olhe que o objectivo do programa não é ridicularizar a comunicação social. O programa integra-se numa linha de provocação. Este não é o primeiro programa de provocação que existe no Mundo. Conhece o “TV Nation”, americano? Conhece os espanhóis “Mouros e Cristãos” e “Caiga quien Caiga”, ou os programas da BBC de provocação?

A conclusão que se deve retirar é que o programa não é para ser levado a sério. É uma espécie de “Apanhados”, seguidos de uns intelectuais a discutirem o mundo.

O que a SIC faz é criar um “fictício” para discutir problemas reais. Conhece a história de um cómico francês, o Coluche, que juntamente com a revista “Lecho des Savanes” se pôs a fazer de padre e a confessar as pessoas na rua, e

depois publicou um livro com todas as conclusões, chamado “Os pecados da França”? Ouviu falar da provocação do “TV Nation”, ao pretender saber “quanta democracia” se podia comprar por cinco mil dólares? O objectivo era denunciar os “lobbies” que funcionam no Congresso. E os jornais portugueses já fizeram experiências semelhantes.

O que enerva no programa é a “tese”, o programa parte do preconceito de que existe racismo em Vila Verde e “provoca-o”, só para ter o prazer de o discutir.

Isso é uma interpretação reducionista e distorcida. O que é grave é que se tenha passado por cima da questão de fundo e se discuta o programa da SIC em vez de se discutir o racismo.

Vamos ao documentário belga que foi feito sobre a SIC. Gostou ou não daquele documentário?

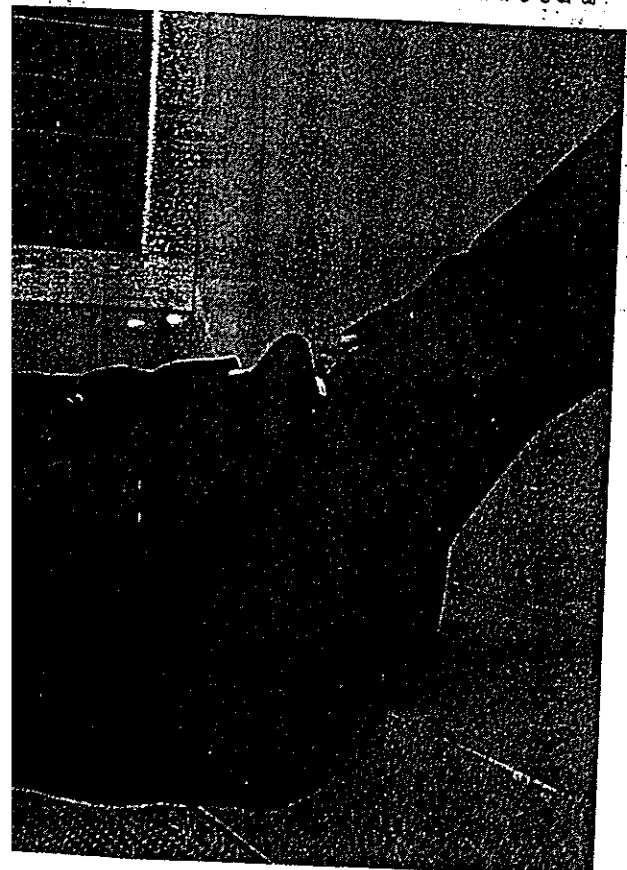
O documentário é parcial e restrito, dá apenas a visão de uma parte da SIC. Aquilo também é a SIC, mas a SIC não é só aquilo. A jornalista esteve aqui seis meses a filmar, sem nenhuma restrição posta por nós, e no fim mostra só uma parte: a realidade comercial que é a SIC. Tudo o resto foi esquecido. Esperava um trabalho mais profundo. Aquilo é uma colagem de frases, muitas delas fora do contexto, uma versão reduzida de uma realidade total que era vital.

A SIC vai passar esse documentário?

Vai. Salvo erro na próxima semana.

Como é que responde à crítica recorrente de que a televisão contribuiu para o embutimento da população?

Essa crítica só pode ser feita por pessoas de má fé, como o Jorge Leitão Ramos. Não se pode fazer a apreciação de um canal só por um ou outro programa. Em cinco anos de vida, a SIC foi o canal que mais filmes de qualidade estreou em Portugal. A SIC é a estação portuguesa com o maior volume de negócios com a BIR, e com o Channel Four.



Como é que se "vende" um Presidente da República?

Não sou a pessoa indicada para explicar como se "vende" um Presidente da República. Sobre essa frase têm sido feitos juízos de valor muito diversificados e, em geral, lamentáveis. É preciso dizer que a frase aparece fora do contexto. Naquele momento, eu estava a explicar qual é a importância, e a margem de manobra, de uma estação de televisão que tem 50 por cento de "share", que chega a seis milhões de pessoas por dia. Uma estação assim tem a capacidade de "exportar" tudo, da coisa mais nobre à mais banal. Eu estava a falar da possibilidade de utilizar o "merchandising" para conseguir mais receitas para a SIC. Quem estiver de boa fé percebe o que eu quis dizer.

Sabendo-se que o dr. Pinheiro Balsemão nunca escondeu as suas ambições presidenciais, ficamos a saber que, se ele se candidatar, a SIC consegue eleger-lo.

Essa relação entre um apoio de um órgão de comunicação social e a obtenção de um determinado resultado eleitoral não existe. Eu não acredito que a comunicação social tenha esse poder. O que já aconteceu foi o contrário. Por exemplo, em 91 o prof. Cavaco Silva foi eleito contra toda a comunicação social.

Mas a sua frase no documentário é a constatação do enorme poder de uma televisão. Não. A frase significa que a SIC tem enorme capacidade de exposição, maior do que toda a

não fomos muito rigorosos. A Globo não "fabrica" o Collor, ele já existia como político. Não é preciso que eles tenham uma história, uma biografia.

Pois, mas se a SIC escolher uma determinada linha editorial, mais próxima de um partido ou de uma pessoa, isso pode ser determinante.

Nós temos um estatuto editorial com um princípio sagrado: a independência. A SIC nunca apoiou, nem apoiará, nenhum partido nem nenhum político.

comunicação social portuguesa junta. Mais nada. Em relação ao dr. Balsemão, ele pode ter ambições políticas, e tem até boas razões para as ter. Mas, caso ele se candidatasse, a SIC jamais se envolveria numa campanha de apoio, pois isso é contra o seu estatuto editorial. Nem essa é a postura da SIC, afirmada pelo próprio dr. Balsemão, nem essa é a tradição portuguesa.

Não estamos a aproximar-nos perigosamente da situação brasileira? A Globo faz e desfaz carreiras políticas. Se não fosse a Globo, o Collor não era eleito!

Isso é um exagero. O Collor chega à presidência com o apoio da Globo, mas não deixou de ser afastado e julgado, apesar da Globo.

Reconhece que ele sem a Globo nunca seria eleito?

Sim, mas toda a gente sabe que O Independente também foi importante no nascimento do PT. É sempre possível imputar essas coisas, se quiser, a qualquer grupo.

Reconhece que ele sem a Globo nunca seria eleito?

Sim, mas toda a gente sabe que O Independente também foi importante no nascimento do PT. É sempre possível imputar essas coisas, se quiser, a qualquer grupo.

Reconhece que ele sem a Globo nunca seria eleito?

Sim, mas toda a gente sabe que O Independente também foi importante no nascimento do PT. É sempre possível imputar essas coisas, se quiser, a qualquer grupo.

Reconhece que ele sem a Globo nunca seria eleito?

Sim, mas toda a gente sabe que O Independente também foi importante no nascimento do PT. É sempre possível imputar essas coisas, se quiser, a qualquer grupo.

Reconhece que ele sem a Globo nunca seria eleito?

Sim, mas toda a gente sabe que O Independente também foi importante no nascimento do PT. É sempre possível imputar essas coisas, se quiser, a qualquer grupo.

Reconhece que ele sem a Globo nunca seria eleito?

Sim, mas toda a gente sabe que O Independente também foi importante no nascimento do PT. É sempre possível imputar essas coisas, se quiser, a qualquer grupo.

Reconhece que ele sem a Globo nunca seria eleito?

Sim, mas toda a gente sabe que O Independente também foi importante no nascimento do PT. É sempre possível imputar essas coisas, se quiser, a qualquer grupo.

Reconhece que ele sem a Globo nunca seria eleito?

Sim, mas toda a gente sabe que O Independente também foi importante no nascimento do PT. É sempre possível imputar essas coisas, se quiser, a qualquer grupo.

Reconhece que ele sem a Globo nunca seria eleito?

Sim, mas toda a gente sabe que O Independente também foi importante no nascimento do PT. É sempre possível imputar essas coisas, se quiser, a qualquer grupo.

Reconhece que ele sem a Globo nunca seria eleito?

Sim, mas toda a gente sabe que O Independente também foi importante no nascimento do PT. É sempre possível imputar essas coisas, se quiser, a qualquer grupo.

contra-programação. A RTP2 continua, ao domingo, a dar desporto para as grandes audiências: futebol, atletismo, etc. Além disso, a contra-edição destoa contra as televisões privadas: mantém-se, pois o Governo continua a dar muitos milhões de contos por ano à RTP. Este Governo agravou essa situação e intervém muito mais do que o anterior!

Este Governo é mais intervencionista que o anterior?

Não tem sequer conotação. Este Governo tem uma obsessão clara de controlo da comunicação social do Estado. A RTP é uma estação controlada pelo Governo. Tal como a RDP. E a intervenção era esperada, pois o grupo de socialistas que lidera com a área da comunicação social tem essa enorme tentação de intervir, de regular. E o grupo mais retrógrado do PS. Nisso, o secretário de Estado Arons de Carvalho é muito coerente. É um homem que mantém a sua visão controladora sobre a comunicação social do Estado, mesmo sabendo que hoje a população portuguesa tem ao seu dispor canais de saúde, televisão por cabo, dezenas de rádios e muitos jornais. E, em relação às instituições privadas, tenta influenciar e controlá-las. Quando não consegue, persegue-as.

Exemplos da perseguição?

O dr. Arons de Carvalho desencadeia, com frequência, através do Instituto do Consumidor, ou através da alta-autoridade, perseguições à SIC. Depois da última entrevista que dei, ao "Expresso", apareceram uma sucessão de contra-ordenações na SIC. Por exemplo, o "spot" publicitário da Expo, com os bebés a nadar, passou em todos os canais portugueses e apareceu em todos os jornais. Pois bem, a SIC foi a única entidade que foi multada por ter passado este "spot", com o argumento estúpido de que era perigoso para as crianças. A RTP não foi multada. E como este exemplo podia dar-lhe muitos mais.

Inclui o ministro Jorge Coelho nesse grupo de socialistas?

Não, não o incluo nesse grupo. Ele esteve sempre fora desse grupo e parece ter uma visão diferente, embora ainda não se tenha demarcado claramente.

Foi Jorge Coelho que deu sinais de querer regular a violência na televisão, ao dizer que ficava "arrepiado" com certas cenas. Isso inspirou um projecto de lei contra o qual você se pôs imediatamente contra.

Por isso é que eu digo que a posição dele precisa de ser clarificada. Ele não pertence a esse grupo socialista, que rodeia Arons de Carvalho. O eng. Guterres, que eu considero um excelente primeiro-ministro, tem a área da comunicação social muito mal entregue, para azar de todos os portugueses.

Porque é que está contra a proposta para a lei da televisão?

É uma proposta ridícula, pois estabelece que as televisões não podem ter mais de 30 por cento de audiências. Além disso, o que a proposta de lei faz é tentar interferir nos conteúdos das notícias, dizendo que há coisas que não podem passar e que as estações podem ser punidas. É uma lei que censura. Basta que o órgão que vai

discutir problemas reais. Conhece a história de um cómico francês, o Coluche, que juntamente com a revista "Écho des Savannes" se pôs a fazer de padre e a confessar as pessoas na rua, e com o Channel Four, em cinco anos de vida, a SIC foi o canal que mais filmes de qualidade estreou em Portugal. A SIC é a estação portuguesa com o maior volume de negócios com a BBC e com o Channel Four.

Tribuna

A cultura da SIC



JOÃO
LOPES

AS REPERCUSSÕES
do documentário sobre a SIC
— «Cette Télévision Est la Votre», de Mariana Otero —
transmitido pelo canal franco-alemão Arte vieram ilustrar um estado de coisas (português) que não pode deixar de satisfazer mesmo os mais cépticos observadores da convivência da imprensa com a realidade televisiva. Dito de outro modo: os profissionais dos meios de comunicação estão disponíveis para discutir

o seu lugar no mundo. Por isso mesmo, vale a pena interrogar também o sentido dominante das leituras de «Cette Télévision Est la Votre».

Ou seja: essa ideia purificadora segundo a qual o documentário veio, finalmente, expor a verdade da SIC como estação televisiva orientada por uma lógica de lucro que tende a esgotar-se na procura dos índices mais elevados nas audiências e na angariação de publicidade.

Dir-se-ia que se produziu um apagamento voluntário de conhecimento, como se necessitássemos de nos colocar na posição infantil de quem não sabe nada da crueza do mundo à sua volta. E tanto mais quanto essa posição nos permite reivindicar, com uma ingenuidade perversa, que nos revelem o «segredo atrás da porta».

Ora, não há dúvida que o documentário corresponde a tal reivindicação. Nesse aspecto, não me quero fazer passar por espectador «naïf» e confesso que foi com grande alegria que redescobri uma pessoa como Manuel S. Fonseca, à mesa de trabalho com Emílio Rangel, momentaneamente incapaz de encontrar alternativa para a súbita carência de episódios da telenovela «Explode Coração» para colocar na grelha de programação. Alegria porque? Porque depois de ter lido a sua denúncia da cegueira dos críticos face aos modos de programação do cinema em televisão (in «TV Filmes», Outubro), temia que fosse difícil detectar nele algo que ainda nos aproximasse. Enganei-me, reconheço, e o facto de o seu estilo de programar filmes na SIC não me parecer muito estimulante não passa de uma questão de pormenor: aqueles momentos de silêncio e dor face ao drama de «Explode Coração» são humanamente comoventes.

Mas é também aqui que o documentário do Arte me suscita dúvidas. Bastava-me não gostar da programação do Manuel — aí, manter-nos-íamos no plano das grandes divergências, isto é, no domínio dos conceitos e das ideias, porventura dos ideais. Em última análise, eu não queria saber daquela maneira que o Manuel, com quem partilhei algumas emoções profissionais e cinematográficas (na Cinemateca e nas páginas do EXPRESSO), é a mesma pessoa que, agora, sofre com uma mediocridade como «Explode Coração». Dir-me-ão que ele mudou e que até é possível que para ele, agora, fazer explodir corações em horário nobre seja uma fundamental questão de princípio. Por que não? Respeito as mudanças dos outros, tanto quanto espero que os outros possam respeitar as minhas. Mas, mesmo assim, eu não precisava de assistir, daquele modo, àqueles segundos de cristalino sofrimento.

Onde é que eu quero chegar? Apenas a isto: que o documentário do Arte existe como um prolongamento «natural» da lógica de fazer televisão que predomina na SIC. Há nele o mesmo espírito de «voyeurismo» cínico com que a SIC encena um «fait-divers» para o «Jornal da Noite» ou, pior ainda, com que simplifica as emoções mais secretas das pessoas em programas como «All You Need Is Love». «Cette Télévision Est la Votre» nada tem a ver com a grande atitude documental (lembrem-se de Wiseman) de que o cinema — ou a televisão — é capaz. Se há uma cultura da SIC que, como crítico, como espectador ou apenas como cidadão me desencadeia profundíssimas resistências, acho que devo aos seus profissionais a frontalidade de afirmar tais resistências em nome do que está no ecrã.

A PLUMA CAPRICIOSA

O filme da vida da SIC

CLARA
FERREIRA
ALVES

O PEQUENO mundo português escandalizou-se por causa de um documentário que prova que a SIC é aquilo que todos sabíamos que era: um canal comercial. O «Le Monde» também se escandalizou, embora as lições de moral que os franceses gostam de pregar ao resto do «le monde» o devessem deixar indiferente depois do caso de Patrick Poivre d'Arvor.

Eu lá acabei por ver o filme da Otero, com uns dias de atraso, e depois de todos os jornais portugueses se terem atirado à SIC com um zelo que roça a obcecção. Em verdade vos digo que o documentário não me escandalizou. A SIC é um canal comercial. Alguma coisa de novo sob o sol?

Vou contar uma história. Há uns anos atrás, andava a fazer uma reportagem nos campos de refugiados palestinos, e gostava de entreter conversas sensatas e moralistas com os palestinos. Por que é que arriscam tanto? Por que é que não cedem? Por que é que são tão extremistas? Etc., etc. Um dia, um deles, um chefe, preso e torturado várias vezes, procurado pelos israelitas, olhou de frente e disparou: «Já alguma vez teve de lutar pela sua vida?» Não, de facto, nessa altura, não. Nunca tinha lutado pela minha vida. Ele: «Eu estou a lutar pela minha vida todos os dias. Até você saber exactamente o que isto significa, lutar pela vida, não pode saber de que é que eu estou a falar. A maioria das pessoas não sabe o que isso é».

Os projectos novos num país velho e gasto como Portugal, são projectos que põem em risco a vida das pessoas. Põem em risco a saúde, a família, a profissão, a famosa auto-estima. São conhecidos raros casos de projectos revolucionários, seja em que área for, que tenham tido sucesso e que não entrem, passado o período de entusiasmo inicial — em que as pessoas se arriscam e deslizam todos os dias como o caracol no gume da navalha — em agonia. No jornalismo escrito, os casos são conhecidos, e são trágicos. Mas o risco de fundar um jornal novo é muito inferior ao de fundar uma televisão nova num mercado publicitário escasso como o português. Em condições de concorrência com um canal público pago pelo Estado e com uma gestão de «big spending» nos últimos anos do cavaquismo. A SIC, cuja informação nasceu com alguns jornalistas que saíram do EXPRESSO e de outros lugares, e que saíram sabendo que se arriscavam a ficar sem emprego e sem o resto, viveu os primeiros anos numa luta sem quartel para se impor no mercado. A sua agressividade e a sua susceptibilidade, o seu corporativismo, a sua lógica interna, nascem desses anos de luta, e da juventude das suas equipas, decididas a não perder, decididas a não trair o sucesso e o espírito do projecto. Cinco anos depois, onde estão os dissidentes da SIC? Os traidores? Os do «kiss and tell»? Não existem. E eu acho saudável que não existam. Podemos dizer que não existem porque o navio não chegou a meter água e os ratos não o abandonaram, mas a sensação com que se fica, fora de SIC, é que não há ratos. As pessoas da SIC defendem a SIC como «cosa nostra», e o mérito é deles. Em Portugal, onde o sucesso alheio causa tantos engulhos, temos tendência a premiar a traição e esquecer a lealdade. Em primeiro lugar, a SIC é um caso de lealdade. Não conheço muitos lugares assim.

O filme não mostra isso. Mostra uma equipa dinâmica, mostra que a grande força e simultaneamente a grande

fragilidade da SIC são a sua dependência das telenovelas da Globo, mostra os vendedores de publicidade a facturar, mostra as dúvidas da redacção do telejornal, a brutalidade da concorrência à RTP, a autoridade de Rangel. Mostra que a SIC é uma televisão comercial que depende cada minuto das audiências e do «share»... mas sabem quanto custa um minuto em televisão?

Escrevi acima: mostra as dúvidas da redacção do telejornal. Numa sequência de diálogo entre José Alberto Carvalho e um editor, o que eu vi foi a liberdade com que José Alberto Carvalho deu a sua opinião e o seu desacordo. O que eu vi foi a democracia que deve reinar na redacção da SIC, e a consciência leve de se deixarem filmar sem censuras, sem cortes, sem «final cut», em todos os momentos da vida da SIC. E vi mais, vi que o filme, bem feito e sobretudo bem montado, é um filme com tese. A tese a demonstrar é que a SIC não olha a meios para se manter à cabeça do «share» e da audiência, e não me custa concluir que no chão da sala de montagem deve ter sobrado tudo o que não servia essa tese, insinuada com inteligência pela realizadora. Todos os planos de telenovelas apresentados são planos de caricatura, de melodrama. Houve telenovelas de qualidade. A publicidade é protagonista, mas as pessoas que fizeram bons programas de informação na SIC não aparecem nunca, nem aparecem os comentadores políticos, ou os debates, ou as «Grandes Reportagens», ou os filmes e séries de qualidade, ou os programas do fim da noite. Aparecem o «Big Show SIC» e a Teresa Guilherme, e na discussão do telejornal, o momento escolhido é o do desacordo, mas não outros momentos, os de triunfo, ou de uma informação mais responsável ou menos espectacular. Houve desses momentos na SIC.

A SIC pode vender sabonetes e o presidente? Claro que pode. Uma televisão com 50% de audiência pode vender tudo. A diferença está em que eu não acredito que eles me vão vender, ou tentar vender, o Presidente. Faço confiança. Um «staff» eleitoral diz com as mesmas palavras o que disse a SIC. Como «vender o produto» durante a «campanha». O que há de novo? A questão está em tentar perceber por que é o resto do país, o país «não SIC», não consegue contrariar esta força nem esta tendência. A questão está em saber se estamos a educar nas escolas e na universidades novas gerações com maior grau de exigência ou gerações iguais às que herdámos da ditadura, incultas, iletradas, semi-analfabetas. Em sabermos se queremos ser uma espécie de república das bananas governada pela SIC como o Brasil pela Globo ou um país europeu e com capacidade de escolha. O momento em que Emídio Rangel explica como bater o futebol na RTP indo buscar o público feminino com as telenovelas, devia ser escutado com atenção. A SIC entendeu, antes das revistas e dos jornais sérios, que a população portuguesa está cheia de mulheres que consomem televisão e sentimento e «fait-divers». E no dia em que educarmos as mulheres, a SIC será obrigada a mudar porque o país mudou. E trabalho para várias gerações. Até lá, não peçam à SIC, em exclusividade, que faça pedagogia. Qualquer televisão americana, daquelas que as elites gostam de ver e citar, qualquer NBC ou ABC ou CBS, se rege por princípios comerciais muito piores do que os da SIC. Basta ler o que se passa com os «media» na América para concluir que a SIC, ao deixar-se filmar de todos os ângulos, revelou uma candura que talvez não se repita. Quanto mais hostilizarmos a SIC — e quanta dessa hostilidade não é determinada pela mesquinhez? — mais feroz e corporativa ela se tornará, mais fechada à crítica externa. E aí começa o perigo. Lutar pela vida todos os dias pode transformar-nos em assassinos.

CANAL
DA CRÍTICA

Mário Castrim

Ai filhos, q

TAL E QUAL

Rangel
faz "strip-teas

"A crítica portuguesa conta para nada..." São palavras de Emídio Rangel no programa que Arte dedicou à SIC, o tável reportagem de M. Otero. Antes de mais, aconselho todos os repórteres portugueses a ver e aprender com aquilo. Não há uma pose, um mento, um "sobre isso ro dizer o seguinte". I montou a armadilha e caiu que nem um patir. Tudo se passa como se Otero não estivesse a verdade total para se mentar na estação. Ir para assistir a reunião to nível que parecer correr como se não e lá ninguém. Ou que ram assim por se sa estavam a ser vistos. galómanos gostam de parecer mais. Ninguém acredita, po plo, que Rangel acre quella história da crític mas das suas decisões ração de certas rubric: tomadas depois de le críticas. Desminta-me de. Se ele disse o que porque sabia que ia se A arte dos fracos cons em enfrentar a sua fi mas em escondê-la.

Visita guiad
ao intestino g

Aconteceu o insólito. to mal que os críticos SIC, nunca nenhum (vejam lá!) o disse tanto próprio Emídio Rangel. Ele mostrou, ou per mostrassem, como se as audiências, como pulam as crianças, cor ve de joelhos diante d cientes, como se ve pessoas à publicidade tudo se faz tendo em c a conquista dos telesp para estádios superior teligência e sensibili o aviltamento delas. suprema ironia! - com deza de uma estação da mais completa (hesi si de escrever abjeção a uma estação est

Chico: "Ano
meu burrice

Quanto ao mais, va ver. Uma estação p televisão é uma empr empresa há-de dar l projectos - são pal Rangel - têm de s mais dinheiro para representarem ma sa, não fazem sei mau, penso eu, divindade como são sirva para



A porta-voz do "movimento" Mulheres em Acção é jornalista. Dos quadros dos "Filhos da Nação"

didas, bem enquadradas. O sensacionalismo e as levianidades da SIC não as favorecem. A dificuldade maior está em conciliar o rigor dos jornalistas com as apetências do entretenimento. Uma boa tática consistiria em pôr aspas no "divertimento" e não no jornalismo. Os "Filhos da Nação" parece ter feito o contrário disso e lá se foram as boas intenções pelo ralo da pia. A reportagem da manifestação das lours foi a demonstração do que não pode (do que não deve) ser.

6 - As mulheres
accionadas

A manifestação partiu de uma iniciativa do movimento Mulheres em Acção. O que é isso? Ouçamos Rute Vale: "Perante a indiferença e a apatia da nossa sociedade civil, os "Filhos da Nação" resolveram criar um movimento mesmo à medida dos meios de comunicação: Mulheres em Acção". A responsável (ou o porta-voz) do "movimento" é a própria Rute. Que por acaso é jornalista. Dos quadros dos "Filhos da Nação". Quer dizer: tudo se passa como se um médico le-

gista assassinasse as pessoas para lhes fazer a autópsia. Os "Filhos da Nação" aparecem, pois, acusados de "criar factos". Ora acontece que a televisão, em geral, não faz outra coisa senão criar "factos", ao serviço do poder político e não só. A montagem da manifestação ludibriou até os meios de informação, como a montagem nos meios de informação da TV ludibriou os telespectadores...

Teríamos deste modo a denúncia dos processos da televisão... no interior da própria televisão. Só que o projecto não foi lucidamente montado e o que seria uma parábola surgiu como uma mentira. Que se voltou, claro, contra

o próprio programa. Um pequeno pormenor bastava, creio eu, para ajudar a "parábola": que os repórteres e jornalistas não fossem jornalistas nem repórteres. Que tudo fosse a fingir, para que tudo fosse a sério. Que nada fosse a sério, para tornar sério o fingimento.

7 - De facto, a voz
seria um "facto"?

Ninguém se espante que uma televisão invente um "facto" com um José Adelino, pois ela já inventou outros "factos" como Zita Seabra, Judas, Santana Lopes, Torres Couto, etc., etc. Só que José Adelino é uma pessoa e uma parábola usa símbolos, não abusa de pessoas. Inevitável o reflexo de rejeição que talvez o programa, à partida, não merecesse num tão estranhamente variado leque de espectadores. Aquele "talvez" introduz alguma expectativa. Se, se alguns processos puderem ainda ser reformulados. Mas atenção, o perigo ronda sempre quando as flores são colhidas por mãos insensíveis ou inábeis. O facto (mais grave se também isso for um "facto") da "voz" do presidente da Câmara de Vila Verde é um sério aviso...

1 - Rangel
quer correcção

Na reportagem sobre a SIC transmitida no canal francês Arte, Emídio Rangel reconhecia que se procurava, fora da estação, dar uma imagem negativa da sua maneira de ser. No essencial, não passaria de uma estação que só vivia para ganhar dinheiro, que vendera a alma ao diabo. "Esta ideia - acrescentava - precisa de alguma correcção..." Atenção: ele não diz que deve ser corrigida a maneira de ser da SIC. A ideia que as pessoas fazem dela é que deve ser corrigida...

2 - A Júlia
e a clientela

O projecto de Nuno Ramos de Almeida e Luís Rainha para os "Filhos da Nação" caía que nem sopa no mel. Óptimo, óptimo, um programa que levante problemas nacionais, que dê um abanão às pessoas. Punha-se a coisa lá para a meia-noite, onde não fizesse estragos na programação e salvava-se a honra do convento. Não se chamaria àquilo programa de informação para não espantar os pardais. Até se poderia embulhar em papel brilhante, como se fosse uma prenda de Natal. O nome de Júlia Pinheiro dava o toque de sensação para atrair clientela da SIC. Em frente, Filhos da Nação! Vamos lá tratar da saúde, para começar, a esse escalracho do racismo...

3 - José atirado
às feras

Toca de agarrar no José Adelino, que é cigano, e inventar-lhe a candidatura à Câmara de Vila Verde. Ainda fresca na memória a brutalidade ali praticada contra os ciganos legalmente estabelecidos na região. E lá altram com o José Adelino às feras. A ideia assenta na força da provocação, do enfrentamento, do tratamento de choque. A

História, mesmo a mais recente, prova que a terapia não resolve, antes pode provocar efeitos perversos de rejeição. Não basta que os fins sejam nobres, é também indispensável que os meios sejam limpos.

4 - Uns ciganos
chamados Mozart
e Chopin

Há quem exija lugares selectos para temas respeitáveis. Ora fechar esses temas em guetos é a melhor forma de os matar. Matam Mozart, Chopin, Verdi quando os fecham na Antena 2. Eles, e outros, são os ciganos da cultura. Fale-se, pois, de coisas sérias em mangas de camisa. Levar às maiores audiências uma questão como o racismo é uma atitude louvável e, por aí, há que dizer que os "Filhos da Nação" estaria no bom caminho, particularmente num tempo em que o racismo ameaça institucionalizar-se. Quem tiver dúvidas, leia o "Tal & Qual" da semana passada.

5 - Ter ou não
ter (aspas)
eis a questão

Só que as boas intenções precisam de ser bem defen-



Por muito mal que os críticos digam da SIC, nunca nenhum (nem eu, vejam lá!) o disse tanto como o próprio Emídio Rangel

e nação!

"Gil Eanes": o cabo dos trabalhos

"O Gil Eanes, pelos vistos, também tem uma face negra..."

Tal foi o comentário de Rodrigo Guedes de Carvalho (o pivô em melhor forma da televisão portuguesa) logo a seguir à entrevista do comandante Mário Teles no "Primeiro Jornal" da SIC.

Como devem estar bem lembrados, José Hermano Saraiva, com intervenção do programa "Horizontes da Memória", participou no plano para salvar da sucata o navio "Gil Eanes". Com a paixão que sempre põe nas suas palavras (e que está na base da sua telegenia) o historiador traçou a biografia do navio com uma tinta que o comandante Mário Teles considera demasiado cor-de-rosa, e com algumas inexactidões. Por exem-

plo: a equipa de cirurgiões, de que fala José Hermano, não passa de miragem, pois cirurgião (nem um, para amostra) foi coisa que no "Gil Eanes" nunca se viu. Por outro lado, a assistência médica a frotas estrangeiras, não passou da meia dúzia por cada safra. Comandante do "Gil Eanes" durante cinco anos, Mário Teles sabe do que fala melhor que ninguém. Pela entrevista ficámos igualmente a perceber como tudo funcionava no tem-

po do Estado Novo. Mário Teles recorda que, nessa altura, a pesca à linha do bacalhau fora abolida noutros países, pois os pescadores corriam perigo de vida sempre que saíam nos seus doris. O "Gil Eanes" foi uma forma de dar oxigénio aos empresários retrógrados. Aliás, recorde-se, eram bem conhecidas as relações de Henrique Tenreiro com os armadores. Enquanto os outros países já utilizavam os arrastões, os pescadores portugueses lá continuavam, heróis à força, a arriscar a vida apanhando os bacalhaus um a um. Com o "Gil Eanes" mais ou menos por perto...

Quem, como eu, se orgulha, já depois do 25 de Abril, de ter apertado a mão ao comandante Mário Teles

(um nobre carácter, uma coluna vertebral sempre direita!) espanta-se de como é possível um homem com tão grande estatura ter sido ignorado pela televisão estes anos todos!

A SIC deu o primeiro passo para o "trazer de volta". Um pequeno passo ao qual seguramente outros se seguirão. Este homem, sábio e insubmisso, é uma verdadeira Nau Catrineta. O mar pode não caber numa cova de areia, mas pode caber nas veias de um homem.



nheiro. Certas rubricas têm rosto de simonia. Francisco Balsemão (já repararam como Emídio Rangel faz cair em si, e só em si, todo o odioso?) lembra aqueles padres simoníacos de Camilo Castelo Branco "que engordam capões e peruas para a festa do Natal".



Francisco Balsemão lembra aqueles padres simoníacos de Camilo Castelo Branco "que engordam capões e peruas para a festa do Natal".

Que todos (se) possam ver

A SIC explora o seu comércio com total liberdade. Como se o poder que se escreve com versal fosse o poder dela! Temos aqui uma empresa que não responde pelos seus aditivos, pelas suas salmonelas, pelos seus resíduos tóxicos. As empresas sob a alçada da fiscalização não protestam contra as limitações à "liberdade do

comércio", mas a SIC esgrime contra o perigo da "liberdade de expressão". Esta é a realidade que, por diversas vias, nos chega através da reportagem de Mariana Otero. Tomar conhecimento dela é ficar mais culto. Pelo que me atrevo a sugerir (dado o ainda relativamente fraco alcance da TV Cabo) a sua transmissão em qualquer uma estação portuguesa. Por que não na SIC? Grande golpe, ó Rangel. Avança, pá. Não é por isso que o teu público feminino vai deixar de ver a telenovela.

Rangel marca pontos

Sugiro mais: que a RTP franqueie as suas portas a qualquer mariana otero ou à propriamente dita, em pessoa. Mariana, tu quisesse ver como funciona uma estação privada. Olha lá, não gostarias de saber como funciona uma estação de serviço público, ou "serviço público"? Subliminarmente, é esse o desafio que Emídio Rangel atira para a mesa. Duvido que o aceitem. Porque Rangel ao menos não tem nada para esconder. E marca pontos.

Uma questão de carteira

Estou mesmo a ver que os jornalistas da SIC não vão gostar de os "Filhos da Na-

ção". Não faltará quem ache que a imagem da Informação pode sair dali altamente enfarruscada e prejudicada.

Já vimos que pode. Já vimos que na SIC há quem se preocupe com a qualidade do produto. Aliás, um dos momentos mais valiosos da reportagem foi aquele em que vimos José Alberto Carvalho protestar contra a utilização abusiva do "Jornal". Embora este seja o mesmo (será) que assistia impávido e sereno ao escândalo daquele debate entre Valentim Loureiro e Pedro Baptista...

O perigo que mais de perto ronda a credibilidade da SIC-Informação não está fora, mas dentro dela, da filosofia a que pretendem acorretá-la e claramente se expressa na opinião de Alcides Vieira: "O Jornal faz parte da estratégia da SIC"...

Aliás, o pecado original vem do facto de o director de informação estar envolvido na gestão dos interesses da empresa.

É preciso clarificar. Separar as águas. Rangel tem de escolher a carteira à qual deve obedecer: se à de jornalista, se à outra. Para bem da credibilidade da informação na SIC, espectacular como o deste *strip-tease* não devem repetir-se.

TV FIM DE SEMANA

SEXTA, 31

RTP 1	SIC	TVI	RTP 2
08.00 Um, Do, Li, Ta 09.00 Notícias 09.10 Um, Do, Li, Ta 09.10 Uma Estranha Dama 11.00 Praça da Alegria 13.00 Jornal da Tarde 13.45 Consultório 14.30 Retomado e Mal Pago 15.05 Força de Mulher 16.00 Na Paz dos Anjos 17.30 Riso, Mentiras e Vídeos 19.00 País Pais 19.40 Pais Regiões 20.00 Telejornal 20.45 Contra-Informação 20.55 Futebol de Primeira Rio Ave-Porto 23.00 A Grande Aposta 00.00 24 Horas 00.35 RTP/Financial Times 00.45 O Tempo 00.50 Pancada da Meia-Noite "Polícia Demolidor" Filme de acção de Aaron Norris (1993), com Chuck Norris, Sherie J. Wilson e Calvin Levels (91 minutos, cor) 02.45 A Toca de Robin 03.35 O Tempo 03.40 Televisões	08.00 Televisões 09.00 Portugal Radical 09.10 Buérré 10.30 Receitas do Dia 11.00 Tocaia Grande 12.00 Imagens Reais 13.00 Primeiro Jornal 14.00 O Juiz Decide 14.40 O Cliente 15.45 Buérré 18.00 Mulheres de Areia 19.00 O Amor Está no Ar 20.00 Jornal da Noite 20.50 Senhores Doutores 21.20 A Indomada 22.20 All You Need Is Love 23.30 Os Donos da Bola David Borges conduz uma emissão dedicada às eleições do Benfica, hoje realizadas. Luis Tadeu, Válie e Azevedo ou Abílio Rodrigues: um destes senhores é a partir da hoje o novo presidente dos "encarnados". 02.30 Último Jornal 02.50 Meteorologia 02.55 Os Astronautas 03.55 Portugal Radical 04.20 Vibrações	10.00 Encontro 10.10 Bloco de Animação 11.40 Vamos ao Circo 12.45 Cassandra 13.30 TVI Jornal 14.20 Mulher Pengosa 14.50 Caprichos 15.45 O Jogo da Vida 16.35 O Barco do Amor 17.30 O Xente do Espaço 18.25 Em Nome da Justiça 19.15 Primeira Mão 20.00 Xica da Silva 21.00 Directo XXI 22.00 Pretender 23.00 Filme "Alguém por quem Morrer" 00.55 Doido por Ti 01.20 Lanterna Mágica Destaque para o filme com George Clooney e Nicole Kidman, "O Pacífico". Teresa Fernandes apresenta-nos ainda imagens de "Zona Exclusiva", com Sylvester Stallone e Robert de Niro, e "O Dia dos Pais" que tem Robin Williams e Billy Crystal nos principais papéis. 02.05 Fora de Jogo 02.20 A Balada de Hill Street	15.00 Informação Gestual 15.50 Falatório 16.50 Divulgação 17.00 TV Nostalgia - Inclui o 1º episódio de "A Família Bel-lamy". 17.50 O Tempo 18.00 A Fé dos Homens 18.30 Euronews 18.55 Caderno Diário 19.10 Um, Do, Li, Tá 20.40 Remate 20.50 O Tempo 20.55 Boletim Agrário 21.00 Acontece 21.20 RTP/Financial Times 21.30 Guerras no Jornal 22.00 Jornal 2 22.30 Cinco Noites, Cinco Filmes "Loucas Aventuras de Amor e Sexo" Comédia de Dino Risi (1982), com Laura Antonelli e Gloria Guida (101 minutos, cor) 00.15 Falatório 01.10 Estranhas Circunstâncias 02.00 Música Maestro "Música do Século XX", 1º programa. 02.55 O Tempo

SÁBADO, 1

RTP 1	SIC	TVI	RTP 2
08.00 Sempre a Abnir 12.20 Isto... Só Vídeo! 13.00 Jornal da Tarde 13.35 O Tempo 13.40 Top + 15.00 3 000 Segundos 16.00 Antenas no Ar 18.20 Jet 7 18.55 Há Horas Felizes 20.00 Telejornal 20.45 Riscos 21.25 Futebol de Primeira Desportivo de Chaves-Benfica. 23.30 A História de Nikita 00.30 24 Horas 01.10 Sessão Dupla I "O Refúgio de Helena" Comédia de Michael Keusch (1990), com Felicity Waterman e Pat Morita (93 minutos, cor) 03.05 Sessão Dupla II "Os Sinos do Inferno" Filme de terror de Claudio Guerni (1973), com Renaud Verley e Viveca Lindfors (101 minutos, cor) 05.10 O Tempo 05.15 Televisões	08.00 Buérré 11.55 O Nosso Mundo 13.00 Primeiro Jornal 13.40 Dragon Ball Z 14.40 A Sentinela 15.40 Marshall 16.40 Sessão Aventura "O Momento da Verdade III" Filme de aventuras de John G. Avildsen (1983), com Ralph Macchio e Pat Morita (106 minutos, cor) 16.40 Aventuras Selvagens 19.30 SOS SIC Júlia Pinheiro estreia-se hoje à frente de um programa que visa solucionar problemas da cidadania comum. 20.00 Jornal da Noite 20.45 Mundo VIP 21.15 Salsa e Merengue 22.20 Big Show SIC 01.30 Último Jornal 01.50 Meteorologia 01.55 Os Dias do Cinema "Seis Graus de Separação" Drama de Fred Schepisi (1993), com Stockard Channing e Will Smith (108 minutos, cor) 03.45 Portugal Radical	10.00 Bloco de Animação 11.00 Missa Transmissão directa da igreja de Penacova. 12.30 Bailey 13.00 Os Calorões 13.30 Contra-Alague 15.20 Uma Família as Direitas 15.55 Competente e Descarada 16.45 Sedução e Loucura 18.30 FOX: Eletos Mortais 19.30 Futebol Transmissão de mais um jogo a contar para a Liga Espanhola. 21.25 Directo XXI 22.20 Edição Especial 23.30 Picket Fences 00.20 Acção Total "Livre para Lutar" Um treinador de boxe incita a alistar o seu jovem pupilo do mundo sujo dos "corretores" de boxe, mas esta tarefa não se vai mostrar nada fácil. Filme de acção de Ivan Dixon (1993), com James Earl Jones e Courtney B. Vance (87 minutos, cor) 02.15 Encontro	10.00 Missa de Todos os Santos Em directo de Blaton, na Bélgica. 11.00 Maravilhas do Mundo Moderno 13.00 Ellen 13.25 Dinheiro Vivo 14.00 Parlamento 15.00 Basquetebol Física de Torres Vedras-Ginásio Figueirense. 17.00 Futebol 18.00 Kick 18.30 Musical "Kelly Family Live at Loreley". 19.30 2001 20.00 Onda Curta "Surfaveia" 21.00 Semana ao Sábado 22.00 O Lugar da História 23.00 O Filme da Minha Vida "Gertrudes" Drama de Carl Dreyer (1964), com Nina Pina e Ebbe Rode (111 minutos, cor) 01.10 Sinais do Tempo 02.05 O Gato do Sexo Série documental. 19º programa. 02.35 O Tempo

DOMINGO, 2

RTP 1	SIC	TVI	RTP 2
08.00 Sempre a Abnir 10.15 Raviatura 10.45 O Jogo do Alfabeto Concurso, 1º programa. Duas equipas de crianças entre os 10 e os 15 anos, apoiadas por figuras públicas, tentam sair vencedoras de um jogo de palavras. 11.15 Grande Animação 11.45 Último Nível 12.20 Super Bebés 13.00 Jornal da Tarde 13.40 Made in Portugal 15.00 Kung Fu 15.55 Amores e Rebeldia 17.00 Sessão da Tarde "As Aventuras de Rocketeer" Filme de aventuras de Joe Johnston (1991), com Bill Campbell e Timothy Dalton (104 minutos, cor) 18.55 Casa Cheia 19.35 Contra-Informação 20.00 Telejornal 20.35 Riscos 21.10 Reis do Estúdio 22.35 Domingo Desportivo 00.20 24 Horas 01.05 Polícias em Acção 02.05 O Tempo	08.00 Super Buérré 11.55 BBC Vida Selvagem 13.00 Primeiro Jornal 13.40 Dragon Ball Z 14.40 Hércules 16.00 Os Mortais 17.00 Chado Terrasse "Festa por Encomenda" Comédia de Richard Benjamin (1983), com Whoopi Goldberg, Ted Danson e Will Smith (90 minutos). 19.00 Aventuras Selvagens 20.00 Jornal da Noite 20.45 Chuva de Estrelas Bárbara Guimarães apresenta a primeira meia-final deste concurso. Seis concorrentes vão ser avaliados pelo júri. 21.45 Salsa e Merengue 22.45 Maiores de 17 "Brigada Assassina" Thriller de Andrew Davis (1988), com Gene Hackman, Joanna Cassidy e Tommy Lee Jones (104 minutos, cor) 01.00 Último Jornal 01.25 João Soares 02.25 Portugal Radical	10.00 Conde Pátula 10.30 Novos Ventos 11.00 Angelus 11.10 Missa Dominical 12.30 8º Dia 13.00 Portugal Português 14.40 Odisseia de Cousteau 15.35 Adultos à Força 16.30 Feed Back 17.30 Filme "Crónica de uma Campanha Falhada" Numa cidade do Sul dos Estados Unidos, um grupo de homens é levado para a guerra sem qualquer experiência militar. Filme de guerra de Peter H. Hunt (1982), com Joseph Adams, Gary Myleer e Harry Crosby (83 minutos, cor) 19.10 Desafios 19.30 Futebol Prevista transmissão de um jogo a contar para o Campeonato Italiano. 21.25 Directo XXI 22.20 Pontos nos 1's 23.15 Futebol Jogo a contar para o Campeonato Italiano. 01.00 Encontro	09.00 Caminhos 09.30 Novos Horizontes 10.00 70x7 10.30 Eucristia Dominical 11.20 De Órfãos nos Astros 12.30 Jornal Jovem 13.00 Sem Limites 13.30 Jornal d'África 14.00 Futebol Inglês 14.30 Automobilismo Rali Maslars Paris-Moscou. 15.00 Andebol Portugal-Roménia. 16.30 Atletismo Maratona de Nova Iorque. 18.00 Divulgação 18.05 Cinema Português "O Fim do Mundo" Drama de João Mário Gordo (1993). 19.30 Bom Bordo 20.00 Artes e Letras "Jorge de Sena: Uma Fiel Dedicção à Honra de Estar Vivo". 21.00 Ela Voltou 22.00 Horizontes da Memória 22.30 Antes de Palco Teatro: "O Lobo" 23.30 Vidas do Século 00.30 O Tempo

A demagogia e a hipocrisia

Miguel Sousa Tavares

Pum: os regionalistas levaram um tiro no coração. Pum; calou-se o Carreira Bom. Aqui lhe explico porque é que são dois inestimáveis benefícios.

1. Finalmente, nesta incansável polémica sobre a regionalização, está-se a chegar a factos, a números, a coisas concretas, em lugar das tiradas demagógico-populistas, com que os regionalistas enchem a boca e entusiasma os crentes desprevenidos.

Há, pelo menos, vinte argumentos contra a regionalização, mas um há que é decisivo: a regionalização não vai diminuir as desigualdades regionais nem aumentar a solidariedade do Estado Central, mas pelo contrário, vai dinamitar o princípio da solidariedade do Estado (submetendo-o ao leilão das negociações políticas com os barões regionais, como agora se viu com a Madeira e os Açores) e vai, consequentemente, contribuir para agravar as desigualdades entre o litoral e o interior, entre as regiões ricas e as pobres. E por uma simples razão: porque um Estado unitário pode e deve distribuir solidariamente os recursos da nação; um Estado dividido não pode e, politicamente, não deve.

Esta é a minha crença de há muito e que agora encontra amplamente confirmada e documentada no estudo decisivo assinado por Rui Neto Pereira, no "Diário Económico" de segunda-feira passada.

Repito: não se trata já de argumentos, são factos, dados, números — essa coisa chata que, de uma penada, pode deitar por terra os mais inflamados discursos. Qualquer português que esteja interessado em saber o que lhe prepara o pessoal partidário local com essa ameaça da regionalização, pode agora consultar este estudo e ficará elucidado. O principal argumento dos regionalistas fica desfeito em frangalhos e nada mais resta do que a verdade oculta das coisas: a regionalização só será solidária na distribuição de cargos públicos, de empregos políticos, de burocracia, de desperdício de recursos financeiros e de capacidade de chantagem política sobre o Estado Central, forçando o poder do momento a trocar votos por impostos.

Se não leu, eu resumo o principal: Lisboa sustenta o país, pagando mais do dobro de IRS "per capita" do que Douro e Minho; o Algarve é sustentado pelo país, recebendo mais "per capita" do que qualquer outra região; a seguir ao Algarve, a "esquecida" Trás-os-Montes e a "esquecida" Beira Interior são as duas regiões com maior saldo positivo de transferências do Estado Central, por habitante; apesar do CCB, da Expo, da Ponte Vasco da Gama, etc., Lis-

boa é apenas a quarta região do país, entre as oito e "ex aequo" com o Alentejo, no recebimento de receitas e investimentos do Estado Central, por habitante. Contas feitas, das oito futuras regiões administrativas em que o PS e o PCP querem dividir o país, quatro são contribuintes líquidos (pagam mais, "per capita", do que recebem) e quatro são beneficiárias, isto é, assistidas pelo Estado Central. Das quatro regiões que são contribuintes líquidas, Lisboa contribui com 450 por cento a mais que a segunda região mais contributiva: Douro e Minho. E facto que o Porto se pode queixar de receber menos investimentos do Estado do que Lisboa recebe cerca de metade das verbas do PIDDAC, situação repetida no Orçamento de 98. Mas, apurado o saldo entre as receitas e despesas, sai largamente a ganhar em relação à capital. Entre o que paga de impostos e o que recebe do Estado, cada habitante do Norte Atlântico fica a perder 39 contos todos os anos; os de Lisboa ficam a perder 176 contos... Aliás, o Norte Atlântico, pátria dos regionalistas e sede do mundo empresarial, deve ao país uma explicação para o facto de pagar menos IRC por habitante do que o Alentejo — onde não há indústria — e de os seus habitantes pagarem quase tanto de IRS como os alentejanos — os pobres entre os pobres. Eis com se destroem mitos.

Curiosamente, é a região que sustenta o país com os seus impostos — Lisboa — que mais se revela avessa à regionalização. Se tivessem juízo, os regionalistas meditariam no assunto a sério, à luz do interesse nacional e não à luz dos interesses regionais dos desempregados dos partidos. O que os números mostram é que a solidariedade e a redistribuição de recursos, pode não ser perfeita, mas existe — neste Estado unitário, que conhecemos. Porém, pela lógica política de um país regionalizado, cada um vai passar a tratar de si o melhor que puder. E só por estupidez é que alguém pode imaginar que a futura Região Lisboa, despidida do "privilegio" do "centralismo" de que "beneficiou" até aqui, vai continuar a sustentar a escandalosa irresponsabilidade financeira do dr. Jardim, os hoteleiros do Algarve ou as empresas falidas do Norte, com salários em atraso e Ferraris dos patrões à porta. Meus amigos, não duvidem: vem aí uma guerra civil financeira que ninguém sabe como terminará. Por ironia do destino, o "partido da guerra" é encabeçado pelos que mais têm a perder com ela: o Norte, o Algarve e a Madeira. Isto promete...

2. O tão esperado documentário do canal A.R.T.E. sobre a SIC foi gulosamente resumido pela nossa imprensa escrita a frase de Emídio Rangel de que uma televisão com 50 por cento de "share" de audiência até pode "vender um sabonete ou o Presidente da República". À conta desta simples frase escreveram-se editoriais e indignados artigos de opinião e extraíram-se conclusões abusivas e lições de ética tipo-Photomaton. Sucede que a frase de Emídio Rangel foi retirada do contexto — como qualquer jornalista sério e medianamente competente tinha obrigação de perceber, se, de facto, viu a reportagem. O que Rangel disse é que uma estação com 50 por cento de "share" não se pode limitar a receitas de publicidade, tem também de as obter do "marketing". E, no "marketing", poderia vender qualquer produto a ela associado, utilizando então uma figura de estilo corrente: "nem que seja um sabonete ou o Presidente da República".

Curiosamente, em toda a reportagem francesa sobre a SIC, só duas pessoas, entre todas as que falam abertamente, dizem coisas graves: um responsável da área comercial que explica aos seus colaboradores que a lei da publicidade pode ser eventualmente contornada com batota, e um responsável do telejornal que explica à redacção que o telejornal não tem que ter uma política editorial própria, tem apenas que ter a política que interessa à estação, em termos de audiência.

Estas são as afirmações graves, mas sobre elas não se ocupou a nossa imprensa. Porquê? Por duas razões: porque quase todos fazem mais ou menos o mesmo e porque "de minor non curat praetor". Ou seja, dois semidesconhecidos não são alvos mediáticos com peso suficiente para lhes sustentar a tese, feita de antemão, de que todos os males de que padece a imprensa portuguesa residem unicamente na SIC.

Do mesmo modo, anda para aí toda a classe solidária com o "jornalista" João Carreira Bom, "suspenso" do "Expresso", por se ter atrevido a escrever uma crónica contra a SIC, onde era visado o comum patrão, dr. Pinto Balsemão. Por todos, Fernando Rosas resumiu a coisa lapidamente: se um jornalista já não pode criticar o patrão, está ameaçada a liberdade de expressão.

E estaria, de facto, não se desse o caso de haver dois detalhes que têm "escapado" à classe e que o director do "Expresso", em lugar de clarificar, antes confundiu. A saber: primeiro, o artigo não atacava o patrão do "Expresso", ofendia uma pessoa, concretamente, e o que um jornal não deve tolerar é a injúria pessoal, seja contra o patrão ou contra o estafeta. Em segundo lugar, o "jornalista" João Carreira Bom, não é jornalista nenhum, é sim proprietário e profissional de uma empresa de comunicação e imagem que, entre outras coisas, se dedica à promoção da imagem de empresas ou de políticos, como o dr. João Soares. Ora, o que o "Expresso" e a classe deveriam explicar é como é que alguém que desenvolve uma actividade declarada incompatível com o jornalismo pelo respectivo Código Deontológico, pode assinar colunas de opinião política num jornal e participar em debates sobre informação, promovidos pelo Sindicato dos Jornalistas e lado a lado com o presidente do respectivo Conselho Deontológico.

A classe está solidária com o "jornalista" Carreira Bom? Pois eu não estou e tenho muito orgulho nisso. Aliás, e como leitor do "Expresso", sempre achei que ele não sabia pensar nem escrever. Porque não juntá-lo ao Letria, no "Diário de Notícias", engrosando a secção dos colonistas/conselheiros de imagem e alternando com o Provedor dos Leitores e o presidente do Conselho Deontológico? ■



PLANOSUBJECTIVO

As imagens deles

Miguel Gomes

1 — "Cette Télévision Est la Vôtre" — uma reportagem televisiva de origem belga sobre a portuguesíssima SIC, realizada pela francesa Mariana Otero e exibida no canal Arte no passado dia 21 — terá como indiscutível mérito a reposição de uma higiénica distância entre as imagens transmitidas pela SIC (que, juntas, formam uma imagem pública do canal de televisão) e o telespectador. Ao "slogan" promocional que a SIC adoptou — "A vossa televisão" —, arrepiante de totalitarismo e imposição, a reportagem de Otero opõe um mecanismo de resistência que recorre ao distanciamento analítico; procedendo a exposição do sistema (logístico, epistemológico, funcional) que preside à produção e difusão dessas imagens ou, ainda, roubando-as ao seu contexto específico — o fluxo corrente de programação —, redimensionam-se e dão-se a ver de novo, com invulgar clareza.

O que está em causa, afinal, é a nossa própria familiaridade com estas imagens. Será entre o sorriso irónico e o embaraço pessoal que o telespectador procederá ao reconhecimento do terreno: uma idosa a materializar-se para a pornografia sentimental de "Ponto de Encontro"; a estupidificação teleguiada que desce a pique — seguindo uma tabuleta onde se lê "Portugal" — no genérico de "Os Trapalhões"; Ana Malhoa agitada para esconder o vazio e mostrar a cuequinha, em "Bueré"; a récita telenovelsca numa cena de "Explode Coração"; o "fait-divers" empolado e com ilustração ao nível num "Jornal da Noite"; enfim, o logotipo da SIC a encerrar, triunfante, o triste curso.

Fora do seu suporte, como peixes fora de água, as imagens da "nossa" televisão expõem-se, obrigando-nos a renunciar a uma confortável indiferença — impossível consentir que tomem como "nossas" as imagens "deles" — mesmo, e especialmente, quando dizem, condescendentes, que as fazem para — e por — nós.

2 — Por erro estratégico (ou magnânime desinteresse?) os responsáveis da SIC que deram carta branca às câmaras intrusas não julgaram possível que a televisão pudesse pensar a televisão. O que acontece é que as imagens dos programas serviram para ilustrar — sem grande esforço mas com toda a ironia — a violência do sistema televisivo (e ideológico) por detrás delas. Ignorada lição de cinema (instituída desde as experiências de montagem levadas a cargo por Kulechov na Escola Soviética dos anos 20): ninguém é detentor do significado último de uma imagem. Esta, inserida num novo fluxo, adquire necessariamente um sentido outro.



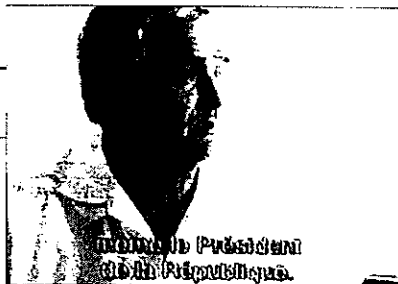
Mas o mais surpreendente no documento não é o que o programa faz às imagens deles. É como eles se dão a ver nas imagens do programa — ou, dito de outro modo, as imagens que parecem ter de si próprios e que deixam despreocupadamente transparecer. Ao longo dos 60 minutos que ficaram das 50 horas de filmagens, o "staff" da SIC dá-se a ver à câmara sem autocensura aparente e

com incontinente orgulho. Dos técnicos do departamento comercial ao trio de responsáveis máximos pela programação do canal (Emídio Rangel, Manuel S. Fonseca e Helena Forjaz) todos permanecem indiferentes ao potencial poder revelador das câmaras de reportagem. Como explicar que, perante elas, os "criativos" se permitam discutir estratégias ilícitas de publicidade? Que se diga à redacção que qualquer peça jornalística, por pior que seja, serve para esticar um jornal e rivalizar directamente com o Telejornal da RTP? Que Rangel recorra a terminologia bélica para se referir aos efeitos dos programas nos telespectadores — "Uma hora de telenovela (...) É mortal!"? Que se anuncie uma decisão estratégica de concorrência como um imperativo da audiência — "O público pediu, a SIC cedeu..."? Que se diga sem preconceitos que a crítica portuguesa não interessa para nada? Que se revele a falta de escrúpulos na ancoragem mensal a uma causa nobre (mês cancro, mês cegos, mês sida, mês crianças: as propostas de Rangel)? Que se diga que a SIC tudo pode, inclusivamente vender um Presidente da República?

Provavelmente pela mesma razão que faz com que o espectador de "Cette Télévision Est la Vôtre" não entenda o problema do trio de responsáveis pela programação quando referem, cabisbaixos, a situação "dramática" originada pelo facto de não disporem de uma nova telenovela para "queimar" a concorrência na televisão estatal. O que aqui se materializa é um fosso entre realidade — enfiados na sala marcial de Rangel, o "staff" da SIC demonstra que perdeu todo o contacto com o exterior. Acossados por um dramatismo só para eles perceptível, ignoram que o que é dramático está nesta "décalage" entre os seus registos e a impassividade de uma câmara que, como nós, é alheia à sua lógica. Resultados práticos de uma entropia tecnocrata de ressonância shakespearianas. Há algo de "Macbeth" neste trono onde se virtualiza uma relação com o mundo: a tragédia de quem controla 52 por cento de "share" mas não está imune ao (contra-) poder delas.

Resta esclarecer que nada disto tem a ver com a fáustica "venda de alma a diabo", mais uma imagem da SIC que Emídio Rangel tenta esconjurar. Cor "Cette Télévision Est la Vôtre" ficará claro que não existem almas na televisão. Só imagens. Que manipulam, são manipuladas, mostram e escondem compram-se e vendem-se. É tudo.

VISÃO 30 out 1997



EMÍDIO RANGEL
Do drama da falta de
novela ao presidente
em leasing

TELEVISÃO

Imagens reais

OÃO GOVERN

É difícil escolher um só sentimento dominante depois de ver o documentário de Maria-a Otero, exibido há pouco mais de uma semana no Canal Arte da TV Cabo, e em que a SIC desempenha o papel principal. Perante este programa de alto nível (concepção, montagem, até ausência de juízos de valor, substituídos por testemunhos dos agentes), tanto se pode seguir a via da gargalhada como a do repúdio. A primeira perante o caso do patrocínio de *Os Trabalhadores*, quando se refere a «venda» do espaço um «salsicheiro», que já estará «sentado em casa» à espera da transmissão. Consideração pelo cliente, sem dúvida. O segundo, quando um brainstorming dos comerciais, se fala em «orçar a barra», com ideias «na margem da lei», aliente-se também o desespero geral («é dramático», diz-se e repete-se à saciedade) perante o «esgotar» de uma telenovela da Globo. Depois de muitos telefonemas para o Brasil, transmite-se uma novela do fim-de-semana para os

dias úteis. Mas anuncia-se que foi «o público que pediu» e que a SIC «só acedeu». Pois... Estica-se o *Jornal da Noite* até ser preciso – «mesmo com perda de qualidade», admite um dos homens da informação – para manter a marcação à RTP. O que recorda uma entrevista de Emídio Rangel ao *Expresso*, em que se referiam os «critérios exclusivamente jornalísticos e profissionais» aplicados na estação. Outra vez pois... Depois, Rangel quer «aliviar» a imagem mercenária da SIC. Sem problema: em dois tempos, inventa campanhas de solidariedade com os cegos, com os cancerosos, com os doentes com sida, com o que for preciso... Afinal, o que custa isso a uma televisão com 50% de share «que pode vender tudo, até um Presidente da República»? No fim de contas, julgo que a sensação que fica é mesmo a de tristeza. Até por se revelar o método «científico» de Rangel para contraprogramar, de *TV Guia* em punho, arrumando peças com a obsessão de não perder um minuto na guerra à RTP. Ao menos, uma coisinha mais elaborada... A desilusão é extensiva ao dis-

curso *a posteriori* de Francisco Pinto Balsemão que, no rescaldo, veio falar de «cabala» e «abuso da boa-fé» por parte dos autores do documentário. Francamente, Octávio Machado já nos chega um... Fico à espera da «data oportuna» para que a própria SIC (ver *Media*, na página seguinte), previdente compradora, exhiba este documentário exemplar – afinal, não é todos os dias que se expiam os pecados, em público e em casa própria.

P.S. – Quanto a *Os Filhos da Nação*, nem vale a pena perder tempo: seguindo a lógica das audiências, a SIC considerá-lo-á, pela razão errada e com inteira justiça, o nado-morto que realmente é. Rangel terá ganho apenas em Júlia Pinheiro uma discipula dilecta na arrogância. E permito-me sugerir ao «outro» Nuno Ramos de Almeida, o jornalista responsável por uma belíssima reportagem sobre a ETA, que separe as águas com «este» Nuno Ramos de Almeida, autor de um programa dirigido apenas aos «enfeitados da razão».

EM FOCO

Media

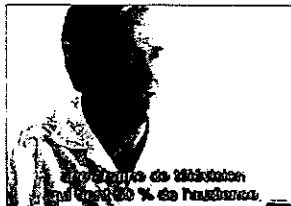


José Silva Pinto

SIC vai exibir filme de Mariana Otero

O documentário sobre a SIC que tanta tinta fez correr nos últimos dias vai ser exibido pela própria SIC, em data a fixar oportunamente. A informação foi confirmada à VISÃO por uma fonte da direcção de programas da estação de Camaxide, sublinhando que tal exibição tem como objectivo «mostrar o grau de desinformação que tem havido em torno do documen-

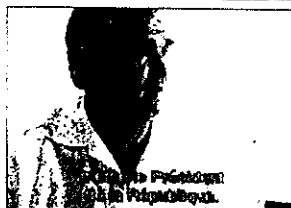
tário». O controverso filme, com a duração de 50 minutos, foi exibido a semana passada pelo canal franco-alemão ARTE, apresentando uma imagem extremamente viva e franca da vida interna da SIC. Nele se pode ver, designadamente, o director de Informação e de Programas, Emídio Rangel, dando instruções para fazer coincidir o espaço da telenovela da concorrente RTP com uma das telenovelas da Globo. Noutra afirmação,



António Costa, presidente da SIC, afirma que a estação tem 50 % de audiência.



António Costa, presidente da SIC, afirma que a estação tem 50 % de audiência.



António Costa, presidente da SIC, afirma que a estação tem 50 % de audiência.

também largamente glosada na imprensa, Rangel afirma que «uma estação que tem 50 % de share, vende tudo, até o Presidente da República».

Longa preparação

Realizado por Mariana Otero, 33 anos, o documentário sobre a SIC foi-lhe encomendado pelo ARTE, no âmbito de um projecto que previa igualmente um trabalho sobre a CNN, e os respectivos direitos de exibição em Portugal foram desde logo assegurados pela estação presidida por Pinto Balsemão. O filme é apenas a segunda de duas partes de 50 minutos cada. Por decisão dos responsáveis do canal ARTE, a primeira metade não passou da fase de «montagem de trabalho». Para realizar o seu documentário, a free lancer francesa teve inteira liberdade de movimentos no interior da estação. As filmagens duraram dois meses e meio, mas essa fase do trabalho foi precedida de uma exaustiva preparação ao longo de quatro meses, durante os quais Otero teve como conselheiros, designadamente, a jornalista Isabel Silva Costa, da RTP2, e o cineasta Jorge Silva Melo.

Na cauda da Europa

Há muita gente que, ao passar por um quiosque de jornais, se sente tentada a pensar que, em Portugal, «há jornais a mais.» Puro engano: o que há é leitores a menos. O gráfico junto é elucido: nesse domínio, os portugueses bem poderiam corar de vergonha. Pois não é que lemos dez vezes menos jornais do que os noruegueses ou os japoneses? Quanto aos nossos vizinhos espanhóis, estamos quase pela metade. Relativamente a turcos e alemães a



'Le Monde', Fénix de papel

Depois de 20 anos em crise e de quase ter sido declarado morto, em 1985, o jornal *Le Monde* está a renascer das cinzas, qual Fénix de papel, voltando a ganhar leitores e anunciantes. A ressurreição começou em 1995, com a apresentação de um novo modelo de jornal, em que os «lençóis de prosa» até então característicos de *Le Monde* — um produto tão francês como as baguettes — deram lugar a artigos muito mais legíveis. Era o que os leitores queriam: desde então, a circulação aumentou 15%, e a publicidade cresceu igualmente, passando a representar 30% das receitas do jornal, em vez dos anteriores 22%. Resultado: se, em 1995, o jornal ainda perdeu 63 milhões de francos (1,9 milhões de contos), no ano seguinte conseguiu sair do «vermelho», tendo ganho 2,9 milhões de francos (87 mil contos).

Mais 60 jornalistas

Antes de 1995, o jornal tinha 60 jornalistas. Hoje tem 120.

COMENTÁRIO



O poder da televisão e os políticos

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

O documentário do canal ARTE sobre a SIC mereceu uma rara atenção, de tal modo que até *Le Monde* e o *Liberation* lhe dedicaram amplas matérias. Não propriamente lisonjeiras para aquela estação ou para o nosso país. Toda a gente sabe que um canal privado de televisão precisa de audiências para se auto-sustentar e para isso tem de fazer certas concessões ao vulgar e ao popular. No caso da SIC, campeã do share, com vários excelentes profissionais e alguns bons programas, sobretudo a horas impróprias, o espantoso e a extensão do fenómeno, espantoso e preocupante, por indício de uma situação do País, que só contribui para agravar e potenciar nos seus aspectos mais negativos. De facto, são recorrentes os programas não só de mau gosto e qualidade deplorável, como até violadores de princípios fundamentais e da dignidade das pessoas. Atingindo, por vezes, extremos difíceis de imaginar: já não se trata metaforicamente, de fazer as pessoas engolir sapos, mas a sério, de as fazer comer baratas vivas! O desrespeito pela dignidade das pessoas, sublinhe-se pode verificar-se com o seu acordo ou até a sua satisfação, explicável pelo estado de educação e desenvolvimento, pelas frustrações e aspirações decorrentes dos horizontes limitados.

A este respeito, aliás, o programa do ARTE, nem sequer é muito revelador. É-o sim em outros aspectos. Ver crítica de João Gó (pág. 23). A SIC, tem de se reconhecer e cada vez mais quase um caso-limite. Mas também na problemática e jornalismo virtual por outras paragens, embora em menor grau. Os media portugueses atravessam um momento de alguma confusão, inclusive de valores. Ficando-nos pelas televisões, não se podem esquecer as maiores responsabilidades do serviço público da RTP

que demasiadas vezes tem tentado concorrer com a SIC seguindo percursos paralelos ou convergentes, sem afirmar uma clara alternativa popular de qualidade, muito menos uma opção cultural não elitista, uma pedagogia democrática que divirta saudavelmente, que estimule o sentido crítico e não faça ao apelo a preguiça intelectual ou aos instintos primários.

Por outro lado, a verdade é que se vê pouca gente a assumir as suas responsabilidades e ter a coragem de se opor a tal situação. Os políticos em geral, muitos do PS (e do Governo) em particular, tem um verdadeiro pavor dos poderes facticos — Igreja, futebol, certas associações da classe, etc. Ora a SIC e hoje, talvez, o maior desses poderes. Vai daí faz o que bem lhe apetece e todos mais ou menos lhe vão comer a mão: haja o que houver, calam-se, conformam-se, são eles próprios a engir as audiências em critério absoluto. Afinal não é só no mundo do jet-set a portuguesa, de que é símbolo a Lili Canecão retratada nesta edição, que muitos agem de acordo com esta convicção íntima: «Apareço na televisão, logo existo».

À margem, dos assuntos muito diferentes. 1) As viagens de Estado do Presidente e do primeiro-ministro não são para realizar apenas aos países com os quais tudo corre bem e/ou quando tudo já está resolvido antes. Assim, bem fez António Guterres em ir a Angola numa situação difícil. Não se resolveu muito e não há certezas sobre o que se vai seguir — mas que certezas de qualquer género tem sido possível haver em relação a Angola? —, mas pelo menos abriu-se uma janela e melhoraram-se as perspectivas de entendimento. 2) Se se quiser encontrar um exemplo do que não deve ser uma campanha eleitoral para uma autarquia, aí está a de Gondomar! Quem tem força e coragem, dentro do PSD e do PS, de dizer basta?

Não é só no jet-set à portuguesa, também muitos políticos agem de acordo com esta convicção íntima: «Apareço na televisão, logo existo»

OLHO VIVO

O DOCUMENTÁRIO
SOBRE A SIC

O DOCUMENTÁRIO "Cette Télévision est la Vôt're", de Mariana Otero, transmitido pelo canal ARTE, em 21 de Outubro, não é uma obra-prima. É vulgar na realização e na montagem. A qualidade de captação de imagens assemelha-se à das reportagens e não dos documentários. Mas tem uma característica invulgar: a ideia original.

Otero convenceu os responsáveis e colaboradores da SIC a deixarem-se filmar no quotidiano da estação e estes colaboraram com evidente boa vontade: há aqui mérito de ambas as partes. Otero tem também o mérito de não ter utilizado as imagens de quem abertamente colaborou consigo para produzir um documentário "contra" a SIC, embora seja patente que se pretende que os "personagens" falem por si na demonstração de que uma TV comercial tem, não uma, mas duas espadas de Dâmocles sobre si: as audiências e, por arastamento, a publicidade captável.

"Cette Télévision est la Vôt're" tem sido observado na imprensa com aquele habitual "Ah! Ah! Eu sempre disse que 'eles' só pensavam no dinheiro!" Falta dizer o resto.

O documentário revela as razões do sucesso da SIC: o profissionalismo de toda a equipa, desde os jornalistas aos comerciais; a extrema atenção ao produto que sai em antena; o entrosamento entre os diversos sectores da casa; a atenção ao sucesso popular (as audiências), que é tanto um crime como procurar processos legítimos de aumentar as tiragens de uma publicação periódica.

O programa revelou também — e aos profissionais dos outros canais — o que significa estar em cima do acontecimento: alterar a programação no momento para ganhar a batalha das audiências, dar atenção a grupos específicos (as sempre presentes donas-de-casa, por exemplo). Para alguns profissionais de outras estações, este documentário é uma lição sobre televisão.

É evidente que o programa de Otero revela também os limites da TV comercial. A frase de Emílio Rangel de que um canal com 50 por cento de audiência pode vender até um presidente da República, ficará como uma das citações da década. Julgo que não pode ser vista literalmente, mas antes como a prosápia de quem de facto chegou aos 50 por cento (com a fundamental ajuda das novelas da Globo, como ficou patente no documentário).

Ao contrário de algumas críticas, que chamaram à empresa de salsicharia Sical "o salsicheiro", é de notar que no episódio relatado a SIC acabou por respeitar o seu cliente e, por tabela, o público que aguardava o programa patrocinado pelo cliente. Quem vê mal nisto pode ir viver para Cuba ou para a Coreia do Norte, onde o problema não se põe às televisões locais.

Dentro dos limites do "horroroso" comercialismo do canal, é possível descortinar no documentário a possibilidade de diálogo entre as várias partes (jornalistas, direcção, comerciais, etc) de forma a que as contradições que sempre existem nos órgãos de informação possam ser resolvidas de forma satisfatória — embora por vezes seja óbvio que se sacrifica a informação ou programas de qualidade superior.

Todavia, que ninguém tenha ilusões quanto a outros canais, sejam eles comerciais ou públicos: estão ao serviço aberto dos detentores do Estado, os direitos dos cidadãos são igualmente ignorados ou até espezinhados e as lutas de poder entre grupos internos são o único motor para muitas pessoas. A diferença está em que não abrem as portas a documentaristas. ■

Eduardo Cintra Torres

Liberdade de expressão

Fernando Rosas

É tão urgente combater os efeitos perversos da lógica neoliberal e mercantil no campo dos direitos económicos e sociais como no terreno da liberdade de opinião. Disso depende o efectivo exercício da pluralidade de expressão, ou seja, a essência da democracia.



N a última edição do "Expresso" noticia-se o que já se sabia: a coluna "Afectos", um prestigiado espaço de opinião da nossa imprensa escrita, foi suprimida e o jornalista João Carreira Bom afastado da colaboração naquele semanário. Razão: ter tido o desprazimento de criticar a linha editorial da SIC, propriedade do grupo do dr. Pinto Balsemão, que também é o patrão do "Expresso"...

Quase em simultâneo, como que a dar razão a Carreira Bom, a par da polémica desencadeada pelo programa Filhos da Nação, da SIC, um documentário do canal por cabo ARTE debruçava-se sobre o interior dos critérios e métodos da estação de Carnaxide, evidenciando de forma crua o que é o império das audiências, isto é, do mercado e dos lucros, e os seus efeitos no estilo jornalístico e nas prioridades editoriais da programação daquela estação televisiva.

Finalmente, e desculpem-me a desproporção dos exemplos, na semana passada, a administração da Edipress (grupo de capital suíço que absorveu a Projornal e as suas publicações: "Visão", etc...) resolveu interromper a publicação da revista mensal "História", único mensário português dedicado à História, há 20 anos em publicação, cuja nova série, centrada na história contemporânea, fazia três anos de saída regular. O motivo não se ficou a dever a qualquer tipo de défice relevante, nem sequer ao não reconhecimento das potencialidades relativas de uma revista deste teor, mas sim a razões de "política editorial": o grupo vai lançar um novo diário de feição "popular" e uma revista de telenovelas e não deseja ficar preso a "pequenas publicações". Teve mesmo o gesto de ceder o título da "História" ao seu actual director.

O que há de comum nestes três exemplos — talvez o início da vaga visível de efeitos do crescente controlo e centralização dos "media" por um pequeno núcleo de grupos financeiros — é que todos eles colocam directamente, ainda que por formas diferen-

tes, o problema da liberdade de expressão.

Num caso, o mais sintomático, cala-se expeditamente um jornalista que criticou a orientação da estação televisiva do patrão, ainda por cima, ao que parece, com o aval do Conselho de Redacção. (Lembram-se do tempo em que o dr. Balsemão se vangloriava de não interferir na linha editorial do "Expresso"? Ou quando era impensável jornalistas permitirem que um seu camarada fosse perseguido por "delito de opinião"?). No outro, mais banal, quase diria que aceitável, à luz do direito de uma empresa decidir como bem lhe pareça sobre os seus critérios editoriais, o resultado não deixa de ser o de eliminar uma revista cultural indispensável e viável, independentemente de quem tenha vindo a ter a tarefa de a dirigir. Isto é, a luta desesperada pela sobrevivência entre os grandes grupos que partilham o mundo dos "media", implacavelmente pautada pelo critério mercantil da venda a qualquer custo, tende a ter dois tipos inevitáveis de resultados.

Por um lado, vão desaparecendo as "generosidades" pontuais e mais ou menos mecânicas de preservar títulos de prestígio, nichos de mercado, flores culturais na lapela de capitalistas beneméritos: não se tratará já de perder ou de ganhar pouco, mas sim da necessidade imperiosa de não deixar de ganhar muito, eliminando como empecilhos as publicações — os "produtos" — que fujam ao padrão das grandes tiragens e dos largos consumos. Neste contexto, é óbvio que um amplo leque de sectores da opinião pública — cultural, política ou outra — que fogem a tal padrão, sem acesso aos capitais ou aos meios de produção, distribuição e publicidade controlados pelos grupos financeiros, deixará de poder exprimir-se ou, quando muito, será remetido para uma espécie de limbo "underground".

Por outro, é como fruto da tendência anterior, a oferta remanescente tende a homogeneizar-se por baixo, pela mediocridade, pela boçalidade, pela eliminação do espírito crítico e de intervenção, pelo embrutecimento programado e organizado das opiniões. Por

que seria ingenuidade caracterizar-se este panorama como de desideologização ou de despolitização: na sua aparente vacuidade, a hegemonia do "pimbismo" obedece a uma ideologia e a uma política precisas de dominação e de controlo dos espíritos, tendente, pelo seu desarmamento, pela sua submissão acéfala, a preparar o terreno para projectos mais vastos contra os direitos dos cidadãos.

Não padego da ingenuidade de pretender "humanizar" os grandes padrões dos "media", de os sensibilizar para a importância da manutenção de uma oferta de qualidade (cultural ou outra) numa sociedade democrática. Nem se trata, sobretudo, de eles individualmente o compreenderem ou não. Trata-se das determinações objectivas de um mercado que, quando entregue a si próprio, se impõe impiedosamente aos seus agentes.

A resposta a esta situação só pode ser política no mais amplo e genuíno sentido do termo: cabe, desde logo, aos grupos de cidadãos e às iniciativas ameaçadas não se deixarem silenciar e aniquilar passivamente, cabe-lhes lutarem por manter e alargar o seu espaço. Ao mesmo tempo que exigem do Estado a adopção de medidas tendentes a impedir que a lógica oligopolística de controlo dos "media" esvazie paulatinamente de conteúdo a liberdade de expressão.

É tão urgente combater os efeitos perversos da lógica neoliberal e mercantil no campo dos direitos económicos e sociais como no terreno da liberdade de opinião. Disso depende o efectivo exercício da pluralidade de expressão, ou seja, a essência da democracia.

Convém ter presente que, no seu processo de acumulação e expansão, o capital e os seus critérios e prioridades tendem a dominar não só os mercados, mas também as consciências, condição indispensável à adopção das políticas que lhe são necessárias. Nisto, por muito que custe aos amantes abstractos da democracia, reside o risco da formalização dos direitos, isto é, da anulação do seu conteúdo. E uma democracia formal estará sempre pronta a ser derrubada. ■

DEMOCRACIA

Entre os meios de produção e os de comunicação

JOSÉ
MEDEIROS
FERREIRA

O século XX não trouxe grandes novidades no domínio das doutrinas políticas ou, pelo menos, não reteve nenhuma que possa transmitir ao próximo século como coisa sua. Os corporativismos, os fascismos, os comunismos apareceram e desapareceram com ele. Os anarquismos submergiram no romantismo das derrotas violentas. As experiências da democracia directa e da democracia de base nunca cativaram as sociedades mais complexas e desenvolvidas, e o que tinham de mais autêntico derivava da sua génese no século XIX.

Em comparação com os séculos XVIII e XIX, o nosso século XX é muito pobre em termos de doutrinas políticas com futuro.

E no entanto foi um trecho de tempo pleno de descobertas científicas, algumas delas com poderosas consequências na organização das sociedades. Os progressos nos domínios da saúde, dos transportes, das comunicações e até os das ciências sociais não induziram efeitos semelhantes nas formas de governo das sociedades.

Já as descobertas relacionadas com os meios de comunicação social sempre foram anunciadas como portadoras de modificações dos comportamentos políticos. Se o telégrafo foi rapidamente dominado pelos governos e pelos jornais, ainda no fim de Novecentos, também os telefones não ofereceram resistência de maior, embora ambos passassem a ser

importantes em matéria de técnicas de golpe de Estado.

Com a chegada da rádio nos anos 20, considerou-se, primeiro, que as suas ondas iriam servir a paz mundial e ficaram célebres as transmissões dos debates das assembleias da Sociedade das Nações. A imagem dos políticos era então a sua voz. Só depois, quando a situação internacional se deteriorou nos anos 30, a rádio foi o instrumento de propaganda dos ditadores. Hitler na Alemanha e Salazar em Portugal aqueceram as populações dos seus países aos microfones que adoravam. Do lado da liberdade e da resistência os nossos pais sempre referem Churchill e De Gaulle. A rádio entre nós ainda fomentou o nacional-cançonetismo, apesar de tudo, menos degradante do que a actual música pimba. Hoje, a rádio presta óptimos serviços aos cidadãos como os serviços constantes de informação ou oferecendo fora de debates em que a participação de muitos constitui um autêntico e genuíno serviço público sem esse nome e sem essa obrigação. A liberdade oferecida à rádio tem sido de uma maneira geral muito positiva. A democracia participativa encontra na concorrência das estações de rádio e na sua proliferação a nível geral ou local um meio de aprofundamento. Neste particular a rádio contrasta positivamente com a televisão.

Quer se queira ou não, a condução das estações de televisão é um domínio de incalculáveis consequências políticas e sociais. Régis Debray escrevia há pouco tempo que a teoria do foco revolucionário é hoje um anacronismo tecnológico. Certas televisões via satélite de países fundamentalistas podem incendiar uma sociedade inteira com o seu proselitismo religioso e anti-imperialista.

Entre nós, a liberalização das estações de televisão foi vivida com aquela ingenuidade geral que às vezes une as elites e a população. O culto da apropriação privada dos meios de comunica-



ção social foi tão intenso nos anos 80 como o fora o culto radical da apropriação colectiva dos meios de produção nos anos 70, não sendo de excluir a hipótese de alguns personagens empolgados terem defendido sucessivamente essas duas posições, ambas nefastas à liberdade e à democracia representativa.

É facto que o fenómeno não é só português. Infelizmente, como Portugal conseguiu um equilíbrio razoável nos meados dos anos 80 no domínio da comunicação social, a actual degrada-

ção do panorama televisivo ainda faz mais pena.

Pessoalmente, pude comparar a superior qualidade da programação televisiva em Portugal nos meados dos anos 80 em relação a países como a Itália, a França, a RFA e outros. Mesmo na imprensa escrita sabia-se quando uma intervenção política iria ter destaque ou não. Nos dias de hoje, a selecção é pior, e muito mais orientada, e a concorrência serve para multiplicar a acção dos mesmos

centros de influência. Esses centros de influência escapam a qualquer controlo democrático e transparente. E, como disse Karl Popper, «Numa democracia não deveria existir nenhum poder [político] incontrolado.»

Popper preocupava-se nesse texto especialmente com a televisão. Afirmou então solitariamente que «a televisão adquiriu um poder demasiado vasto no seio da democracia. Nenhuma democracia pode sobreviver se não se puser cobro a esta onipotência.»

Pouco a pouco, as sociedades democráticas europeias dão-se conta de que assim é. Por isso, começam a apresentar as caricaturas ingénuas que encontram do outro lado da rua. O programa transmitido pela excelente estação franco-alemã Arte sobre a luso-brasileira SIC é um passo para a rediscussão das responsabilidades dos poderes públicos na outorga das licenças televisivas. O arrasador artigo do jornal *Le Monde* de 20 deste mês quase que transforma o genuíno Emídio Rangel num fora-da-lei do audiovisual só porque aquele jornal não tem meios de atingir directamente o império Bonygues, já que a comparação entre sabonetes e presidentes não me pareceu muito original. Ainda se Rangel tivesse ousado afirmar que a SIC até pode promover gatas borralheiras a princesas e levá-las para casa à meia-noite... Mas esta parece ser uma especialidade da RTP1 e 2.

Rangel apenas nos recordou a patética cena da cadeira vazia com que quis electrocutar o actual Presidente da República.

Só nos resta confiar no espírito crítico dos cidadãos enquanto telespectadores.

Quanto a Emídio Rangel, ainda não sabemos se acabará na peixe de João Carreira. Bom ou se na de José António Saraiva.

Jose Medeiros Ferreira escreve quinzenalmente, à terça-feira, neste espaço

A corpo inteiro

MARIANA Otero já dera nas vistas em Fevereiro último quando o canal franco-alemão ARTE emitiu um seu documentário, por sinal brilhante, chamado «La Loi du Collège». Terça-feira passada, na noite temática dedicada a Portugal, Otero mostrou ter outro trunfo na manga, uma reportagem sobre o estrondoso sucesso de uma TV comercial que em cinco anos destronou o canal estatal e «sacou» mais de metade dos telespectadores do país: a SIC.

É uma peça jornalística exemplar a vários títulos. A autora não se abalança a saber mais do que os outros: uma televisão comercial vive das receitas de publicidade e esboçar-lhe o retrato depende da forma como gere o tríptico programação-audiências-anúncios. Otero recebeu uma ajuda inestimável, já que Emídio Rangel (para todos os efeitos o protagonista do filme) abriu-lhe todas as portas e deixou a equipa do ARTE filmar tudo e todos ao longo de vários meses. O documentário, intitulado «Cette Television Est La Votre», fala pela montagem e abstém-se de comentários. É um trabalho que desvenda os bastidores sem se concentrar em nenhum programa, antes insistindo nos processos que levaram a SIC ao sucesso comercial e financeiro e à vitória indiscutível na guerra das audiências. Passa uma mensagem clara que as figuras dos diversos departamentos da estação confirmam continuamente ao longo do filme e com um palavrado recorrente: audiências, concorrência, receitas e, acima de tudo, telenovelas. É evidente para Mariana Otero que o trunfo da SIC na sua associação com a TV Globo é mais do que um meio. Sem as novelas, o canal pode sobreviver mas não



ganha guerra alguma. Nas reuniões dos serviços comerciais e de programação, as novelas (esticadas ou encurtadas conforme as necessidades) estão na ordem de todos os dias. Se a RTP1 tem a eleição da Miss Portugal, a SIC passa duas novelas em vez de uma. Tudo passa a ser cristalino e na voz de quem põe em prática a estratégia. Há momentos «divertidos», como quando um responsável do departamento comercial pede aos seus colaboradores «boas ideias, mesmo que sejam na

margem da lei. Temos de forçar a barra». Ou quando Emídio Rangel põe os pontos nos is e assegura a quem o ouve que um canal que tem 50 por cento de «share» consegue «vender tudo, até presidentes da República».

É o retrato a corpo inteiro de uma gigantesca máquina comercial que vive ao ritmo das audimetrias e está, o tempo todo, em pé de guerra. Por mais confortáveis que eles sejam, quando os números baixam os «estados-maiores» têm um problema a resolver e fazem-no, graças ao documentário do ARTE, à vista de toda a gente.

É legítimo duvidar, apesar de tudo, que a SIC transmita o programa, ela que, à excepção de «O Povo das Barracas», pouco mais comprou ao ARTE. A RTP2, cliente assídua do canal franco-alemão, vai perder noites a pensar no mesmo assunto. Mas é um trabalho que toda a gente devia poder ver. A TV que acredita estar a dar ao povo o que o povo gosta, nem que esse povo seja uma ficção criada à imagem e semelhança da estação, tem uma chance de ouro de mostrar o que a diferencia e cauciona o seu êxito. O documentário é tão isento que, se a coisa corresse mal, a SIC só poderia queixar-se de si própria. Afinal, em Carnaxide já se sabia o caminho a seguir desde o princípio. Quando Emídio Rangel foi nomeado director de programas e de informação, logo afirmou que a SIC ia conquistar o mercado. Acharam-lhe piada. Não se acaba com o domínio de uma TV estatal com 40 anos de experiência, hábitos e vícios assim de um dia para o outro. Hoje já ninguém se ri.

JOSÉ MENDES

TV VERDADE

Emídio Rangel aceitou, o IPACA ajudou a pagar e uma realizadora francesa, Mariana Otero, filmou o que a havia a filmar. Ou seja, a guerra das audiências no momento, as directrices da contra-programação a borbulhar e todas as táticas para que a SIC pudesse vencer a RTP. O documentário (docudrama?) foi transmitido esta terça no canal ARTE, mas um dia antes o Le Monde fazia a antevisão. Primeiras palavras: "moussieur Emí-



Os segredos tenebrosos de Rangel já chegaram ao Le Monde

dio Rangel est un homme sans scrupules". Segundo a crítica, Rangel escolhe programas para valorizar a publicidade e muda o que tiver que mudar para bater a RTP. Uma declaração da realizadora ao Le Monde resume a coisa: "durante as filmagens, verifiquei que não havia conflitos morais, éticos ou estéticos. O único critério pragmático é o da audiência". Diz quem sabe que a SIC recebeu esta equipa de braços abertos e não escondeu nada.

nem uma declaração espantosa de Rangel, onde o super-director diz: "Uma televisão com 50 por cento de audiência, vende tudo, até presidentes da república". Mas parece que Mariana Otero não se deixou encantar com a simpatia e pôs cá fora o que tinha de pôr. **PBM**

SIC

Toda a verdade

‘O senhor, Emídio Rangel é um homem sem escrúpulos. Director de programas e de informação da SIC, ele não vive, nem trabalha senão para um objectivo: o dinheiro.’ Esta é a primeira frase de um artigo assinado pelo jornalista Daniel Psenny, na edição de *Le Monde* de terça-feira, 21 de Outubro. Esta observação do jornalista francês é feita depois de ter visionado um filme-documentário sobre a estação televisiva portuguesa e difundido no mes-

mo dia no canal por cabo ARTE. E talvez as palavras amargas de Psenny se expliquem pela crueza de Rangel no referido documentário: «Uma cadeia de televisão que detém 50% das audiências pode vender qualquer coisa. Até um Presidente da República.»

A «popularidade» de Emídio Rangel, neste caso em França, fica a dever-se inteiramente a Mariana Otero, uma francesa de 33 anos, 12 dos quais vividos em Portugal, autora do referido documentário e que passou dois meses e meio a filmar o quotidiano da SIC. «Interessava-me apenas focar o lado comercial de uma estação de televisão. Mas não ignoro que a SIC tem qualidades, por exemplo, a nível da informação», explica Mariana Otero.

A realizadora elogia o homem que acaba sendo o principal visado no seu documentário, Emídio Rangel: «É um profissional corajoso que aceitou que eu filmasse tudo, sem entraves. Duvido que a RTP fizesse o mesmo. Tenho pena que se tenha centrado o



EMÍDIO RANGEL

Um artigo publicado em *Le Monde* diz que ele só pensa em dinheiro. Tudo por causa de um documentário sobre a SIC

odioso na sua figura. Quem está atrás do dinheiro é a SIC, não ele. Atacá-lo é atacar a árvore sem ver a floresta.»

O documentário, uma co-produção da portuguesa SP Filmes (que curiosamente também produz um dos programas mais pimba da SIC, *Os Malucos do Riso*), da televisão belga e do canal ARTE, e que dispôs de um financiamento do IPACA, revela uma televisão comercial em que o critério da audiência se sobrepõe a qualquer outro. Como diz o jornalista de *Le Monde* «somos mesmos surpreendidos pela franqueza destes profissionais do audiovisual que se comportam como verdadeiros mercenários do dinheiro e gozam com os telespectadores».

Mariana Otero diz que a estratégia da SIC não a surpreendeu: «É a lógica do comércio. O que se pode questionar é se a televisão deve ou não ter um papel na formação intelectual, cultural, das pessoas.»

Neste momento, decorrem negociações para a venda do documentário a canais te-

levisivos finlandeses, canadianos e suíços. Em Portugal, há que esperar pelo Festival da Malaposta, na segunda quinzena de Novembro, que exhibirá o trabalho de Mariana Otero. A não ser que a SIC opte por exibilo numa edição da série *Toda a Verdade...* ■



MARIANA OTERO
Ela é a autora do documentário choque sobre a SIC. Mas diz que Emídio Rangel é um profissional corajoso

HUMORES



DE FERREIRA FERNANDES

SICano

Sapar

Não conheço dos patrões o poder de encaixe. E como vivo do opinar, a questão é-me importante. Hesito, por exemplo, em falar sobre a atitude religiosa dos suíços acerca do dinheiro – do seu famoso segredo bancário – já que a um grupo helvético pertence esta casa que tão generosamente me alberga. Já antes, cronista no *Diário de Notícias*, me calei sobre as pipocas, atendendo à importância que aquele milho tem para o grupo Lusomundo, então meu patrão. Enfim, não sou parvo como o cachorro quente – que alimenta a mão de quem o morde –, mas também não sou o desagradecido que morde na mão da entidade patronal que fornece o leite para as minhas criancinhas. Sou pusilânime, admito. Até que me demonstrem que os patrões não se zangam.

E eis que a prova está feita: os patrões são liberais. Emídio Rangel, funcionário de Balsemão, deu cabo do sonho deste –

e sem consequências! Balsemão, sabia-se, desejava ser Presidente da República – cargo para que julgava estar vocacionado porque aproveitou a infância para conviver com outro vocacionado chefe de Estado, Juan Carlos de Espanha.

Bom, o facto é que Rangel desviou o destino da sua rota. Francisco Pinto Balsemão nunca dormirá em Belém, pelo menos como anfitrião. E isso porque Rangel ousou dizer publicamente que a SIC pode tudo vender, até um presidente.

Depois disso, caso Balsemão se candidate, pensaremos todos: «Este é aquele que venceu as eleições primárias na SIC. Parece que contra o João Balsemão e o Guilherme Leite...» E na votação a sério, no resto de Portugal que circunda Carnaxide, haveríamos de escolher qualquer outro com melhores referências... Rangel passou uma rasteira às pretensões do patrão. Não contente com a farpa, Rangel reinci-

diu: criou um programa que inventou um SICano candidato! Depois disto, vejamos-nos, de novo, perante uma candidatura de Balsemão a Belém. A gente até era capaz de achá-lo adequado para o posto. Entramos na cabina de voto e pomos a cruz à frente do seu célebre sorriso. Saímos para depositar o papelinho e, de repente, a suspeita: «E se tudo isto é um 'apanhado!' da Júlia Pinheiro?!» Voltamos para trás e devolvemos Balsemão à Quinta da Marinha.

E a verdade é que depois destes constantes tirar o tapete a Balsemão, nada aconteceu ao seu empregado Rangel. Disse eu para a minha caneta: «Afina! os patrões aguentam críticas!» E já estava eu a afiar a faca contra quem vocês sabem quando tombou a notícia: João Carreira Bom foi «suspenso» do *Expresso* por gozar com Balsemão.

Caros leitores, a Suíça é um país admirável.

O próprio

Todas as profissões têm uma função essencial. Quer dizer, o barman pode fazer de psiquiatra mas ele é pago é para nos pôr um copo cheio à frente. Que os polícias policiem, que os reitores reitem, que os sapateiros ponham meias-solas. E os jornalistas? A função dos jornalistas é contarem o mundo.

Para preencherem a sua função, os jornalistas até podem mentir. É verdade. Como aquele americano branco que se injectou com melanina para escrever *Na Pele de um Negro*. O essencial era que ele contasse a verdade sobre o Sul dos Estados Unidos, mesmo que para isso fosse através da mentira de ser um negro.

O que um jornalista não pode fazer é inventar o mundo, porque isso seria subverter o contrato: o leitor paga-lhe para que lhe tragam o mundo e não sucedâneos. Esse é o meio-erro de *Filhos da Nação*, programa, meio de entretenimento e meio de jornalismo, da SIC. Sobre meta-de não vou falar: Júlia Pinheiro está entretida, bom proveito. Sobre a metade

jornalística digo que é um erro inventar manifestações de ciganos ou de candidatas louras.

Marc Riboud era um fotógrafo francês na guerra do Bangladesh, na década de 70.



Houve uma foto que então correu mundo: um guerrilheiro, de barbas e chapéu australiano, espetava uma baioneta num soldado caído no chão. A foto não era de Riboud, ele recusou-se a fazê-la.

Os guerrilheiros quiseram executar prisioneiros só por causa das fotos. Os fotógrafos estavam no Bangladesh para contar o Bangladesh, e, se fosse caso disso, para fotografar prisioneiros varados por baionetas. O que não estavam lá era para contarem a realidade devolvida por um espelho. Aceitarem fotografar uma morte encenada era mentir ao cliente, apesar de a morte ser real. O francês voltou as costas à foto, outros fizeram-na e um até ganhou o Pulitzer. Mas quem honrou o jornalismo foi Riboud.

Nos anos 60, o italiano Gualtiero Jacopetti realizou documentários sobre o *Mundo Cão*, o homem na sua versão abjecta. Com a mesma ideia, fez o *África Adeus*. Um dia chegou a Kinshasa, onde tinha acordado uma saída com as tropas de Mobutu. Chegou atrasado e estas partiram sozinhas e dizimaram uma aldeia. Jacopetti não hesitou: pagou aos soldados para dizimarem outra aldeia, o que foi feito dessa vez com o testemunho das câmaras.

Moralmente há diferenças entre a iniquidade do italiano e as brincadelas dos jornalistas do *Filhos da Nação*. Profissionalmente não há nenhuma. Compõem o mundo, como deuses ou escritores – e isso não é próprio de nós.



Vender o Presidente da República aos pedaços

■ «Uma cadeia de televisão que faz 50 por cento de audiência pode vender tudo. Até um presidente da República. Aos pedacinhos. Um pedacinho de presidente aqui, um pedacinho de presidente ali.» A citação é de Emídio Rangel e foi responsável por alguma da notoriedade que precedeu a transmissão de «Cette Télévision est la Vôtre», esta noite, no canal por cabo ARTE.

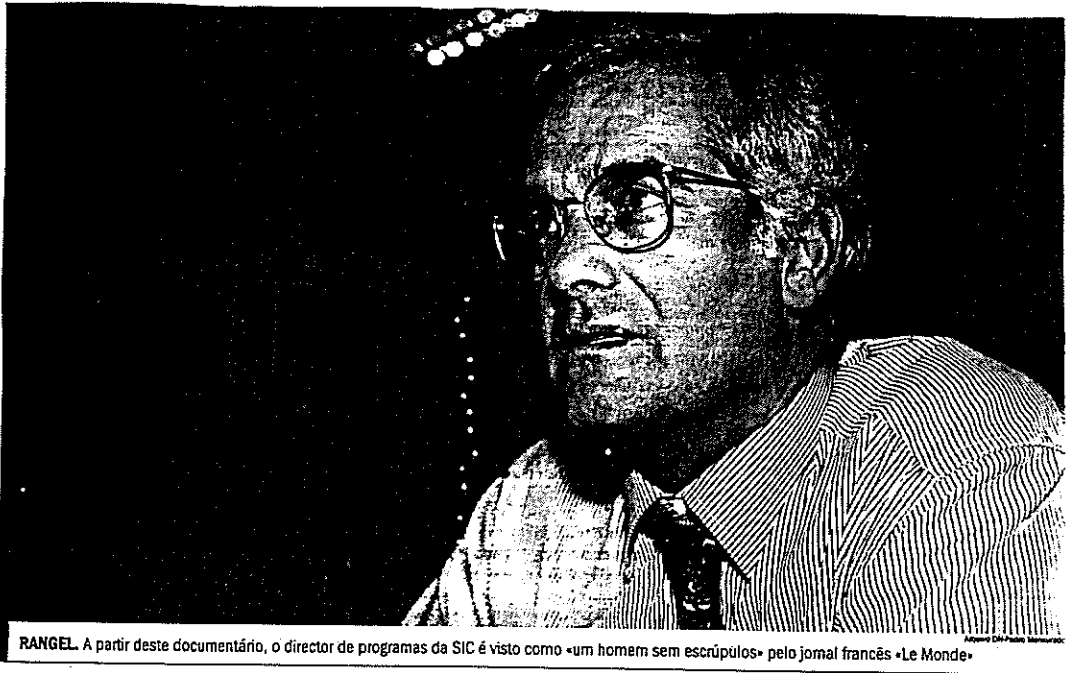
O documentário de Mariana Otero é tratado com destaque no suplemento de televisão, rádio e multimedia do *Le Monde* deste fim-de-semana. E em termos pouco ou nada abonatórios para a SIC e Emídio Rangel. Mesmo que o «alvo» do texto seja Francis Bouygues, o patrão da estação privada francesa TFI.

Daniel Pseniny conversou com a autora do programa e, ao longo de um texto ilustrado por uma imagem de João Baião, malha forte e feio no canal de Carnaxide: «O senhor Emídio Rangel é um homem sem escrúpulos», escreve o jornalista do *Le Monde*.

E, mais adiante, acrescenta: «Ao longo do documentário somos surpreendidos pela franqueza destes profissionais do audiovisual, que se comportam como verdadeiros mercenários do dinheiro e desprezam totalmente o telespectador.»

Os elogios do *Le Monde* vão para Mariana Otero. Daniel Pseniny descreve assim o documentário: «Esquecendo a câmara que grava as suas palavras e gestos, assistimos a cenas extraordinárias que nos mostram o que já sabíamos sobre as práticas da televisão comercial, mas nunca tinha sido filmado.»

O DN tentou, sem êxito, obter um comentário de Emídio Rangel ao programa e ao artigo do *Le Monde*.



RANGEL. A partir deste documentário, o director de programas da SIC é visto como «um homem sem escrúpulos» pelo jornal francês «Le Monde»

REPORTAGEM

SIC faz o que a deixam fazer

«Esta é a Vossa Televisão» é o primeiro documentário francês sobre uma televisão comercial. Mostra uma empresa de sucesso com o olho nos lucros. Passa hoje à noite, às 19 e 45, no ARTE

CATARINA CARVALHO
MIGUEL GASPAR

Emídio Rangel é um «homem forte» em busca do lucro. A SIC é uma estação que «não passa publicidade para financiar programas mas que compra programas para valorizar espaços publicitários». Este é o retrato do canal português feito pela francesa Mariana Otero no documentário «Esta é a Vossa Televisão» (*Cette Télévision est la Vôtre*) que vai passar hoje (19 e 45), no canal por cabo ARTE: «É uma imagem justa para uma TV comercial, nem boa nem má», disse a realizadora ao DN.

Para uma hora de emissão, a realizadora passou cinco meses a filmar na SIC. Apenas ela e um operador de som, para atingir a intimidade necessária a um retrato fiel. Surpreendeu-a a rapidez de Rangel ao dar-lhe toda a liberdade nos estúdios de Carnaxide. Mas explica a atitude: o documentário não tem narração em voz off, o que lhe permite também não ter considerações. Apenas mostra. Mostra mudanças de programação feitas ao minuto.

Vemos Rangel a explicar à equipa como é que se combate a transmissão da Miss Portugal na RTP: «Cobrimos o fim da novela

deles com a nossa e depois metemos variedades.» Ou Rangel a regatear ao telefone os preços da nova novela «História de Amor» com a TV Globo, as discussões provocadas pela supressão do programa «Os Trapalhões» quando o sector comercial tinha conseguido finalmente arranjar um patrocinador.

Este filme «não prova que uma TV comercial é feita para ganhar dinheiro, isso toda a gente sabe», diz Otero, acrescentando que o que queria era explicar «como são escolhidos os programas que as pessoas vêem». Ou seja, como é que se relacionam os três vectores

que a definem como TV comercial: as audiências, a programação e a publicidade. «Na SIC não há questões éticas.» Nunca se fala de espectadores mas de números.

Sempre sem querer tirar conclusões, a realizadora recorda que desta vez se vai «ver» aquilo de que as pessoas falam «sem saber». «Esta é uma TV de sucesso resolve todos os seus problemas. O resto depende da moral de cada um. Se se achar que o importante é fazer uma empresa, a SIC é boa. Quem acha que o importante é a educação, crítica. Mas estas são questões políticas. A SIC faz o que a deixam fazer», conclui.

Documentário sobre a SIC passa hoje no canal Arte às 19h45

Toda a verdade

"O SENHOR Emídio Rangel é um homem sem escrúpulos." É assim que começa o texto publicado ontem no jornal francês "Le Monde", a propósito da transmissão de um documentário sobre a SIC, no canal Arte a que o PÚBLICO já teve acesso (ver edição de 5/10). Daniel Psenny, o jornalista que assina a peça, depois de ter visto "Esta televisão é vossa", não ficou com dúvidas: "O director de programas e de informação da SIC só vive e trabalha para o dinheiro. Não esconde isso. A sua obsessão é o dinheiro, fabricado pelas duas vacas leiteiras da sua televisão: a audiência e a publicidade."

A realizadora, Mariana Otero, correspondente de um canal belga a viver há alguns anos em Portugal, instalou-se durante alguns meses no quartel-geral da SIC para realizar um documentário para o Arte, que pode ser visto por quem tenha satélite ou cabo. "Eu queria compreender como funciona esta televisão, que é em tudo muito parecida com as

outras cadeias comerciais generalistas europeias", explica. "Podia ter-me interessado pela TF1 ou pelos canais do Berlusconi, mas não tenho a certeza se eles me teriam deixado trabalhar com toda a liberdade como eu trabalhei na SIC." O seu método consistiu em observar o tríptico programa-audiência-publicidade e procurar na vida da estação momentos que evidenciassem essa estratégia.

A realizadora faz desfilar as "histórias" que, ligadas entre eles, "dão todo o sentido a uma dramaturgia filmada em directo", lê-se no "Le Monde".

"Entre o cinismo do director, a arrogância do serviço comercial todo-poderoso e o desespero de um produtor que viu o seu programa sair da grelha à última da hora, não há espaço absolutamente nenhum para falar de televisão, de imagens e de criação", escreve Psenny. A realizadora explica-lhe que "durante as filmagens, percebeu rapidamente que não existiam

conflitos morais, éticos ou estéticos — num canal comercial, apenas o critério pragmático da audiência prevalece".

Mas é melhor continuar a citar o texto impiedoso do jornal francês: "Ao longo deste documentário, somos surpreendidos pela franqueza destes profissionais do audiovisual que se comportam como verdadeiros mercenários do dinheiro e gozam completamente com o telespectador." O texto termina com a citação — já famosa — de Emídio Rangel, sobre o facto de a SIC, com os seus 50 por cento de audiência, poder vender tudo. Seja presidentes da República, seja sabonetes.

"Esquecendo a presença da câmara que filma os gestos e grava as palavras", escreve o jornalista do "Le Monde", "assistimos a cenas surpreendentes que nos mostram tudo aquilo que já sabíamos sobre as práticas da televisão comercial, mas que nunca tinha sido filmado". ■

Joana Amado

Nos bastidores...

João Figueira

Uma realizadora de televisão passou, em 1996, vários meses nas instalações da SIC. O contrato feito com os responsáveis da estação permitia-lhe ver e registar tudo o que quisesse. Das 50 horas de filmagem montou uma peça com 60 minutos que procura retratar o canal dirigido por Emídio Rangel e explicar as razões do seu tão meteórico sucesso. É uma visão particular, naturalmente, mas também um interessante documento sobre como se movem as coisas na nossa televisão. Passou há dias num canal belga.

Estamos em meados de 1996, a cena passa-se na redacção da SIC. Com toda a gente reunida, o subdirector Alencar Vieira alerta para o facto de o Jornal da Noite, em termos globais, estar "a baixar de qualidade". O jornalista José Alberto Carvalho contrapõe: "Não temos a lado nenhum enquanto não tivermos uma estratégia definida em termos de tempo". (quer-se do facto de o noticiário, todas as noites, variar de tamanho conforme o produto da concorrência do Telegiornal, do Canal 1, pois a estação de Rangel vem insistindo numa marcação centrada de "jornal contra jornal, novela contra novela"). Exemplifica José Alberto Carvalho: "Na segunda-feira aconteceu uma coisa calamitosa, que foi metermos seis 'fat-divers' seguidos, 'pescados' de emergência, depois entrou uma peça sobre lesbos... foi uma coisa... não dá para ver! E só por necessidade de escaparmos o jornal, porque o Telegiornal fez mais dez minutos que o habitual... Assim não dá." Mas Alencar Vieira não se deixa convencer: "O Jornal da Noite faz parte de uma estratégia de programação da SIC. E, se ela diz que o jornal deve ter uma hora, nós temos que arranjar maneira de fazer uma hora, nem que se perca a qualidade..."

Esta é uma cena real, filmada ao vivo, e que recentemente pôde ser vista na TV belga, num programa intitulado "Cette Télévision Est la Vôtre". A autora, Mariana Otero — uma francesa há dois anos radicada em Portugal e já com alguns trabalhos feitos para o canal Arte, em ligação com a produtora Archipel 33 —, passou alguns meses na SIC durante o ano passado, movendo-se de vontade por onde quis (uma altura, "de rara abertura e de coragem", da estação, que ela louva), filmando o que entendia, assistindo a reuniões internas, tudo com o objectivo de tentar explicar o rápido sucesso do canal de Balsemão e Rangel, um fenómeno impar em termos europeus. É ao contrário do que um espectador pudesse pensar, dado o modo como certas práticas do canal ficam, tão cruetamente postas a nu, não sem câmaras ocultas.

Ao longo de uma hora, vai-se vendo como quase tudo naquela casa se decide em função das audiências, analisadas permanentemente a todo o momento por todos os responsáveis. Faz-se uma marcação cerradíssima, diária, aos cinco minutos — em particular ao Canal 1. Autêntico o alinhamento sempre que a RTP anuncia um prato forte. A contra-programação é um triunfo sistemático, jogado sem piedade a partir do gabinete de Emídio Rangel. As luzes de emergência acendem-se mal as percentagens dão sinais de baixa: Nôdo é descurado, nada fica ao acaso. Dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, o canal é gerido em função do "share". E com uma ótica eficientíssima, como se vê a partir dos exemplos apresentados no documentário (em tempo: este trabalho poderá ser visto em Portugal, no canal Arte-TV Cabo no próximo dia 21, devendo também aparecer no Festival da Malaposta, entre 15 e 25 de Novembro).

O Canal 1

SENTADO NO seu gabinete, acompanhado por Manuel Fonseca (director adjunto de programas) e por Helena Figueira (subdirectora de programas e

responsável de grelha), Emídio Rangel insiste na "estratégia ganhadora" que há muito definiu: "Helena, hoje já entramos jornal com jornal e novela com novela. Fale à equipa, eles vão andando com o jornal até o Canal 1 acabar. E, logo que eles terminem [estala os dedos], cola a nossa novela. Depois vai sempre novela em cima da novela deles, dure o tempo que durar..."

Novo dia, nova mudança: a RTP vai passar uma coisa forte, a eleição de Miss Portugal. Que fazer? Puxar do trunfo do costume — a telenovela brasileira, que será prolongada um pouco mais do que o habitual ("para 'queimar' o início das missões", comentará um técnico) — e insistir no popular português: "Depois da novela entra a Marina, não entram Os Trapalhões." Mas os comerciais protestam: há anos que tentavam vender Os Trapalhões a um patrocinador, finalmente conseguiram, e logo no primeiro dia tiram o programa da grelha! "Não pode ser, está o homem já na poltrona à espera de ver o seu programa patrocinado e ele não aparece!", queixa-se um responsável. Lá vai convencer Rangel e Os Trapalhões reentram. Mas só depois da Marina...

O Clube VIP



O PROGRAMA, à época conduzido por Filipa Garnele e Margarida Pinto Correia, vai passar para o "prime time". E preciso alterar as coisas e vem alguém da SIC, especialista em audiências, explicar as autoras o que há a fazer: "No 'prime time', quem faz o grande 'bolo' é a classe D. Por isso têm que ter atenção a isso e gentr como entenderem...". Ficam sugestões: "Em termos de conteúdos, tudo o que tenha a ver com novelas brasileiras funciona bem. Tudo o que tenha a ver com gente portuguesa dessa que sai nas revistas, mas nas mais populares, funciona lindamente." Um exemplo? "O Humberto Bernardo funciona melhor que o Joaquim de Almeida." Gargalhadas de gozo na sala, e um ar sorridentemente desolado de Margarida Pinto Correia: "Não é esse o programa que eu vim para aqui fazer." Mas lá terá de ser.

O sector comercial

A EQUIPA comercial, a quem cabe conseguir as essenciais receitas publicitárias, junta-se frequentemente a dar conta de como vai o negócio, quem conseguiu o quê. Percebem-se que há objectivos definidos para cada vendedor, analisam-se os desempenhos um a um, saudando com palmas a vitória de um contrato fechado... É um conjunto atento, agressivo, sempre em cima. E com sucesso.

Certo dia, a reunião é para estudar maneiras de alargar o mercado. O "semente da criatividade", chamam-lhe. Um director da área sugere que se encontrem novas formas de "passar" a publicidade, seja nos separadores, "induzindo a um produto", seja em "vídeos" que "tenham induzido uma marca de álcool ou de tabaco, mas que possa passar antes das 21h30". Uma vendedora queixa-se de que quer vender publicidade indirecta num programa mas não a deixaram, porque era proibido — como, de facto, é. Voz ao lado: "Pois... é proibido quando vem daqui..." Insiste o director: "Mesmo que seja nas margens da lei, com boas ideias vamos forçar um bocadinho a barra..."

O futebol...

JUNHO DE 1996, vai começar o Europeu de Futebol, cujo exclusivo é da RTP. Há receitas sobre o mal que isso pode fazer às audiências da SIC. Emídio Rangel vê na "TV Gine" que a con-

corrência dará, entre os canais 1 e 2, jogos de futebol todos os dias. Que fazer? "Temos de partir o auditório, mulheres de um lado, homens de outro. Durante todo o Europeu vamos oferecer duas novelas, em vez de fazermos muito tempo da mesma novela, fazíamos um bloco mais largo... Fazemos sempre, em teoria, 60 minutos de cada novela. E vamos ali com duas novelas, uma e outra, até as pessoas ficarem... não largarem aquilo!" E remata com um comentário satisfeito: "Mortal!"

A imagem seguinte mostra toda a redacção da SIC colada ao pequeno ecrã, com o programa da RTP. Ninguém ali, homem ou mulher, perde pitada do primeiro jogo de Portugal no Europeu de Futebol, tudo para, tudo salta quando há gol. A SIC, entretanto, lá vai passando as suas novelas... E a estratégia dá frutos: numa sessão de análise das audiências, dias mais tarde, vê-se como a estação conseguiu os melhores resultados de sempre no segmento das donas de casa.

... e a telenovela

É UM PROBLEMA quando a novela Explode Coração chega ao fim e, não havendo ainda sucessora, os capítulos são encurtados. "Isto é dramático!", desabafará Rangel. Lá os números: "Ontem perdemos 10 pontos de 'share', porque não tivemos mais três minutos de novela..." E até se queixa do que faz a RTP: "Os tipos têm estado a aumentar o tempo da novela, ontem foram mais 20 minutos, não pode ser... modifica tudo..." Virado o feitiço contra o feitiço.

"A escolha da novela é um ponto absolutamente decisivo", insiste o director, enquanto vai telefonando para a TV Globo a procura de alternativas. Discute-se este e aquele título, como é que pegou no Brasil, quando esta pronto... Do lado de lá alguém faz uma pergunta, mas só se ouve a resposta de Rangel: "Não... a crítica portuguesa não conta para nada!" A falta de título forte, decide-se passar a novela do fim-de-semana para o período de segunda a sexta-feira, mas enroupa-se a coisa num "spot" de promoção bem urdido, como se tivessem sido os espectadores a reclamar a mudança. "O público pediu, a SIC cedeu..."

A imagem



REUNIÃO DE responsáveis da estação. Rangel prescreve-se com a imagem "que se tenta dar" da SIC: "Que só pensamos no dinheiro, que vendemos a alma ao diabo... É uma ideia que precisa de alguma correcção." Como? "Por exemplo, estávamos um mês inteiro... Este mês é dedicado à luta contra o cancro; o outro mês é dedicado a ajudar os cegos; o outro aos que lutam contra a sida; e não esquecer as crianças... E porque não fazer um pedido à favor dessas instituições através do telefone? [A chamada] custava por hipótese 600\$000..."

A propósito de contas, o director de informação e programas insiste em que a SIC pode ganhar dinheiro de outras maneiras ("merchandising", audiotexto, etc.) que não tem aproveitado. Com ênfase: "Volto a minha velha e permanente: esta estação que tem 50 por cento de 'share' vende tudo, até o Presidente da República! Um bocadinho para aqui, um bocadinho para ali... Vende sabonetes... Vamos lançar sabonetes, sabonetes. SIC vende tudo! A SIC tem de ser o 'pivot' para lançar outros projectos..."

Comentário

José Manuel Fernandes

A televisão do povo

NÃO TENHAMOS dúvidas: nos últimos cinco a SIC foi um dos principais fatores das mudanças que passou o país. No melhor e no pior sentido: por isso que ninguém lhe fica indiferente.

Quando, ao fim de apenas cinco anos, uma estação de televisão apresenta lucros chorados, é imperialmente o "top" das audiências e suas regras e o seu gosto, e difícil não falar de história de sucesso. Um sucesso que assentou na capacidade impar para captar o espírito do tempo, actuar como um exercício, unido em torno de um objectivo — agradar ao maior número, conquistar a maior audiência possível — e capaz de não ter culpas nem estados de alma. Emídio Rangel, à SIC, demonstrou aquele instinto matador que, para geral falta aos portugueses, bloqueados pelo paixão pelos mais fracos. A televisão de Rangel teve essa compunção e nunca hesitou em forçar limites da lei para impor a sua vontade. A reportagem televisiva cujo conteúdo revelamos nestas páginas, neste domínio, exemplarmente revelou os métodos são válidos em nome da conquistas mais espectaculares.

Nesta "guerra", a SIC excedeu-se, e não por vezes. Frequentemente, passou para lá dos limites éticos e chegou a ser nozeca, muito nozeca. — e é bom lembrá-lo — quando duramente criticada a SIC soube por vezes arrastar caminho dentro dos limites das sondagens, ou da com de rota e posterior abandono de programas como "Maquina da Verdade" ou A Caduça do Poder.

Ora e neste quadro que surpreende a "prensão" que por vezes surge em alguns sectores, justificando em nome do país que temos o direito do povo a "estar" na televisão. Surpreende os motivos.

Primeiro, porque se e verdade que uma estação comercial, para sobreviver, tem de agradar a todos, o que em Portugal quer dizer ser capaz de captar a atenção de uma multidão de deturcados. Isso implica automaticamente o nivelamento por "O Povo", na verdade, chegou pela primeira vez à televisão com o Zip (quem não tiver memória que já, por exemplo, um famoso programa em que se ouvia um prestamista...), não com o Big Show. E vo! também condenado pelo facto de produzir alarvas da estação. Não se invoca aqui o seu em vão.

Depois, porque sendo a SIC um instrumento poder, não está nem pode estar acima da crítica, boa parte da crítica de televisão é incompetente não impede que ela reflita o sentir de futuro, e antes da opinião pública. Mas os reparos que as publicistas tem feito a televisão, não devem ter dem ser sistematicamente seguidos, isto é, o facto de que produziram inúmeros erros. Censurar as excessos da SIC não implica censura. Afirmar que a SIC deve ter mais respeito pelos valores democráticos e convívios da sociedade não implica defender que a SIC deve reflectir a pluralidade social.

Mas há ainda outro aspecto, que convém esquecer. É que é no mínimo discutível que a SIC comercial da SIC assente sobretudo nos seus programas populares, nos tais que levam o "povo" a sério. Olhando para trás, para a trajetória das audiências, torna-se claro que o indicativo "bom" e "ruim" da estação de Pinto Balsemão tem principal pilar o exclusivo de telenovelas da Gesteção e grande trunfo da estação, muito mais os seus "talk shows" e "sistemas", ou que o dinamismo da sua programação. Por outras palavras, investindo na primazia do mercado e aplaudindo os seus capazes de vencer e gerar lucros, o facto de dispor desses inestimáveis valores que é o canal Globo deve tornar-se mais exigente relativamente à restante programação. É que a SIC não vive ou pelo menos já não necessita, de utilizar os seus meios que utiliza.

Ate porque a actual imagem da estação, as audiências parecem demonstrar, está a mudar. Classes mais instruídas e com mais poder de crítica O que quer dizer que o mercado se está a mudar, deixa antever que a SIC, se mantiver o curso que demonstrou ao longo destes anos, se mantenha igualmente. Nessa altura, por via do mercado, a da alteração do sentir da opinião pública, sentida que as críticas, afinal, não eram em vão.

Televisão

DOCUMENTÁRIO SOBRE A SIC



EMÍDIO RANGEL É O ACTO PRINCIPAL DO DOCUMENTÁRIO "A SIC". O MINISTÉRIO DA CULTURA PAGOU TRÊS MIL CONTOS POR ELE

A SIC VISTA POR DENTRO

Rangel à transparência

O Ministério da Cultura concedeu a uma produtora três mil contos a fundo perdido para um documentário sobre a SIC. Um filme que mostra o dia-a-dia daquela estação.

O Ministério da Cultura, através do Instituto Português da Arte Cinematográfica e do Audiovisual - IPACA -, concedeu um subsídio a fundo perdido a uma produtora portuguesa para co-produção de um documentário sobre a SIC. Trata-se de um filme que mostra o dia-a-dia naquela estação de televisão e em que os protagonistas são os próprios jornalistas, apresentadores, realizadores e técnicos. O documentário está pronto em Outubro e o primeiro comprador deverá ser mesmo o canal de Balsemão. Uma viagem ao umbigo da SIC, apoiada financeiramente pelo Estado.

Realizado por Mariana Otero, uma francesa conhecida no "médier", o filme, apresentado pela produtora S.P. Filmes Lda. ao júri do segundo concurso de apoio financeiro selectivo à produção

de documentários do IPACA para o ano de 1996/97, realizado em Fevereiro deste ano, obteve o quarto lugar e um subsídio a fundo perdido de três mil contos. Os restantes apoios vieram de diversas instituições francesas e do canal Arte.

Curiosamente, este resultado parece não ter agradado a outros produtores, pois, segundo soube O Independente, "A SIC", título provisório atribuído ao filme, tinha já concorrido ao primeiro concurso, realizado poucos meses antes, e ficou classificado em 13º lugar.

Segundo as nossas fontes, "não deixa de ser estranho que filmes que ficaram mais bem colocados no primeiro concurso tenham sido ultrapassados por um que ficou quase em último lugar". Mas as suspeitas parece terem ficado por aí. É que ninguém impugnou o concurso. O que já decidiu está decidido.

Presença natural. Durante meses a fio, Mariana Otero e a sua equipa de filmagens acompanharam o dia-a-dia na SIC. De tal maneira que nos últimos tempos já todos se tinham habituado à sua presença. Quando a naturalidade foi conquistada, tudo foi mais fácil. Filmaram tudo o que lhes aparecia à frente. Bastidores, reuniões de redacção, almoços na cantina, conversas na "régie". "Foi notável a abertura que a SIC nos proporcionou", disse a O Independente Pedro Martins, um dos responsáveis pela S.P. Filmes.

Este extraordinário documentário sobre 24 horas na vida de Emídio Rangel, sem dúvida o actor principal do filme, poderá ser visto pelos portugueses lá para o fim do ano. E promete surpreender. É que a vida do lado de lá do ecrã é muito diferente daquilo que todos vêem. As pressões, as notícias de últi-

ma hora, a guerra das audiências, a relação entre as pessoas, tudo isto é uma outra história. Desconhecida e, por isso mesmo, apetecível.

Embora Pedro Martins garanta que ainda não existe qualquer acordo com a SIC para que esta estação lhes compre o documentário, admite que, com certeza "serão os primeiros a ver o filme logo que esteja pronto". Pondo de lado a remota hipótese de ser a RTP ou a TVJ a adquirir o documentário sobre a sua concorrência, a venda do filme parece assim estar garantida à partida para a estação de Carnaxide.

Dias-a-dias. Para os responsáveis pela produtora, não lhes parece um contra-senso receberem o apoio do Estado. "Trata-se de um documentário completamente independente da SIC, de onde não recebemos nem um tostão, e que vem na linha de um projecto

que a realizadora tem vindo a seguir já há algum tempo", disse-nos Pedro Martins. É que o nome de Mariana Otero ficou conhecido com a atribuição de prémios ganhos com a realização de um documentário intitulado "La Loi du College". Trata-se de um filme que mostra a vida dentro de uma escola secundária francesa, com as suas hierarquias e leis próprias.

Também neste caso Mariana Otero passou meses a fio dentro de uma escola, das oito da manhã às seis da tarde, filmando o dia-a-dia daquela instituição. O filme teve algum sucesso no meio, e a produtora francesa que costuma acompanhar Mariana Otero, a Archipelle 33, tem agora em mãos um projecto que passa pela realização do mesmo género de documentário, desta vez na estação de televisão norte-americana CNN.

R.A.